

**URI – UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS
MISSÕES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MESTRADO EM
EDUCAÇÃO**

ADRIANA DA SILVA

**HISTÓRIA DE MATO GROSSO E O LEGADO FEMININO: MULHERES E SEU
PROTAGONISMO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO**

FREDERICO WESTPHALEN

2023

Adriana Da Silva

**HISTÓRIA DE MATO GROSSO E O LEGADO FEMININO: MULHERES E SEU
PROTAGONISMO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO**

**Dissertação realizada junto ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação da URI - Câmpus Frederico
Westphalen - como requisito final para
a obtenção do Título de Mestra em
Educação.**

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Cadoná.

FREDERICO WESTPHALEN

2023

S578h Silva, Adriana da
História de Mato Grosso e o legado feminino: mulheres e seu
protagonismo no campo da Educação / Adriana da Silva. – 2023.
177 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Regional Integrada do
Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen,
2023.

Orientadora: Dra. Eliane Cadoná.

1. Mulheres. 2. História da Educação. 3. Mato Grosso. 4.
Protagonismo feminino. I. Cadoná, Eliane. II. Título.

CDU 37

AGRADECIMENTOS

Nesse momento tão especial, em que Deus se mostra misericordioso e bondoso, paciente, puro Amor, elevo meu agradecimento, primeiro a Ele. O período do Mestrado foi repleto de desafios e conquistas, e, em cada momento, Ele esteve e está comigo.

À minha mãe, Ana Francisca da Silva, por ser meu colo, e eu o dela. O amor e a reciprocidade em todas as situações de saúde e de enfermidade, de alegrias partilhadas, sempre nos fortaleceu e uniu ainda mais. Sou grata a Deus por ser sua filha e contar com a senhora.

À minha orientadora, Professora Doutora Eliane Cadoná, pelos caminhos que me ajudou a trilhar na busca de evidenciar o quanto é importante a participação da mulher na educação...

A Roseclé Oliveira dos Santos e Angélica Miranda Matos, por todos os momentos de estudo e amizade, pelo suporte e a alegria de partilharmos tantos ensinamentos e aprendizagens ao mesmo tempo.

A Luís Mauro Costa Nunes, por contar com sua amizade e auxílio nas atividades que produzimos juntos.

A cada um/a que viveu comigo a concretização desse sonho, muito obrigada!

A educação é mais do que um simples ato, mas uma portentosa filosofia de vida capaz de elevar as virtudes humanas para patamares esplêndidos e tremendamente revigorantes. Transmitir o saber é um ofício maravilhoso, jubiloso e peculiarmente majestoso. No entanto, quem deseja realizar essa importante ação deve estar muito bem preparado para executar sua função por intermédio de atitudes diferenciadas, eficazes e positivas. Para todos os efeitos, mais importante que os títulos, a experiência profissional e a didática moderna é a capacidade de amar o próximo. É ela que separará os grandes dos pequenos, os poderosos dos previsíveis e os transformadores dos amadores.

RESUMO

A dissertação em questão tem como tema central a análise do papel das mulheres na educação do estado de Mato Grosso. A pesquisa busca compreender a contribuição histórica das mulheres nesse campo, destacando desafios, conquistas e ações que conformaram a trajetória educacional do estado. As perguntas norteadoras incluem a importância das mulheres no contexto histórico da educação, as personalidades femininas de destaque e os desafios enfrentados por elas. Os objetivos incluem investigar, por meio de documentos e entrevistas, a história da participação das mulheres na educação de Mato Grosso nos últimos trinta anos, descrever os papéis de destaque, identificar ações que mostram a participação ativa das mulheres e resgatar histórias específicas de mulheres que se destacaram na educação nos municípios de Cuiabá e Rondonópolis. A importância dessa abordagem está em registrar o papel das mulheres na história educacional do estado, para oferecer uma contribuição acadêmica e social significativa. Utilizando uma abordagem qualitativa com base em Minayo, a pesquisa se baseia no método da História Oral. Entrevistas e análise documental são empregadas para compreender a participação feminina na educação. Cinco mulheres de Rondonópolis e duas de Cuiabá foram escolhidas como sujeitos da pesquisa, enriquecendo a abordagem historiográfica mato-grossense. Na construção do Estado do Conhecimento, após analisar 330 trabalhos, apenas 11% foram considerados relevantes à temática, o que revela uma lacuna de estudos sobre a participação das mulheres na educação no estado em questão, reforçando a relevância da pesquisa. Dentre os principais resultados está a visão abrangente da contribuição feminina na educação, destacando as narrativas de mulheres que enfrentaram desafios, inovaram em práticas educacionais e lideraram mudanças estruturais, contribuindo para um cenário mais diversificado e inclusivo. Ao considerar e valorizar as contribuições das mulheres para a educação em Mato Grosso, a dissertação destaca a importância dessas figuras na construção da história educacional do estado. Antônia, Edina, Eunice, Laci, Mabel, Marli e Vilma: conclui-se que essas mulheres desafiaram padrões, inovaram em práticas educacionais e se desenvolveram significativamente para a construção de um cenário educacional mais inclusivo, participativo e adaptável às necessidades da sociedade mato-grossense. Seu legado é um testemunho do protagonismo feminino na construção da história educacional do estado.

Palavras-chave: Protagonismo feminino, Educação, Mato Grosso.

ABSTRACT

The central theme of this dissertation is to analyze the role of women in education in the state of Mato Grosso. The research seeks to understand the historical contribution of women in this field, highlighting the challenges, achievements and actions that have shaped the state's educational trajectory. The guiding questions include the importance of women in the historical context of education, prominent female personalities and the challenges they have faced. The objectives include investigating, through documents and interviews, the history of women's participation in education in Mato Grosso over the last thirty years, describing prominent roles, identifying actions that show the active participation of women and recovering specific stories of women who stood out in education in the municipalities of Cuiabá and Rondonópolis. The importance of this approach lies in recording the role of women in the state's educational history, in order to offer a significant academic and social contribution. Using a qualitative approach, the research is based on the method of Oral History. Interviews and documentary analysis are used to understand women's participation in education. Five women from Rondonópolis and two from Cuiabá were chosen as research subjects, enriching the historiographical approach in Mato Grosso. In constructing the State of Knowledge, after analyzing 330 works, only 11% were considered relevant to the theme, which reveals a gap in studies on the participation of women in education in the state in question, reinforcing the relevance of the research. Among the main results is a comprehensive view of women's contribution to education, highlighting the narratives of women who have faced challenges, innovated in educational practices and led structural changes, contributing to a more diverse and inclusive scenario. By considering and valuing the contributions of women to education in Mato Grosso, the dissertation highlights the importance of these figures in the construction of the state's educational history. Antônia, Edina, Eunice, Laci, Mabel, Marli and Vilma: it is concluded that these women challenged standards, innovated in educational practices and developed significantly to build a more inclusive, participatory and adaptable educational scenario to the needs of Mato Grosso society. Their legacy is a testimony to female protagonism in the construction of the state's educational history.

Keywords: Female protagonism, Education, Mato Grosso.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1. Estátua da Maria Sete Voltas.....	55
Figura 2 - Mulheres da etnia Guaicuru	79
Figura 3. Antônia Marília	112
Figura 4. Edina Mara.....	114
Figura 5. Eunice Cândida e Adriana.....	117
Figura 6. Laci Maria.....	119
Figura 7. Mabel Strobel	121
Figura 8. Marli Walker	124
Figura 9. Vilma Moreira	126
Figura 10. Edina em evento de Moção de Aplauso.....	135
Figura 11. Vilma Moreira na Câmara de Deputados	139
Figura 12. Professora Mabel e a Escola Cuiabana	142
Figura 13. Bazar solidá	143
Figura 13. Membro da elaboração do Estatuto da UFR (20.....	146
Figura 14. Marli em viagem cultural com estudantes em São Paulo.....	149
Figura 15. Professora Eunice na Moção de Aplausos pelo PROFMAT	150
Figura 16. PIBID na UFMT	151

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Resultados da Combinação 1	17
Gráfico 2. Resultados da Combinação 2	19
Gráfico 3. Resultados da Combinação 3	20
Gráfico 4. Resultados da Combinação 4	21
Gráfico 5. Resultados da Combinação 5	23
Gráfico 6. Trabalhos para posterior análise.....	23
Gráfico 7. Identificação dos respondentes	98
Gráfico 8. Mulheres destaques na Educação em Rondonópolis	98
Gráfico 9. Mulheres destaques na Educação em Cuiabá	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. “Mulher” AND “educação” AND “protagonismo”	16
Quadro 2. “Mulher” AND “educação” AND “Mato Grosso”	17
Quadro 3. “Mulher” AND “educação” AND “Brasil”	19
Quadro 4. “Mulher” AND “transformação social”	21
Quadro 5. “Participação da mulher” AND “educação”	22
Quadro 6 - Conquistas das mulheres feministas.....	59
Quadro 7 - Conquistas de mulheres no Brasil.....	64
Quadro 8 - Questionário para eleição das entrevistadas	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Contexto e justificativa da pesquisa	11
Estado do conhecimento	15
O que falam as pesquisas sobre o legado feminino no campo da Educação? .	24
Problema	51
Perguntas norteadoras	51
Objetivo geral	51
Objetivos específicos	51
O lugar da pesquisadora	52
1. MULHERES EM MATO GROSSO: EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS	57
1.1 Do patriarcado: educação, feminismo, relações de saber-poder, público e privado	57
1.2 As mulheres de Mato Grosso no período Colonial	65
1.3 As mulheres de Mato Grosso no período Imperial	70
1.4 As mulheres de Mato Grosso no período Republicano	83
2. CONCEPÇÕES E CAMINHOS METODOLÓGICOS	93
2.1 Tipo e método de pesquisa	93
2.2 Sujeitos da pesquisa	95
2.3 Procedimentos de coleta e análise de dados	105
3. MULHERES E EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA	109
3.1 Trilhando caminhos: Análise da participação feminina na Educação de Mato Grosso	110
3.2 Os papéis das mulheres no cenário educacional mato-grossense	131
3.3 A mulher como agente ativo na construção da história educacional do estado de Mato Grosso	138
3.4 Vivências e contribuições: mulheres na educação de Cuiabá e Rondonópolis	144
4. CONCLUSÃO	158
REFERÊNCIAS	162

INTRODUÇÃO

Contexto e justificativa da pesquisa

Nesse capítulo apresentamos o tema, a problematização, o problema de pesquisa e as questões norteadoras; o objetivo geral e os objetivos específicos; a justificativa de nossa pesquisa e o Estado do Conhecimento. A pesquisa tem como tema as mulheres do Estado de Mato Grosso, e o seu lugar enquanto sujeito participativo no processo histórico da Educação.

É inegável o quanto a participação da mulher vem crescendo ao longo do tempo em praticamente todos os ramos da sociedade. Dispensado o histórico de lutas por seus direitos, sempre exposta às mais diversas formas de discriminação, a mulher ganhou espaços que antes eram ocupados somente por homens.

A imagem da mulher desde a Idade Antiga esteve vinculada à família e ao lar, e esse processo ocorreu durante a revolução agrícola do período neolítico, onde ela, com toda sensibilidade de observação à natureza, passou a selecionar os grãos e, dessa forma, seu parceiro, utilizando-se da coleta selecionada, tornou-se um agricultor, e com sua produção de subsistência conseguiu a domesticação dos animais, delegando à mulher, que antes era sua parceira de caça, o único e restrito papel de procriar e administrar o lar, nascendo assim a submissão feminina, restringindo sua participação em diversas atividades sociais. Segundo Castells (2002), a mulher mudou sua rotina ao inserir-se no mercado de trabalho, ampliando sua participação não só nesse universo, mas, em outros ambientes e práticas sociais. Segundo Silva (2017, p. 09):

Em 1934, a mulher começa a participar das decisões sociais, e a restrição quanto ao direito eleitoral chega ao fim. A mulher passa a participar da política, podendo votar e tendo direitos iguais perante a sociedade. Essa conquista se deu quando os homens iam para as guerras e não voltavam ou então retornavam debilitados para continuar a exercer suas atividades rotineiras, portanto, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial contribuíram para alavancar os direitos femininos (Silva, 2017, p. 9).

Alavancados os direitos femininos, a mulher enfrenta os desafios – alguns dos quais permanecem até os dias atuais – como ocupar cargos de liderança, mostrando-se (necessariamente) capaz de realizar diversas atividades, no sentido de bem contribuir para com as transformações na sociedade.

A mulher de hoje tem mais liberdade de expressão, mais autonomia, os direitos mais respeitados, assume diversos lugares na sociedade e não está mais ligada somente à figura da mulher frágil, sem voz ativa, inferior. Muito embora homens e mulheres sejam sensíveis e dotados de sentimentos, socialmente falando, a mulher é educada para ocupar esse papel, antes de todas as transformações que a fizeram alcançar o que hoje ela desfruta.

O estado de Mato Grosso tem histórias para contar sobre a diferença que as mulheres vêm fazendo no Estado, seja na música, na economia, na política ou na cultura, e na educação, que é nosso foco de investigação.

Historicamente temos muitas transformações importantes quanto ao papel da mulher na sociedade, com objetivos alcançados mediante protestos e outras formas de se colocar em ação por algo que se acredita. Alguns estudos discutem sobre gênero e sexualidade – um tema que desde a década de 1970 ganhou espaço nas produções acadêmicas, em âmbito nacional e internacional, como ressaltam Meyer, Ribeiro e Ribeiro (2004):

Esse movimento que, no plano acadêmico internacional, surgiu com os departamentos de *women studies* e que, posteriormente, se ampliou para os *Gender Studies* e para os *Gays's and Lesbian's Studies* multiplicou-se, em muitas instituições, e serviu como impulsionador de uma ampla gama de pesquisas que passou a interrogar, a partir de perspectivas diversas, campos como a educação, a história, o direito, a literatura, a arte, a saúde, a teologia, a política, etc. (Meyer, Ribeiro e Ribeiro, 2004, p. 01).

Vimos que as ações são amplas e direcionadas a diversos campos, em face da necessidade de a mulher ter seu espaço garantido e respeitado, pelo simples fato de ser mulher – um ser humano tal qual o homem. Sobre essa necessidade Meyer, Ribeiro e Ribeiro (2004) argumentam que as inquietudes foram muitas, e decorrentes de constantes discriminações e violências sofridas pelas mulheres, principalmente no espaço da escola, quanto às questões de gênero e sexualidade.

Importante a afirmação de Colling (2014, p. 13), ao dizer que “A história da mulher implica na sua linguagem e na linguagem de quem a nomeia, e que, não há como negar, a constante transformação desta”. O que significa, estudar e escrever com veracidade sobre aquilo que se vê, que se sente, o que se testemunha – seja homem, seja mulher. Esse tipo de preocupação e muitas desigualdades vivenciadas pela mulher levaram estudiosos do Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana – GEISH a refletir com os/as educadores/as sobre a possibilidade da

educação sexual em âmbito escolar. Tema polêmico – um desafio, como expõem Meyer, Ribeiro e Ribeiro (2004):

Ao longo dessa trajetória permanecia o desafio de buscar referenciais teóricos que elucidassem a complexidade, os matizes e a diversidade desse campo. Neste percurso o grupo adentrou pelas veredas das perspectivas dos estudos culturais e pós-estruturalistas desconstruindo e reinventando o próprio modo de conceber as sexualidades e tem pautado suas pesquisas, considerando as perguntas formuladas e as análises realizadas, em referenciais pós-estruturalistas. (Meyer; Ribeiro; Ribeiro, 2004, p. 02).

Como se pode observar, não se trata de ações desvalidas de fundamento teórico e com uma visão única, mas que abrangem as questões culturais, observando que a educação é parte muito importante do processo de emancipação da mulher, de sua presença e participação maior nos mais diversos ambientes de trabalho e sociais. Como argumenta Colling (2014, p. 11-12) “A abordagem de questões que estavam candentes à sensibilidade de muitos historiadores era considerada como desviante, de menor importância, entre elas a questão específica das mulheres, a análise das suas diferenças”.

O que antes era visto como algo desnecessário e sem importância, a mulher como participante ativa em todos os meios sociais, passou a ser objeto de estudos, de lutas e de conquistas. A ‘invisibilidade’ da mulher ganhou olhares importantes. E, sendo a história das mulheres recente, “Elas não poderiam escrever as suas experiências se estavam englobadas em um sujeito único universal, masculino”, afirma Colling (2014, p. 12). Foi preciso desconstruir o papel da mulher para reconstruí-lo. E, “O modo mais eficiente para desconstruir algo que parece evidente, sempre dado, imutável, é demonstrar como esse algo se produziu, como foi construído”, complementa Colling (2014, p. 22).

Não se trata de colocar a mulher como a mais perfeita em tudo o que faz, mas, de dar-lhe um lugar a ocupar, no qual ela é capaz de atuar tão bem quanto o homem, e que, para isso, não é preciso “ninguém tirar o lugar de ninguém”. Foi preciso combater a ‘relação de poder’, como bem discute Louro (1997). Esta mesma autora deixa claro que o poder tinha o caráter de posse e domínio, e não de capacidade. E a mulher buscou e busca ainda, dispor suas capacidades em favor da sociedade: na família, nas mais diversas profissões, e em todos os espaços sociais os quais os homens antes dominavam.

Sobre a relação de poder, Louro (1997, p. 39) analisa que “o exercício do poder sempre se dá entre sujeitos que são capazes de resistir (pois, caso contrário, o que se verifica, segundo ele, é uma relação de violência)”. A resistência imperou e ainda impera sobre determinados assuntos relacionados à mulher. Como a questão do feminismo, que vem ao longo do tempo superando determinadas resistências. Complementa Louro (1997, p. 43), que, “Há nas relações de poder um enfrentamento constante e perpétuo. Como corolário desta ideia teremos que estas relações não se dão onde não haja liberdade”.

A liberdade que a mulher pretende, e vem buscando há décadas, é simplesmente a sua valorização enquanto ser humano dotado de habilidades e competências tais como as reconhecidas como sendo ‘únicas’ do homem. É o livre-arbítrio. É o ser. É o agir em igualdade no máximo que ela conseguir: na educação, na cultura, na religião, na política... O campo é vasto, os espaços são muitos e há lugar para todos/as. Desnecessário aplaudir o que se pode chamar de diferenças entre os sexos, e, inculcada a essa ideia, a hierarquização dos mesmo quando campos como trabalho, por exemplo, são colocados em questão. Sobre isso, analisa Louro (1997):

Relacionada, a princípio, às distinções biológicas, a diferença entre os gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. Teorias foram construídas e utilizadas para “provar” distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os lugares sociais, as possibilidades e os destinos “próprios” de cada gênero. O movimento feminista vai, então, se ocupar centralmente dessa diferença — e de suas consequências. (Louro, 1997, p. 49).

Quanto às diferenças discutidas, estas, segundo Louro (1997) iniciam-se pelo tom de pele, a rejeição pela mulher negra. Passam pela mulher homossexual, rejeitada. Mulher pobre, rejeitada. Mulher ‘estrangeira’, rejeitada. Preconceitos sem razão. Lógico que existem sim, as diferenças biológicas, e essas não carecem de discussão nesse trabalho. O certo é que, a relação ‘sexo forte x sexo frágil’ ganhou um novo olhar. E é justamente o olhar destituído de qualquer preconceito que trazemos nesse estudo: a mulher que é capaz de transformar sua própria história, é também capaz de contribuir para transformar a história de outros, seja na cultura, seja na educação, por exemplo.

Como preconiza Candau (2012), o reconhecimento e respeito às diferenças é algo desejável no convívio social. Porém, essas diferenças evidenciadas não podem

ser propulsoras de exclusão. Além disso, enquanto algumas diferenças fazem parte do humano, e conseqüentemente são necessárias para as relações sociais, outras são inculcadas com o intuito de privilegiar alguns grupos e pessoas em detrimentos de outros/as.

A presença da mulher na educação pode, por vezes, ser pensada como radicada na falta de oportunidade de exercer outra profissão, esquecendo-se do quanto exigente é o ofício do magistério, principalmente pelo caráter formativo crítico que dele se espera e confia. Não obstante, depreende-se que ainda exista a impressão de que a mulher representa o sexo frágil, desprovido de uma força física desnecessária em sala de aula. O que se contrapõe à máxima da docência, posto que para exercê-la todo esforço se faz necessário, do processo de formação continuada ao que se desenvolve durante o ano letivo, sempre em busca de oferecer o que há de melhor para mediar o conhecimento do/a aluno/a.

Com isso, a ideia de pesquisar a mulher na educação ultrapassa a qualquer pensamento que desintegre seu valor em qualquer profissão, mas, tornar mais consensual seu valor e contribuição nas mais diversas áreas sociais, de modo especial, na educação.

Estado do conhecimento

O estado do conhecimento compreende uma análise da produção científica em uma área específica durante um determinado período, reunindo periódicos, teses, dissertações e livros sobre um tema específico, e considera a influência do pesquisador, a instituição, o país e as conexões gerais. Nesse processo, são seguidas as seguintes fases: a análise de textos sobre produção científica, identificação da temática, leitura e discussão da produção existente, e constituição do *corpus* de análise, que pode incluir livros, teses, dissertações, além de textos de eventos acadêmicos. (Morosini, Fernandes, 2014).

Para confirmar a pertinência desta dissertação, realizamos a busca de publicações científicas para compor o Estado do Conhecimento, e assim salientar a necessidade de conhecer a história das mulheres protagonistas da Educação do Estado de Mato Grosso. Para tanto, utilizamos os seguintes descritores:

- (1) “Mulher” AND “educação” AND “protagonismo”;
- (2) “Mulher” AND “educação” AND “Mato Grosso”;

- (3) “Mulher” AND “educação” AND “Brasil”;
 (4) “Mulher” AND “transformação social”;
 (5) “Participação da mulher” AND “educação”.

Realizamos a pesquisa com esses descritores no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Em cada busca partimos dos descritores sem considerarmos nenhum critério de inclusão ou exclusão. Nos passos seguintes, refinamos as buscas ponderando as opções trazidas no painel de informações quantitativas.

(1) **“Mulher” AND “educação” AND “protagonismo”**. Com essa **combinação 1** identificamos 65 trabalhos. Refinamos a busca com os critérios: Tipo: Mestrado e Doutorado; Ano (1999-2022); Área do Conhecimento / Nome do Programa: Educação. Mediante esses passos encontramos 14 trabalhos, dentre os quais selecionamos 05, por apresentarem maior proximidade com nosso tema, conforme o Quadro 1.

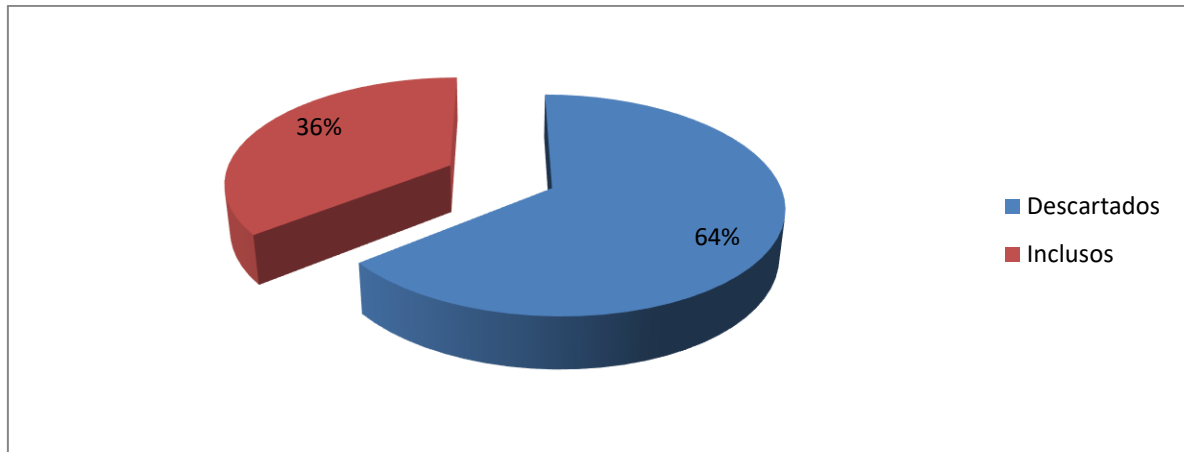
Quadro 1. “Mulher” AND “educação” AND “protagonismo”

Título	Autor / Autora	Ano, Tipo, Instituição	Palavras-chaves
Mulheres e docência: professoras na educação profissional na área de Gestão e Negócios	Bruna Viotto da Cruz	2020, Mestrado em Educação, Centro de Ensino Salesiano de São Paulo	Educação Profissional; Educação Popular; Gênero; Mulheres na docência; Gestão e Negócios
A mulher escrita: Notas sobre a (in)visibilidade feminina no material didático no ensino médio de língua portuguesa e literatura do Estado de São Paulo	Jéssica Kurak Ponciano	2015, Mestrado em Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Presidente Prudente	Feminismo; Crítica Literária Feminista; Material Didático, Gênero, Representação Feminina.
Trajatória de vida, estratégias de resistência e protagonismo de professoras quilombolas da Comunidade de Chumbo / Poconé/MT	Luciano da Silva Pereira	2017, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso	Educação; Comunidade quilombola do Chumbo; Trajetória de vida; Reconhecimento profissional; Professoras quilombolas.
Mulheres negras garimpeiras na região de Peixoto de Azevedo – MT: Década de 1970 e 1980	Luzia Rodrigues Arruda	2015, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso	Mulheres-negras; Garimpo; Educação; Saberes.
Invenção do magistério público feminino paulista: Mestra Benedita da Trindade do Lado de Cristo na trama de experiências docentes (1820-1860)	Fabiana Garcia Munhoz	2018, Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo	História da Educação. Magistério feminino. Província de São Paulo. Benedita da Trindade do Lado de Cristo. História das mulheres

Fonte: Base de dados da CAPES (2022)

No Gráfico 1 apresentamos o total de trabalhos descartados e inclusos referentes às buscas com a Combinação 1.

Gráfico 1. Resultados da Combinação 1



Fonte: Elaboração da autora, 2022.

(2) **“Mulher” AND “educação” AND “Mato Grosso”**: Com essas palavras-chave que formam a **‘combinação 2’** identificamos 106 trabalhos. Refinamos a busca no painel de informações quantitativas com os critérios: Tipo: Mestrado e Doutorado; Ano (2003-2022); Área do Conhecimento / Nome do Programa: Educação. Mediante esses passos, deparamo-nos com 29 trabalhos; passamos à leitura dos títulos de cada trabalho, com o objetivo de analisar maior proximidade com nosso tema de pesquisa, e selecionamos 12 para compor o Estado do Conhecimento, no Quadro 2.

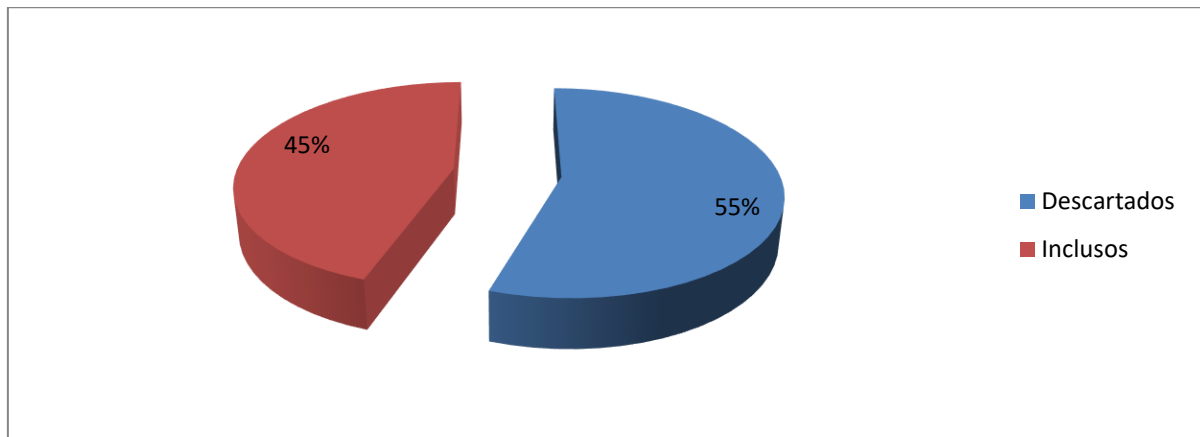
Quadro 2. “Mulher” AND “educação” AND “Mato Grosso”

Título	Autor / Autora	Ano, Tipo, Instituição	Palavras-chaves
Mulher e Educação: representações da educação feminina em Mato Grosso na Era Vargas	Linet de Sá Santos	2014, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso	História das Mulheres; Mulher Mato-Grossense; Representações; Educação da Mulher.
Infância, gênero, religião e educação: Entre as memórias da menina e as concepções da mulher educadora	Patrícia Alves Santos Oliveira	2019, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso	Infância; Gênero; Sexualidade; Religião; Educação
Gênero e educação nas escrituras de Conceição Evaristo: Um olhar sobre Ponciá Vicêncio e becos da memória	Rosângela Aparecida Cardoso da Cruz	2016, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso	Conceição Evaristo; Literatura Afro-brasileira; Educação; Gênero; Identidade

“Mulher não pode fazer o que eu fiz”: gênero e educação da prisão no estabelecimento penal feminino de Corumbá, Mato Grosso do Sul	Bruna Fernanda Santos Silveira	2019, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	Educação da Prisão; Gênero; Mulher.
Educação da mulher bororo - Caminhos formativos na educação escolar indígena em Mato Grosso	Neide da Silva Campos	2021, Doutorado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso	Educação; Professoras; Mulheres; Povo Bororo
Mulheres negras garimpeiras na região de Peixoto de Azevedo – MT: Década de 1970 e 1980	Luzia Rodrigues Arruda	2015, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso	Mulheres-negras; Garimpo; Educação; Saberes.
Trajetórias e identidades de docentes negras na educação superior	Edicléia Lima de Oliveira	2020, Mestrado em Educação, Universidade Federal da Grande Dourados	Trajetórias de Professoras Negras; Identidade; Mulher; Docência; Educação Superior.
Trajetória de vida, estratégias de resistência e protagonismo de professoras quilombolas da Comunidade de Chumbo / Poconé /MT	Luciano da Silva Pereira	2017, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso	Educação; Comunidade quilombola do Chumbo; Trajetória de vida; Reconhecimento profissional; Professoras quilombolas
Trabalhos de agulha e prendas domésticas: educação feminina mato-grossense (1889 - 1910)	Sandra Jung de Mattos	2018, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso	História da Educação feminina; Escolarização das Mulheres; Instrução Pública Feminina
Vivências da parteira em Acorizal-MT: Saberes e experiências no cuidado com a vida	Márcia de Campos	2017, Mestrado em Educação	Parteira; Educação Popular; Saberes; Cuidado em Saúde
Educação, gênero e criminalidade: as adolescentes que cumpriram medidas socioeducativas em meio aberto em Goiânia (2010-2014)	Ruskaia Fernandes Mendonça	2017, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Goiás	Adolescência; Gênero; Criminalidade
“Escola modelo de língua japonesa de Dourados-MS”: Movimentos, histórias e memórias de mulheres'	Joice Camila dos Santos Kochi	2017, Mestrado em Educação, Universidade Federal da Grande Dourados	Imigração japonesa; Formação feminina; Escola étnica

Fonte: Base de dados da CAPES (2022)

O gráfico abaixo mostra que 45% dos trabalhos encontrados na busca com a Combinação 2 tratam de nossa temática, e o resumo desse percentual foi analisado para confirmarmos essa possibilidade.

Gráfico 2. Resultados da Combinação 2

Fonte: Elaboração da autora, 2022.

(3) “Mulher” AND “educação” AND “Brasil”: Com essas palavras-chave que formam a ‘**combinação 3**’ identificamos 827 trabalhos. Refinamos a busca com os critérios do painel informativo quantitativo: Tipo: Mestrado e Doutorado; Ano (2003-2022); Área do Conhecimento / Área de Concentração / Nome do Programa: Educação. Mediante esses passos, encontramos 56 trabalhos. Passamos à leitura dos títulos de cada trabalho, com o objetivo de analisar maior proximidade com nosso tema de pesquisa. Verificamos que 03 trabalhos se repetiram das buscas anteriores; selecionamos 07 para compor o Estado do Conhecimento, conforme o Quadro 3.

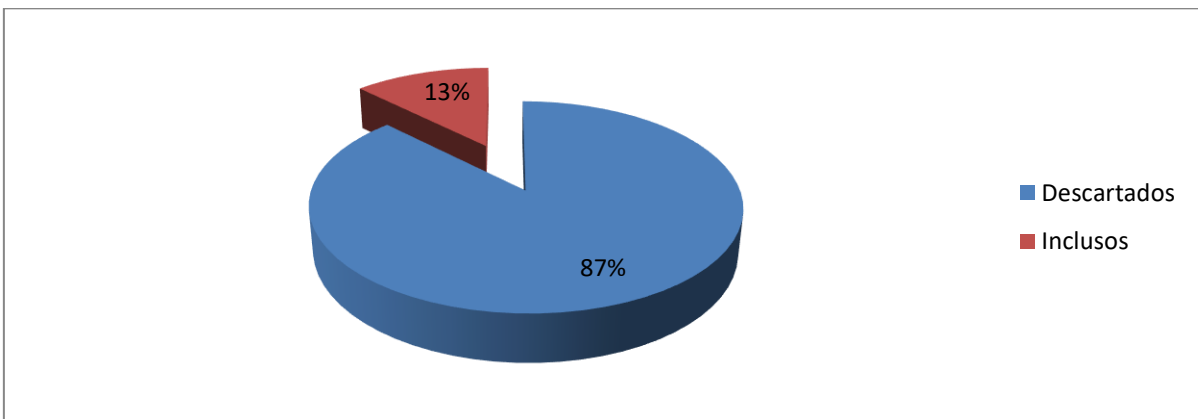
Quadro 3. “Mulher” AND “educação” AND “Brasil”

Título	Autor / Autora	Ano, Tipo, Instituição	Palavras-chaves
Saberes das mulheres veteranas na economia solidárias: sororidade a outra educação	Simone Silva Alves	2014, Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Conhecimento, Mulher, Economia solidária; Cooperação
Indígena-mulher-mãe-universitária o estando estudante na UFRGS	Patrícia Oliveira Brito	2016, Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Ações Afirmativas; Ensino Superior; Mulheres Indígenas; Indígenas mães na UFRGS; Indígenas na Universidade
O acesso da mulher ao ensino superior na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Priscila Trarbach Costa	2016, Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Acesso à instrução; Instrução Feminina; Ensino Superior; História da Educação
A mulher no ensino profissional em Manaus: visibilidade, espaços e dinâmicas na ETM e ETFAM (1937-1971)	Vannessa Ribeiro da Silva	2018, Mestrado em Educação, Universidade Federal do Amazonas	História das Mulheres; Ensino Profissional; Espaços Ocupados; ETM e ETFAM

Mulheres negras e suas representações nas coleções de livros didáticos de biologia aprovados pelo PNLD — 2015	Lauana Araújo Silva	2018, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Uberlândia	Livros didáticos de Biologia; Mulheres Negras; Relações étnico-raciais; Educação
O educativo na construção da emancipação da classe trabalhadora na Marcha Mundial das Mulheres: o processo de luta das mulheres no Rio Grande do Sul – Brasil	Ingrid Wink	2016, Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Feminismo; epistemologia feminista; movimentos sociais; educação; divisão sexual do trabalho
O ensino de história e a formação das professoras na escola normal de Niterói nos primórdios da República (1896-1899)	Cristiane Kozlowsky Neves	2018, Mestrado em Educação, Universidade Federal Fluminense	Ensino de História; Escola Normal; Formação de professores

Fonte: Base de dados da CAPES (2022)

Gráfico 3. Resultados da Combinação 3



Fonte: Elaboração da autora, 2022.

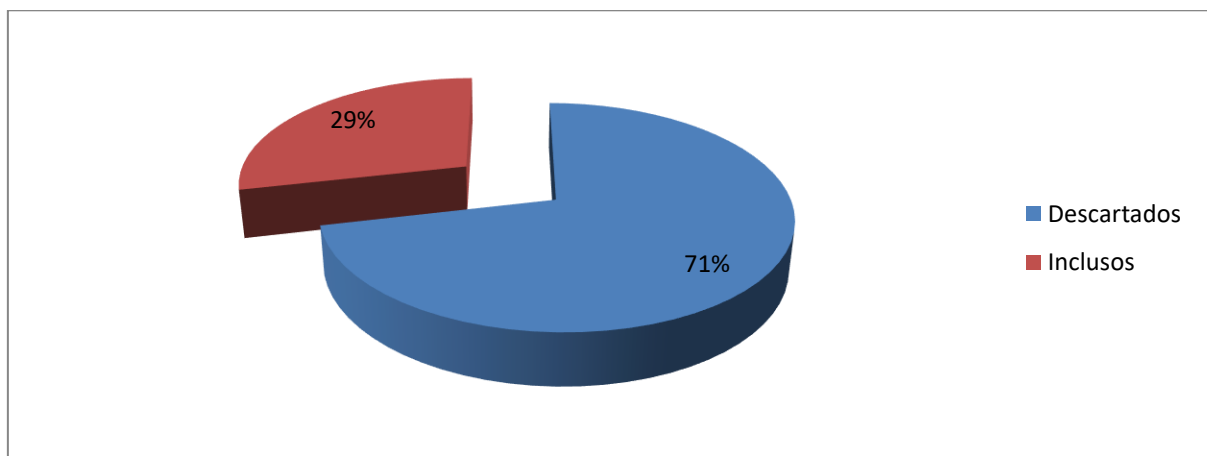
O Gráfico 3 mostra que 13% dos trabalhos referentes à ‘Combinação 3’ condizem com nosso tema, e fazem parte do Estado do Conhecimento.

(3) “Mulher” AND “transformação social”: Com a ‘**combinação 4**’ identificamos 611 resultados. Refinamos a busca com as opções: Tipo: Mestrado e Doutorado; Ano (2003-2022); Área do Conhecimento / Área de Concentração / Nome do Programa: Educação. Após refinar os resultados, encontramos 07 trabalhos, dentre os quais, 02 tiveram seus resumos analisados, conforme o Quadro 4.

Quadro 4. “Mulher” AND “transformação social”

Título	Autor / Autora	Ano, Tipo, Instituição	Palavras-chaves
Modos de re (existir), de (res) sentir: mulheres negras e relações raciais na educação	Viviane Inês Weschenfelder	2018, Doutorado em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Negritude; Mulher negra; Subjetivação; Ressentimento; Educação das Relações Étnico-Raciais
O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e os cursos de licenciatura em Pedagogia: investigando as possibilidades de intercâmbio e diálogo no âmbito das práticas educativas	Mônica Maria Tourinho Oldiges	2014, Mestrado em Educação, Universidade Comunitária da Região de Chapecó	Movimentos Sociais. Ensino Superior. Processos e práticas educativas. Pedagogia. Gênero. Movimento de Mulheres Camponesas

Fonte: Base de dados da CAPES (2022)

Gráfico 4. Resultados da Combinação 4

Fonte: Elaboração da autora, 2022.

Conforme apresentamos no Gráfico 4, apenas 29% dos trabalhos encontrados com a “Combinação 4” tiveram seus resumos analisados.

(5) “Participação da mulher” AND “educação”: Com a ‘combinação 5’ identificamos 3.589 resultados. Refinamos a busca com as opções: Tipo: Mestrado e Doutorado; Ano (2003-2022); Área do Conhecimento / Área de Concentração / Nome do Programa: Educação. Refinados os resultados, encontramos 224 trabalhos.

Pelo grande número de trabalhos encontrados com a ‘combinação 5’, optamos por, desde a ‘combinação 1’ realizar a leitura do título de cada trabalho e listarmos aqueles que dizem respeito ao nosso tema de estudo: História do Mato Grosso: Contribuições das mulheres e suas interligações com a Educação. Os trabalhos excluídos (da combinação 1 até a combinação 4). E na sequência desse parágrafo,

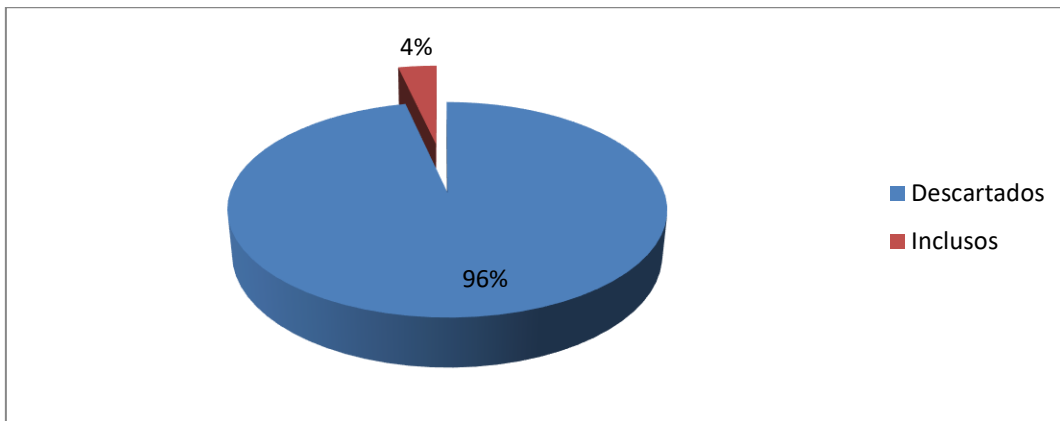
trazemos os estudos referentes à ‘combinação 5’, elencando apenas aqueles que indicam versar sobre nossa temática. Dentre os trabalhos, observamos que seis deles se repetiam das buscas anteriores.

Quadro 5. “Participação da mulher” AND “educação”

Título	Autor / Autora	Ano, Tipo, Instituição	Palavras-chaves
Mulher e Educação: representações da educação feminina em Mato Grosso na Era Vargas	Linnet de Sá Santos	2014, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso	História das Mulheres; Mulher Mato-Grossense; Representações; Educação da Mulher.
Mulheres tecedoras de si a partir da produção do artesanato: Um saber fazer que tece, destece e retece	Cíntia Andrea Dornelles Teixeira	2016, Doutorado em Educação, Universidade do Vale do Rio Sinos	Mulher-artesã. Mulher-professora. Processo formador – aprendizagens
Bertha Lutz e a construção de condições para a autonomia da mulher brasileira: trabalho, política e educação (1919-1937)	Raquel dos Santos Quadros	2018, Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Maringá	Educação; História da educação; Bertha Lutz
Narrativas de uma mulher educadora/professora negra: Constituição identitária e a escrita como combate à invisibilidade	Maria Eduarda Ribeiro da Silva	2021, Mestrado em Educação, Universidade de Caxias do Sul	Docência Negra; Escrivência; Historicidade; Desigualdade; Mulher Negra
Entre números e saias: a trajetória de mulheres professoras de Ciências Exatas da Universidade Federal do Maranhão	Fernanda Vanessa de Jesus da Silva	2020, Mestrado em Educação, Universidade Federal do Maranhão	Mulher; Docência; Ciências Exatas; Trajetória
“É preciso ter coragem!”: um estudo das narrativas de mulheres na política	Dárcia Amaro Ávila	2014, Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande	Gênero. Política partidária. Narrativas. Estudos Culturais
A Amélia que era mulher de verdade? Produção associada e relações de gênero em comunidades tradicionais de Cáceres/MT: para além de estereótipos e preconceitos	Camila Emanuella Pereira Neves	2017, Doutorado em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso	Relações de gênero; Comunidades tradicionais; Produção associada e o princípio educativo do trabalho
O lugar da mulher no contexto escolar do século XIX: análise da trajetória profissional de Guilhermina de Azambuja Neves	Maria Isadora Caldas Ferreira	2021, Mestrado em Educação, Universidade Federal Fluminense	História das Mulheres; História da Educação; Autoria Feminina; Guilhermina de Azambuja Neves; Século XIX

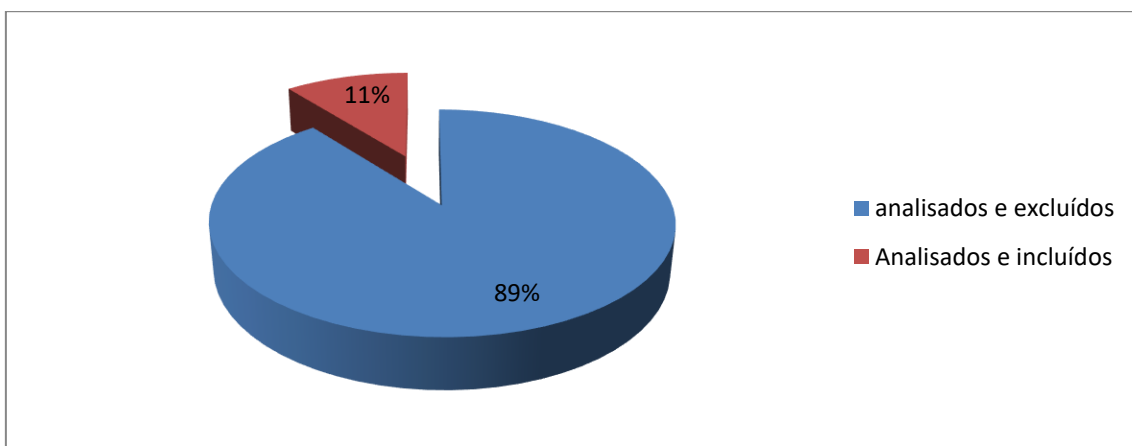
Fonte: Base de dados da CAPES (2022)

Após a análise dos títulos dos 224 estudos encontrado com a ‘combinação 5’, constatamos que apenas 08 trabalhos (4%) contribuiriam com a abordagem ao nosso tema.

Gráfico 5. Resultados da Combinação 5

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

O próximo gráfico apresenta o total de trabalhos encontrados, somando-se as buscas com as cinco combinações de descritores, destacando o total de trabalhos que compõem o Estado do Conhecimento de nossa pesquisa.

Gráfico 6. Trabalhos para posterior análise

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Ao final das buscas com as cinco combinações de descritores, podemos afirmar que, do total de 330 trabalhos encontrados e analisados, apenas 11% deles tiveram seus resumos apresentados nesse estudo por confirmarmos que correspondem à abordagem de nossa temática.

Na etapa subsequente apresentamos as teses e dissertações selecionadas para contribuírem com nossa pesquisa, buscando compreender o que trazem a respeito da participação e contribuição da mulher na história da educação. Nosso

objetivo ao realizar o Estado do Conhecimento foi encontrar produções que discutiram o tema nos últimos 30 anos, e realizar uma análise crítica dos dados levantados.

O que falam as pesquisas sobre o legado feminino no campo da Educação?

Cruz (2020) discutiu as conquistas das mulheres na Educação Profissional, por observar que antes, voltavam-se mais aos trabalhos manuais e quando muito, exerciam a carreira docente em cursos como Contabilidade e Administração. Diante dessa problemática, o principal objetivo dessa pesquisa foi saber quais são as percepções das professoras sobre: ser mulher, seu percurso formativo e atuação profissional como docente. No arcabouço teórico, foram utilizadas como principais referências: © Louro (1997, 2000, 2011, 2014) e Paulo Freire (1986, 1987, 2014). A metodologia utilizada compreendeu a abordagem qualitativa de método dedutivo, com coleta de dados por meio de instrumentos qualitativos (rodas de conversa) e quantitativos (apresentados em tabelas, quadros e gráficos) – com base no acervo da escola, para investigar a quantidade de professoras e professores e sua participação em processos seletivos na unidade escolar (Escola Técnica Estadual) e na instituição (Universidade Estadual Paulista). Principais achados dessa pesquisa: comprovação de discursos machistas no ambiente escolar de forma sutil; historicamente as escolas técnicas representavam a exclusão da mulher na educação profissional; por igualdade de acessos, as mulheres chegam hoje às diversas áreas do conhecimento e do mercado, antes reservados somente aos homens; a presença feminina é mais naturalizada no exercício docente na educação básica; as mulheres não se acomodam diante de imposições sociais; a presença e a não-presença da mulher em determinadas áreas nem sempre é percebida ou discutida.

Ponciano (2015) buscou, por meio da utilização das correntes de pensamento feministas, problematizar as representações hegemônicas de gênero que reiteram e enfatizam atitudes de preconceito e desigualdades entre homens e mulheres. A abordagem foi de procedimento analítico do tipo qualitativo, com análise de documentos e apresentação de dados quantitativos, buscando a frequência das figuras femininas nas apostilas eleitas para a pesquisa e também, a quantidade de textos literários de autoria feminina. À luz dos Estudos e Teorias Feministas, a pesquisadora analisou as possibilidades de realização de um “fazer pedagógico” que rompe com o viés patriarcal; elaborou uma análise dos textos que compõem os

Cadernos do/a Aluno/a de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio da Rede Pública Estadual de São Paulo, apresentando o modo como o material é estruturado, narrando as iniciativas públicas que motivaram a confecção dos manuais didáticos. No alcance dos objetivos, a pesquisadora concluiu que a maioria dos textos selecionados traz aspectos negativos e estereotipados com relação às figuras femininas, cujo número em obras referenciadas e constantes no material didático analisado, é mínimo. Além disso, observou-se a urgente reformulação dos Cadernos do aluno e do professor, em razão de neles constarem uma imagem naturalizada de interiorização da mulher, ante a manutenção de uma cultura patriarcal.

Pereira (2017) realizou uma pesquisa de abordagem qualitativa de método etnográfico e história oral, com o objetivo de conhecer a trajetória de vida de cinco professoras quilombolas, bem como compreender como elas enfrentaram as discriminações raciais que vivenciaram no percurso escolar e profissional. Os dados foram coletados por meio de observação participante, entrevistas semiestruturadas, caderno de campo, análise de documentos (história antiga e atual da comunidade), entrevista de história de vida e recurso fotográfico. Além das professoras, foram sujeitos de pesquisa duas professoras que já lecionaram na localidade e três moradores antigos. O pesquisador concluiu que, mesmo diante das dificuldades, as alegrias e respeito também se fizeram presentes na história de vida das professoras investigadas, que guardam na memória experiências como filhas, irmãs, mães, esposas e professoras. São mulheres que, como os demais moradores da Comunidade do Chumbo, enfrentaram muitas dificuldades na área da educação, da saúde, da assistência social. No entanto, esta comunidade mantém a identidade cultural pelas narrativas dos mais idosos, pelos laços familiares e de amizade. Como professoras, essas mulheres sustentaram-se e auxiliaram na melhoria das condições de vida de suas famílias e também da comunidade. Em momento algum se vitimizaram, e buscaram na docência o respeito e o reconhecimento pessoal e profissional merecido.

Por observar a chegada de mulheres nas diferentes áreas, de modo especial no trabalho garimpeiro na região de Peixoto de Azevedo-MT, onde imaginava-se o rompimento de habituais barreiras da divisão sexual do trabalho, Arruda (2015) percebeu o prevalecimento de ignorância e rudeza, além de insalubridade e necessidade de resistência física, considerando o garimpo um não lugar para o trabalho feminino. Diante desse cenário, o principal objetivo foi compreender os

saberes que fizeram com que essas mulheres se constituíssem garimpeiras naquela região, no período de 1970 a 1980, exercendo uma função de prestígio, como donas de “dragas” e “balsas”. Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, numa perspectiva da metodologia da História Oral, utilizando a técnica da História de Vida, com aplicação de entrevista semiestruturada e fotografia. Participaram da pesquisa quatro mulheres negras que se tornaram garimpeiras e duas outras mulheres que vivenciaram o processo de extração naquela área. Os principais resultados apontam que: essas mulheres migraram vislumbrando reconstruir suas vidas, chegando ao local depois de muitas dificuldades em relação ao transporte, à saúde e outros. Elas não se renderam aos descréditos impostos pela sociedade à época, superando as situações de violência com resiliência, resistência e profissionalismo. Em tempos de mudanças econômicas e dificuldades estruturais, essas mulheres contribuíram para com o processo civilizatório local.

Munhoz (2018) fez um histórico da educação brasileira desde a criação de escolas de primeiras letras de meninas (1827), com o objetivo de compreender a constituição do magistério público feminino no universo da história das mulheres trabalhadoras e da sociedade paulista oitocentista, elegendo para o início da narrativa, a primeira professora pública da Província, Benedita da Trindade do Lado de Cristo, conhecida como “Mestra da Sé”. A metodologia de pesquisa qualitativa deu-se pelo método de história social, história do cotidiano e micro história, com a contribuição de pesquisas sobre história das mulheres e história da educação. A partir da experiência da professora Benedita, outras 15 professoras oitocentistas tiveram suas trajetórias analisadas. Dentre as fontes de pesquisa destacam-se: manuscritos do Arquivo Público do Estado de São Paulo; legislação e relatórios da Instrução Pública e de presidentes da Província; periódicos; documentação censitária; registros visuais; relatos de viagens e literatura memorialista. A pesquisa evidenciou que as professoras ocupavam lugar de respeito e referência na sociedade; quando aposentadas, recebiam os proventos integralmente, incluindo-se as gratificações; o exercício do magistério era exigente e privilegiava o protagonismo feminino, por não carecer de esforço físico. No período analisado, observou-se a ampliação da instrução feminina não só em relação ao magistério, mas, às questões domésticas, configurando diferentes experiências de escolarização da mulher. Também se materializou o exercício do cargo administrativo numa linha sucessiva, principalmente à frente de asilos. Concluiu-se que as experiências das professoras oitocentistas contribuíram para

que o universo feminino modificasse e rompesse com os destinos mais recorrentes; para além da educação, contam sobre o “ser mulher” e o protagonismo feminino possível no século XIX.

Na perspectiva da história cultural e das representações, o objetivo da pesquisa de Santos (2014) foi investigar as representações de educação da mulher presentes na sociedade mato-grossense, na pretensão de saber se havia consenso sobre a educação da mulher no período de 1930 a 1945. Os dados documentais foram coletados de obras memorialísticas, legislações, mensagens de interventores, periódicos, estando esses e outros documento depositados em bancos de dados como o Arquivo Público de Mato Grosso, no Arquivo da Casa Barão de Melgaço, no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional/UFMT e no Acervo do Grupo de Pesquisa História da Educação e Memóri–/UFMT - GEM. Nas considerações finais, a autora explicita a intenção de não comparar homem e mulher, mas sim, dar a merecida visibilidade às mulheres e suas conquistas nos mais diversos espaços no período analisado. Nesse período, as mulheres ocuparam lugar de esposa e mãe, professora e outros ofícios, porém, com remuneração abaixo do recebido pelos homens. No estado de Mato Grosso, a participação ativa da mulher deu-se em teatros e saraus literários, em atividades que culminaram na criação de associações que lutavam por seus direitos. E ainda, em duas frentes de representações: uma voltada à educação da mulher como a extensão de suas tarefas domésticas, e outra, que visava sua qualificação para sua emancipação. Foi um período educação igualitária para homens e mulheres.

Inspirada na análise do discurso (de Mikhail Bakhtin), a pesquisa de Oliveira (2019) buscou compreender, nas memórias das estudantes de Pedagogia, os sentidos que produzem sobre suas experiências de infância, quanto a questões de gênero e religião. Na coleta de dados, a autora aplicou entrevistas semiestruturadas, com foco nas memórias de infância de quatro estudantes do curso de Pedagogia, do polo de extensão do Instituto Superior Albert Einstein (ISALBE), de Rondonópolis-MT, sempre em contato com as teorias da crítica feminista. Nas narrativas, a autora deparou-se com sentimentos como o medo, sem, no entanto, as participantes se colocarem como vítimas, mas, reportavam-se aos relatos como um momento de alívio, de oportunidade de falar de questões angustiantes. Em suas memórias ainda pairam as contradições entre a inocência de uma infância idealizada e vivida na realidade, problemática. O gênero e a religião se aproximam ao colocar o Pai (Deus) como

Aquele que protege a todos, e o pai como uma presença hierárquica na família, ainda que este último não tenha sido muito falado. Firma-se a contatação de que o discurso religioso tenha neutralizado algumas situações a ponto de deixar dúvidas acerca da responsabilidade das educadoras diante da tentativa de restrição das expressões de gênero e sexualidade na infância.

Cruz (2016) justifica sua pesquisa pela necessidade de exaltar a relevância e a representatividade da mulher negra, tendo como principal objetivo reavivar as trajetórias e percursos pelos quais passou e foi protagonista a poetisa e romancista, Conceição Evaristo, mulher negra brasileira. De metodologia qualitativa, voltada aos estudos do gênero e pós-feministas acerca da escrita feminina contemporânea presente na literatura afro, analisou-se duas obras de Conceição Evaristo [(Ponciá Vicêncio (2003) e Becos da Memória (2013)]. A pesquisadora afirma que cada ser humano é constituído por múltiplas vozes, no entanto, não como dissociar as narrativas das obras de Conceição Evaristo, dela mesma, pois, suas marcas estão nas linhas e entrelinhas de seus escritos, nas vozes de suas personagens. Nas falas simples, porém sábias, a poetisa leva o leitor a refletir sobre as desigualdades de gênero presentes nos discursos sobre “mulher, negra e educação”. De forma intensa e ao mesmo tempo sutil, Evaristo, que é exemplo de perseverança pela educação, dá voz aos excluídos, numa espécie de “escrita-denúncia”, como diz a autora, na qual se notificam saberes internalizados de como não se abater diante das adversidades.

Silveira (2019) inquietou-se com as situações do gênero vivenciados por mulheres em situação de cárcere, observadas enquanto responsável pelo desenvolvimento de um projeto municipal que ofertava palestras e outras atividades sobre artesanatos a partir do lixo. Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa com o objetivo de analisar como a educação da penitenciária feminina de Corumbá-MS se relaciona com as questões de gênero. Para tanto, aplicou-se entrevista semiestruturada para dez mulheres com perfis de diferentes características, no que se refere a idades, cor/raça, origem cultural, níveis sociais e educacionais. Essas mulheres não haviam participado do Projeto, o que representou um grande desafio para a pesquisadora, além de outros encontrados durante a pesquisa na penitenciária, como um suicídio ocorrido no segundo dia de pesquisa de campo e muito choro durante as entrevistas. O referencial teórico adotado foi o pós-crítico, que a auxiliou nas relações entre o ser psicóloga e pesquisadora, no contato com a realidade individual das participantes, na busca de respostas sobre: a educação da prisão, o ser

mulher fora e dentro da penitenciária, os (re)significados de gênero e sexualidade. Nas considerações finais, a autora afirma a educação da prisão, responsabilidade do Estado, é realizada com vistas a atender as (re)educandas nas seguintes dimensões: religião cristã, comportamentos discretos, relações familiares (maternidade), dentre outros. Mesmo em situação de privação de liberdade, essas mulheres constroem e reconstróem sua identidade, com experiências que muitas vezes as conduzem para um questionamento identitário, por vezes sufocado pelo arrependimento, pela necessidade de se fazer ouvir, de se fortalecer.

O principal objetivo da pesquisa de Campos (2021) foi compreender os sentidos e significados a partir do lugar da mulher nesta sociedade matrilinear e a transição do lugar de detentora e transmissora do conhecimento tradicional clânico para o de professora que ensina os conhecimentos da sociedade ocidental. O estudo retrata a invisibilidade histórica da mulher bororo ao mesmo tempo em que observa e descortina o seu silêncio e força, a sensibilidade e o comprometimento com o coletivo durante o período de pesquisa, no cenário onde tem suas vivências. No percurso metodológico, foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica de estudo de caso, com a utilização de diário de campo, fotografias, aplicação de entrevistas para cinco mulheres *Boe*, análise documental e bibliográfica de indígenas e não indígenas. Essas mulheres residiam e três aldeias distintas e em duas terras indígenas, o que tornou o contexto pesquisado dinâmico e diverso, evidenciando a mobilidade e a transitoriedade entre os povos indígenas. Das entrevistadas, “quase todas têm a identidade demarcada e vinculada à função social de ser avó” (p. 50). Destaca-se o forte reconhecimento da mulher-mãe nas relações entre o povo Bororo, cujas gerações emergem dessa cultura, no entanto, prevalece o domínio masculino. À mulher *Boe* é dada a importância nas questões culturais e práticas, na liderança que ensina para os filhos – herança cultural. Destaque aos rituais, como o mais importante, onde a mulher tem um lugar à frente do homem: o rito de nomeação, no qual se reafirmam a importância sociológica da mulher e da matrilinearidade. As professoras *Boe* enfrentaram desafios da inserção na profissão docente, como o aprender a ser professora, no constituir a identidade docente, a inserção no quadro docente e o aval da sua comunidade, onde se enfrentava o problema do alcoolismo dos homens. Na conclusão, a autora expõe a sua percepção do respeito e cumplicidade entre as mulheres *Boe*, principalmente em relação à faixa etária e habilidades. Também o espaço social da igreja – também visto como espaço do corpo, onde homens e

mulheres sentam-se separados. A aceitabilidade do povo Bororo na implementação das escolas nas aldeias e as novas formas de tratar o espaço da igreja passou por momentos de tensão, onde se vivenciaram a anulação das identidades e a incorporação de novos modos de ser, marcando “a história da educação escolar bororo nos contextos pesquisados a partir das influências missionárias nos três séculos de colonialidade da cultura, das práticas sociais que nos corpos ritualizados educam e fundamentam o *ethos boe*” (p. 220). As professoras *Boe* viveram caminhos de conflitos no processo de formação quanto ao seu papel de mulher-mãe, ao mesmo tempo em que validaram seus saberes e práticas educativas (mesmo permeadas de conflitos). Há ainda um desafio que essas mulheres querem vencer junto à SEDUC: qualificação e respaldo com políticas públicas voltados especificamente aos problemas internos das aldeias, como o alcoolismo, que é, segundo as entrevistadas, uma herança dos colonizadores. Esse querer fazer das professoras *Boe*, marcam uma nova história na educação do povo Bororo, mas sem ferir seu prestígio cultural em relação aos lugares que ocupam como mãe e esposa, como mulher responsável pela herança cultural de seu povo.

Mulher negra, filha de pai nordestino e mãe descendente de indígena, Arruda (2015) dissertou sobre as mulheres negras garimpeiras da região mato-grossense de Peixoto de Azevedo, por observar que nas áreas de garimpo o trabalho da mulher é silenciado suas características biológicas. A pesquisadora utilizou-se da metodologia qualitativa e das técnicas da história oral – História de Vida, para ouvir por meio de entrevistas semiestruturadas seis mulheres que chegaram no garimpo rompendo algumas barreiras, onde imperam a ignorância, a rustidez, a insalubridade e a cobrança de resistência física. Foi utilizado também o recurso fotográfico para contextualizar o ambiente de estudo. Abordou-se a ocupação do estado de Mato Grosso desde os assentamentos da década de 1960, o trabalho “invisível” da mulher nas áreas de mineração, o perfil dessas mulheres que migraram para essas áreas bem como suas motivações para migrar. No ano de 2014, as entrevistadas tinham entre 50 e 77 anos de idade, todas negras, que estavam ainda em situação de garimpo ou já haviam passado por ela, a maioria oriunda do Maranhão, duas sem escolarização, duas com ensino fundamental incompleto e uma com ensino médio completo; três delas não tinham filhos. A região de Peixoto de Azevedo ficou conhecida pela produção aurífera, um município permeado de violência em meio às esperanças de uma vida melhor. Um lugar onde os homens encontravam sua

“diversão” garantida nos prostíbulos, com grande consumo de álcool e aberto à violência contra a mulher nas mais variadas espécies, incluindo-se o assassinato. Historicamente, nas regiões de garimpo as “mulheres de bem” ficavam em casa, enquanto as prostitutas e as escravas ficavam às ruas, e de modo geral, todas as mulheres eram vistas em segundo plano. A pesquisadora quis dar um novo olhar ao contar a história das seis mulheres, fazendo-se visualizar uma vida de sonhos e objetivos, de lutas, tristezas, desafios e de vitórias. Dentre as principais aspirações para a vinda para o garimpo, tem-se necessidades financeiras, estímulo de parentes e amigos, desejo de melhores condições de vida para si e para a família. Nos garimpos, essas mulheres desenvolviam também atividades domésticas que já desenvolviam anteriormente no seio familiar: práticas culinárias e prestação de serviços. Elas também contribuíram com a cultura local justamente com seus dotes culinários. Eram vistas pelos homens do garimpo como prostitutas, mesmo mantendo uma postura profissional. Viviam no garimpo em situação de assédio, com trabalho exaustivo de 12 a 16 horas diárias, em lugares de mata, muitas vezes sem água e expostas à malária, com privação alimentar e de cuidados com a saúde, um ambiente hostil. Diante de todas as dificuldades, as mulheres “inscrevem-se na história, e, em memória de todas que enfrentaram suas lutas nesse espaço, com muito trabalho e dignidade, levadas pela condição, souberam driblar as situações de violência com resiliência, resistência e profissionalismo” (p. 95).

A dissertação de Oliveira (2020) discute as questões étnico-raciais no que diz respeito às desigualdades da situação das mulheres negras e suas vidas marcadas pelo racismo e o preconceito, pela discriminação racial associada às poucas oportunidades e a pobreza. Além disso, quesitos que lhes conferiam, pelo pensamento de muitos, a “inferioridade”, como os traços estéticos marcantes e próprios da identidade da mulher negra: formato do corpo, lábios carnudos, cor da pele e o cabelo sempre modificado, trançado. Teve como principal objetivo analisar a trajetória de professoras negras que atuam na educação superior e identificar quais são as experiências que atravessam suas identidades. Foi realizada uma pesquisa de abordagem mista, com coleta de dados quantitativos e qualitativos em cinco universidades federais da região Centro-Oeste, com aplicação de entrevistas semiestruturadas dirigidas a sete professoras negras que atuam nessas universidades, nos cursos de Educação Intercultural, Direito, Pedagogia, Psicologia e Química. O INEP contribuiu com o quantitativo de docentes por cor/raça, nas

universidades federais da região estudada. Na análise desses dados utilizou-se a estatística descritiva e a análise de conteúdo. Os resultados apontam que é reduzido o número de negras atuando no ensino superior, mesmo diante do avanço constatado, suas trajetórias são marcadas pelo racismo e pela discriminação, por parte de alunos, colegas de trabalho e até mesmo da gestão. Acredita-se que em virtude da lei de cotas e reserva de vagas para negros/as no ingresso na graduação e pós-graduação, tenham contribuído com a população negra na inserção na educação superior, como discentes ou docentes, ainda que nem todas as entrevistadas tenham dependido disso para alcançarem o lugar onde estão. Importante destacar o perfil das entrevistadas: idade entre 35 e 48 anos, três são Pós-Doutoras e quatro Doutoradas, lecionam em cursos de licenciatura e bacharelado e em programas de Pós-Graduação; todas, de origem humilde. Essas mulheres viveram experiências de discriminação racial e o preconceito, foram colocadas à prova como discentes (não eram vistas com “bons olhos”, até o sorriso era criticado, diziam que deveriam se esforçar mais que os brancos) e docentes, da mesma forma que tiveram apoio, e as duas situações lhes serviram de fortaleza na caminhada da formação e do trabalho. Essas mulheres participaram de Movimento Negro e o Movimento de Mulheres Negras em busca de seus direitos; romperam as dificuldades e alcançaram ascensão nos mais diversos espaços sociais, e elas vêm fortalecendo sua identidade no ambiente universitário, num lugar onde as discriminações quase as levaram a desistir, tendo suas capacidades intelectuais colocadas à prova; essas professoras têm fortalecido cada vez mais suas identidades de mulheres negras, promovendo debates e combatendo o racismo na universidade por meio de uma prática antirracista.

Por ser negro e ter vivenciado muitas situações de discriminação falta de oportunidades, Pereira (2017) realizou uma pesquisa etnográfica voltando o olhar para a trajetória de vida de professoras quilombolas na comunidade Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, em território quilombola, no município de Poconé-MT. O principal objetivo foi compreender na trajetória de vida das professoras quilombolas, os processos de resistências construídas por elas frente às discriminações raciais sofridas no percurso escolar e profissional. O pesquisador desenvolveu um estudo qualitativo etnográfico de história oral, utilizando como instrumentos de dados a observação participante, entrevistas semiestruturadas, análise de documentos e recursos fotográficos, caderno de campo e entrevista de história de vida; foram sujeitos de pesquisa cinco professoras que lecionam na comunidade, duas

professoras que já lecionaram na localidade e três moradores antigos foram os sujeitos de pesquisa. O pesquisador explicita que as comunidades quilombolas trazem consigo características de origem africana, mantendo em sua estrutura, uma cultura voltada aos seus ideais políticos em busca da resistência vivida enquanto escravos. EM Poconé, somam-se 28 comunidades negras rurais quilombolas, dentre as quais, a Comunidade do Chumbo, um lugar onde os moradores, desde o início, vivem em atitude de ajuda mútua e um sentimento de coletividade, onde as manifestações religiosas e culturais são preservadas, onde a vontade pela escolarização do povo era desprezada pelo poder público. No ano de 2017 a Comunidade contava de duas escolas: uma creche para atender as crianças da Educação Infantil e outra para atender de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental e EJA. Dos relatos das professoras quilombolas, o pesquisador ressalta o patriarcalismo, o respeito aos pais à época da infância, as poucas oportunidades de diversão na Comunidade quando jovens, a prática comum de casarem-se novas. Também, os conflitos raciais da ideologia racista presente nos dizeres sobre seus corpos e cabelos, cor da pele – desvalorização da estética negra; a trajetória escolar um pouco tardia para algumas. Porém uma delas afirma não ter vivido nenhuma experiência que tenha feito sentir-se discriminada, e que sua autoestima sempre a conduziu à alegria de ser mulher negra e quilombola, respeitada. O pesquisador conclui que esse estudo tirou do anonimato essas experiências das professoras negras quilombolas, cuja trajetória de vida foi marcada por dificuldades, mas, também, de ascensão e realização na profissão docente. Essas mulheres superaram pelos estudos e pelo exercício docente toda forma de preconceito, e têm o respeito, o reconhecimento pessoal e profissional merecido.

Mattos (2018) buscou discutir e compreender o processo histórico da organização da Educação Feminina em Mato Grosso, no início do período republicano (1889 a 1910), no qual ocorreram três importantes reformas da Instrução Pública que interveio no processo de escolarização das mulheres mato-grossenses. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental para o mapeamento das escolas femininas de ensino primário no estado, observando-se e avaliando-se as particularidades de cada documento. Foram fontes documentais de pesquisa: a Constituição do Estado de Mato Grosso de 1891, o Regulamento do Ensino Primário de Mato Grosso de 06 de junho de 1889 (Reforma Souza Bandeira), o Decreto número 10 de 07 de novembro de 1891, do Presidente do Estado Manuel José Murtinho, Decreto número 68, de 20 de junho de 1896 do Presidente do Estado Antônio Correa da Costa, Relatórios da

Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de Mato Grosso dos anos de 1889 a 1910, Mensagens Presidenciais do Estado de Mato Grosso dos anos de 1889 a 1910. Estabeleceram como categorias de análises: Leis e Regulamentos da Instrução Pública; Organização da Instrução primária; Normas e Regulamentos para a Escolarização Feminina. Faz também um diálogo com autores sobre o processo historiográfico, como Jacques Le Goff (1990) e Marc Bloch (2002). A pesquisadora afirma que mesmo com as mudanças que a República brasileira propôs para a Instrução Pública, em Mato Grosso, para a educação feminina que primava pela leitura e escrita, pelos conteúdos matemáticos; perpetuavam-se um conjunto de valores cuja formação das mulheres as colocava como administradoras e cuidadoras do lar, de educadoras das crianças e responsável pelos afazeres domésticos. Em Mato Grosso poucas eram as escolas femininas se comparado às masculinas, o que impedia o acesso da mulher à escolarização no período. As famílias pouco valor davam à educação das mulheres no período analisado.

Campos (2017) foi membro ativa do Movimento Popular de Saúde (MPS) na década de 1980, que lutava por uma saúde e educação de qualidade e para todos. Teve diversas oportunidades de participar de experiências práticas de saberes populares. Essas experiências a conduziram para a realização de uma pesquisa qualitativa do tipo fenomenológica, que utilizou a História Oral de Vida para investigar o ofício de partejar como arte de cuidar da vida, com a aplicação de entrevistas semiestruturadas para três mulheres cuja parteira (Irmã Dagmar) as ajudou nos partos, e também uma entrevista com a própria parteira. A pesquisadora justifica a pesquisa pela necessidade de registrar a participação da Irmã Dagmar e da história de Acorizal-MT na educação popular em saúde, na história da saúde de Mato Grosso e das parteiras do Brasil. Segundo a pesquisadora, a história de vida dessa parteira de 71 anos (em 2017) confunde-se com a história de Acorizal. Nascida na zona rural, em família simples e numerosa, ajudou a muitos com seus saberes sobre plantas medicinais; nos trinta anos atuando como parteira, Irmã Dagmar realizou 1.106 partos. Aos 19 anos entrou para a congregação Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, no Rio de Janeiro e realizou o sonho de fazer enfermagem, adquirindo muitas experiências trabalhando no hospital. Veio para Acorizal por conhecer a realidade e a necessidade (precariedade) das condições de vida e saúde do seu povo. Ali instalou-se e passou a conhecer todos os moradores, com quem criou amizade, indo atender no postinho de saúde. Não tinha experiência de partejar. Mas, um dia, chamada para

ajudar uma mulher em trabalho de parte sem sucesso, Irmã Dagmar aventurou-se e ajudou no parto, chamando a atenção de todos, passando a ser parteira por solidariedade. Foram muitos momentos de tensão, de partos um pouco mais difíceis, mas sempre emocionante, cheio de respeito e humanização. Durante mais de 40 anos s estes 40 anos, junto com outras Irmãs que vieram depois, Irmã Dagmar cuidou de doentes com homeopatia, também realizou um trabalho pastoral, a partir da educação popular, junto às pessoas da região de Acorizal-MT. Para a pesquisadora, a presença da Irmã Dagmar nesse município, como a grande cuidadora, demonstra um jeito singular de cuidar, que leva em consideração saberes, comprometimento e responsabilidade e ela o faz como, em suas próprias palavras: “um carisma e um compromisso com um dom de Deus”.

A dissertação de Mendonça (2017) trata das adolescentes que cometeram ato infracional em Goiânia e cumpriram medidas socioeducativas em meio aberto entre os anos de 2010 e 2014. O principal objetivo foi responder se as relações de gênero, entendidas como relações de poder, interferiram no cometimento dos atos infracionais e se essas jovens continuaram ou retornaram ao ambiente escolar durante o cumprimento da medida. O método utilizado foi o dialético para buscar a verdade do passado escondida no presente; realizou-se uma pesquisa documental, no arquivo da Secretaria Municipal de Assistência Social de Goiânia, para analisar os prontuários com a documentação das adolescentes que cometeram atos infracionais na cidade. Dos 229 prontuários, oito eram referentes às adolescentes que cometeram ato infracional de tráfico e dois de porte de drogas, todos de 2014, uns por reincidência; dos 227 prontuários catalogados, apenas sete meninas eram alunas de escolas privadas. A pesquisadora destacou que o tratamento dado à mulher, mesmo em situação de privação de liberdade, é diferente do dado ao homem. E, em se tratando de adolescentes é ainda mais diferenciado. Destacou também o histórico dos aspectos legais e dos cuidados dados aos menores infratores, aos que viviam em situação de abandono e marginalidade bem como as instituições como a F-NABEM - Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (1964) que recebiam jovens nessas condições. Citou o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990), o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013), que compreende os indivíduos com idades entre 15 e 29 anos. Até chegar à Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS), que, por meio da Divisão de Medidas Socioeducativas, é a responsável por essa função, sendo o serviço de acompanhamento às medidas socioeducativas realizado pelos Centros

de Referência Especializado em Assistência –ocial - CREAS. O estudo mostra que a criminalidade feminina vem crescendo muito, principalmente por drogas, mas, sempre como “resultado da influência ou dominação do sexo masculino, a prática do crime é feita dentro de uma racionalidade” (p. 50). A faixa etária da maioria das adolescentes que cometeram ato infracional é dos 15 aos 17 anos, a mesma faixa onde se percebe maior índice de evasão escolar e de distorção idade-série. De modo geral, foi constatado nessa pesquisa: as mães das adolescentes em situação de medias socioeducativas são as responsáveis pela educação e manutenção dos filhos; a maioria delas não tem convivência com o pai; as adolescentes foram encaminhadas para o cursos técnicos ou trabalhos com baixa remuneração; todas, com baixa escolarização e pertencem à classe social mais baixa; quatro delas não cumpriram as medidas socioeducativas; além das drogas, o roubo, lesão corporal e furto levaram essas adolescentes às medidas socioeducativas; as questões de gênero interferiram na participação da mulher na criminalidade. Concluiu-se que cinco adolescentes cumpriram a medida e retornaram aos estudos; outras três se mudaram, mas não se sabe sobre a sua escolarização; uma não cumpriu a medida, não voltou a estudar e nem cumpriu a Prestação de Serviço à Comunidade.

Movida pela própria trajetória pessoal, pertencente ao povo nipônico, Kochi (2017) afirma que parte da maior imigração japonesa ocorreu no Brasil em meados de 1908, e, nas décadas de 1960 e 1970, maior migração para a região de Dourados-MS, nesse estado que abriga a terceira maior colônia japonesa do país. O principal objetivo de sua pesquisa foi compreender como a “Escola Modelo” se estabeleceu no em Dourados, e de que forma se organizou para manter os valores tradicionais da cultura japonesa, buscando a normatização de padrões de comportamento para crianças e jovens, especialmente para as meninas/mulheres. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e análise de documentos, sendo fontes documentais os escritos oficiais do acervo da “Escola Modelo” (PPP, Atas de reuniões pedagógicas, quadro de currículo e regulamento da escola e outros). Posteriormente foram aplicadas duas entrevistas na perspectiva metodológica da História Oral, com mulheres que atuaram na “Escola Modelo”, nos movimentos anteriores de ensino da língua japonesa na região de Dourados, à época da entrevista, uma com 79 e outra com 80 anos. Destaca-se a observação da pesquisadora ao afirmar que “quando recorremos às mulheres para contar a sua vida, há muitas reticências, pois elas abrigam-se atrás do pretexto da sua insignificância” (p. 67), demonstrando que a figura da mulher japonesa

na sua cultura é de privação, de silêncio, do esquecimento de si mesma. No entanto, imersas nos costumes, as mulheres japonesas continuaram transmitindo, de geração em geração, comportamentos e normas, formando meninas no padrão da conduta esperado delas, nos hábitos da cultura do seu país de origem. Confirmou-se a perpetuação de muitos valores e concepções tradicionais transmitidos de geração para geração, que figuram também como desigualdade nas relações de gênero na cultura japonesa.

Os trabalhos selecionados evidenciam que a mulher está sempre em busca de ocupar um lugar onde possa melhorar sua projeção e contribuição social no que se refere à educação, ao trabalho, respeitando-se suas diferenças estruturais (“fragilidades do corpo, os cabelos e cor de pele, o comportamento”), principalmente quando suas capacidades são desnecessariamente argumentadas quando ocupam lugares antes exclusivos dos homens. Observamos que a busca por aquilo que é melhor para seu crescimento enquanto cidadã, é igual para mulheres de todas as raças e etnias, como mostram os estudos (japonesas, negras, quilombolas, mulheres), podendo acontecer em qualquer idade, dependendo da criação e da cultura onde vive a mulher. No entanto, é característica a luta pelo reconhecimento de que a mulher muito pode contribuir com a sociedade.

Em sua tese Alves (2014) buscou compreender como os saberes das mulheres veteranas na rede de economia solidária, se constroem e podem ou não trazer elementos para se pensar outra proposta de ensinar, aprender, criar e produzir, outra(s) sociabilidade(s) e outro(s) modo(s) de viver e ser no coletivo social. A pesquisadora defendeu que as mulheres veteranas na rede de economia solidária resgatam o trabalho como valor fundamental da vida humana, e este saber fazer está alicerçado em pilares que divergem das bases socialistas. Definiu-se como categorias e análise os seguintes termos: sororidade, marcada pelas relações de cooperação e solidariedade entre as mulheres de um mesmo grupo; a educação não formal, como modo diferente de trabalhar a educação, mais ligada às necessidades e interesses do grupo, ouvindo suas falas; a economia popular solidária, como organizações coletivas, um espaço social que privilegia a participação de mulher como sujeito social; os saberes do trabalho, onde os saberes produzidos nas experiências de vida e do trabalho somam-se aos conhecimentos e habilidades próprios dele. Foi realizada uma pesquisa mista, de metodologia embasada no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), fundamentada na perspectiva histórico crítica, com coleta de dados por meio de

observação participante e entrevista semiestruturada individual, durante a segunda edição do Fórum Social e Feira Mundial de Economia Solidária, ocorrida nos dias 11 a 14 de julho de 2013, na cidade de Santa Maria – RS. Participaram da pesquisa trinta mulheres veteranas de cada região do Brasil, sendo elas as mulheres mais experiência artesanal: Sul, Norte, Nordeste, Sudeste e Centro Oeste. Dentre os principais resultados, constatou-se que “Na economia solidária, os saberes são transmitidos pela família e pelos mais antigos. É um fazer que está ligado à tradição familiar e cultural” (p. 117). Segundo a pesquisadora, o trabalho das mulheres nas redes de economia solidária é produtivo e bem educativo, baseado no compromisso político e ético, que vê no outro um produtor de diferentes saberes. Concluiu-se que a sororidade, como proposta educativa leva à superação e resistência, à institucionalização da exclusão e da pobreza proposta pela dialética do capital.

Brito (2016) buscou compreender as presenças das mulheres indígenas (povos Kaingang e Guarani), aprovadas em processo seletivo específico e diferenciado, na UFRGS, a partir de 2008, ano em que se aderiu à política de Ações Afirmativas. Desconstruiu a figura do índio descrita nos livros escolares, como sujeitos que vivem somente da caça e da pesca, rudes e até violentos em alguns casos, aproximando-se de estudantes indígenas, experienciando frustrações e muitas aprendizagens. Para o pesquisador a política de Ações Afirmativas provocou mudanças significativas mudanças ao criar em dezembro de 2012 a Coordenadoria de Ações Afirmativas-CAF, para acompanhar e avaliar a reserva de cotas para as comunidades negras e indígenas. Dentro da proposta ético-metodológica colaborativa, o trabalho se baseou na escuta das narrativas de seis mulheres indígenas, em rodas de conversa e diálogos, para compreender delas, o estar-sendo mulher-indígena-mãe. Como resultados, tem-se as incompreensões da “invisível” e indesejável presença de indígenas que veem no curso superior um caminho para o fortalecimento de suas comunidades e do movimento indígena como um todo. A presença de mulheres indígenas no ensino superior tem crescido; na UFRGS as mulheres indígenas ocupam 50% das vagas destinadas à reserva; elas apresentam na sua forma social e cultural a vivência do casamento e da maternidade em idades que coincidem com a experiência do ensino médio e superior, sem perder de vista a convivência com seus filhos em meio a esse processo de formação. Mesmo com os avanços oriundos da política de cotas, a UFRGS precisa melhorar essa política e elaborar estratégias

institucionais para acolher as demandas que daí surgem, como o olhar de desconfiança e de desigualdade.

O trabalho de Costa (2016) procurou investigar o acesso da mulher ao ensino superior no contexto específico da UFRGS. Para tanto, procurou-se refletir sobre o percurso histórico trilhado pelas mulheres através do tempo na luta pelo direito à instrução, pelos movimentos feministas no Brasil a partir do século XX, que perpassou pela mulher em busca dos direitos políticos, seguido do direito à educação e expressão do pensamento (mulher culta), e a luta pela liberação da mulher quanto à exploração trabalho. Considerou-se a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher – CNDM (1985), e a criação da Secretaria de Políticas para as Mulheres – SPM (2003), como dois marcos que ampliaram os debates em relação às questões de gênero numa sociedade quase que totalmente machista. Um grande marco, na concepção do pesquisador, foi a formação das mulheres nas Escolas Normais, um espaço que lhe possibilitou um importante passo no acesso à instrução, de uma formação que lhe auxiliaria o preparo para o exercício profissional sem “prejudicar” sua moral e reputação. Em se tratando dos dados de matrícula fornecidos pela Pró-Reitoria de Graduação da UFRGS (PROGAD/UFRGS), constatou-se que no período de 1970 a 2015/1, o número de alunos/as ingressantes em cada área do conhecimento foi repleto de mudanças, tanto para os homens como para as mulheres: em cursos onde predominava os homens, ampliou-se e a participação da mulher (Artes; Biológicas, Naturais e Agrárias; Comunicação e Informação; Economia, Gestão e Negócios; Engenharia e Arquitetura; Exatas e Tecnológicas; Humanas e Sociais e Saúde). Em contrapartida, a presença de homens em cursos predominantemente feminino, também cresceu (“Artes”, “Comunicação e Informação”, “Humanas e Sociais” e da “Saúde” – menos medicina). Constatou-se que ainda existem desigualdades entre os sexos no ambiente acadêmico.

Silva (2018) investigou os espaços ocupados pela mulher e as dinâmicas frente as suas atividades exercidas no ensino profissional na Escola Técnica de Manaus (ETM) e Escola Técnica Federal do Amazonas (ETFAM) no período de 1937 a 1971. Um estudo original, de método Histórico com base na perspectiva Social e Cultural, um estudo qualitativo, com pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica mostrou um déficit de estudos sobre a mulher no ensino profissional. A pesquisa documental, teve como fontes o Arquivo Geral, Arquivo da Coordenação de Controle Acadêmico (CCA) e no Museu Moacir Andrade, todos localizados no Instituto

Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Foi grande o número de documentos encontrados e analisados, nem todos em bom estado de conservação.

Os documentos evidenciam que, nas instituições (ETM e ETFAM), foi encontrada a presença de 23 mulheres, sendo: 2 alunas, 16 professoras e 5 mulheres que ocupavam o cargo de servente, escrituraria e contadora; 12 delas pertenciam à classe social alta, não sofreram discriminação por que tinham formação superior, e pais e maridos influentes na sociedade. Das outras mulheres, não se encontrou documentos que trouxessem informações a esse respeito.

Motivada por questões pessoais, como o seu pertencimento étnico-racial (negra), de cabelos crespos e características que sempre lhes foram motivo de alegria e orgulho, Silva (2018) analisou a produção de sentidos das imagens de mulheres negras na concepção sociocultural de Biologia, nos livros didáticos de Biologia aprovadas pelo PNLD 2015. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, do tipo descritivo-interpretativa, com análise de a nove (09) coleções de Biologia (27 livros) aprovadas pelo PNLD-2015. Buscou-se nesse material, localizar as imagens de mulheres negras, observando-se os traços fenotípicos que a caracterizam: pele escura (em vários tons), cabelos crespos ou alisados, nariz largo e arredondado e/ou lábios espessos, suas vestimentas e acessórios. Na pesquisa bibliográfica, buscou-se publicações no banco de teses e dissertações da CAPES, para que se pudesse saber o que os estudos diziam a esse respeito. Elegeu-se quatro eixos de análise: A imagem da mulher negra compondo ensinamentos sobre a lactação e maternidade; A mulher negra: exemplo de ser humano e transmissora de cultura; A Mulher Negra na Ciência e o papel do cuidado e As temáticas étnico-racial e de gênero em evidência no livro didático de Biologia. As imagens encontradas nos livros analisados mostraram mulheres negras vinculadas à maternidade e a processos biológicos como a gravidez e a amamentação, desarticuladas de suas dimensões culturais, social e econômica. Verificou-se um número elevado de imagens de mulheres negras nos livros didáticos de Biologia, também desvinculado de sua historicidade e da singularidade – suas lutas, conquistas e desafios. De modo geral, a pesquisa mostra que a presença de imagens de mulheres negras em livros didáticos de Biologia, não contribui em nada para com o conhecimento das relações étnico-raciais, com as apropriações políticas dos conhecimentos e saberes biológicos na definição do sujeito mulher negra na sociedade brasileira.

Wink (2016), militante de Marcha Mundial das Mulheres (MMM), iniciou seu trabalho referindo-se à própria história de vida, marcada pela ausência de sua avó na vida de sua mãe, das lembranças poucas envolvidas no tear de uma colcha de bordados deixados por ela. O objetivo de sua pesquisa foi analisar, conhecer, interpretar e problematizar criticamente quais e como se dão as relações e correlações educativas existentes na luta das mulheres ativas na MMM no Estado do Rio Grande do Sul. Foi realizada uma pesquisa participante, qualitativa, baseada no materialismo histórico-dialético, contou com entrevistas semiestruturadas, consultas bibliográficas, anotações, participações de campo e análises de produção teórica do próprio Movimento. A pesquisadora descreveu todo o processo histórico do MMM desde a sua criação, suas lutas e avanços. Pesquisou homens de todos os estados brasileiros e constatou que da amostragem (100 homens), 77% não se considera machista. Segundo a pesquisadora, a maioria dos trabalhos que versam sobre o processo histórico de construção e reflexão sobre a mulher, é escrito por homens. E que em momento algum a mulher foi questionada sobre querer: ter filhos, participar da política, como expressar suas emoções, dentre outras coisas. Tudo o que a mulher conseguiu até o momento da pesquisa, segundo a pesquisadora, foi por lutas enfrentadas por elas mesmas, num mundo onde sua sexualidade e o conhecimento de seu corpo sempre foram oprimidos pelo homem. Não há vitimização nem drama nas lutas das mulheres por seus espaços. Nesse processo, o MMM surge como ações políticas que ajudam a construir o feminismo, uma possibilidade de denunciar a realidade da opressão cotidiana com as trocas educativas de “denúncia/anúncio”, por meio da qual a mulher busca a sua verdadeira emancipação.

O trabalho de Neves (2018) é resultado de pesquisas realizadas, no arquivo da atual Escola Estadual Liceu Nilo Peçanha, em Niterói (RJ), e teve como principal o objetivo compreender, a partir do ensino de história, o significado da formação institucionalizada dos professores formados na Escola Normal de Niterói durante os anos iniciais da República. Foram fonte de informações: provas finais; o Inventário da biblioteca da Escola Normal; o livro que contém os termos de posse dos funcionários da instituição; mensagens do presidente de estado e diretores de instrução pública; vários jornais, com destaque para O Fluminense e Jornal do Comércio; e manuais de história do século XIX. Os exames de anamnese foram realizados por 22 mulheres. A pesquisadora discorreu sobre a Escola Normal, seu método de ensino, a quantidade de professores (apenas 13), a demora em formar os alunos, a inquietação dos

governantes em relação a isso, e necessidade de preencher mais rápido as cadeiras vagas nas escolas primária. Em tempos republicanos, a escola era vista como símbolo do progresso e exercia um papel importante pela sociedade, aumentando assim o número de escolas primárias e a valorização da mulher como educadora da infância, elevando a participação feminina no magistério. O resgate de experiências individuais ou coletivas dos sujeitos que dividiram o espaço da Escola Normal contribuiu para a história do município de Niterói.

Weschenfelder (2018), a pesquisadora, identifica-se como uma mulher branca, professora, pesquisadora e bolsista, que construiu esta tese a partir de narrativas autobiográficas de mulheres negras, publicadas no *blog* Mulheres Negras, um espaço educativo onde temas como a discriminação racial e a gestão dos afetos são abordados de modo a contribuir com a aprendizagem dos negros acerca de si mesmos. A pesquisadora admite-se transformada diante do percurso da abordagem às questões étnico-raciais de sua pesquisa, e das transformações apresentadas nas 36 narrativas. Autobiográficas produzidas e publicadas por mulheres negras entre os anos de 2013 a 2016. O principal objetivo desta tese foi compreender como se engendram os processos de subjetivação dos sujeitos que se reconhecem como negros no Brasil contemporâneo e de que modos estas subjetividades contribuem para pensar a educação das relações étnico-raciais. Na composição da tese, a pesquisadora discute “As negritudes nas relações sociais brasileiras”, “O governo biopolítico da população negra no Brasil”, a “branquitude”, a “Interseccionalidade e feminismo negro”. No estudo do perfil identitário, a pesquisadora focou “o cuidado de si e das outras”, e as experiências escolares das mulheres negras. Por fim, discutiu sobre mulheres negras e o ressentimento no contexto das relações entre os afetos e o político. Das narrativas, as mulheres negras afirmam-se e mostram-se fortalecidas pelas formas como lidam consigo mesmas e com os/as outros/as; são politizadas, autorreflexivas e estão sempre em busca de novas aprendizagens; são mulheres que se reconhecem como capazes de falar e representar a si e às outras mulheres negras, agindo de forma individual e também coletiva. Observou-se nas narrativas, o rompimento com a “branquitude”, ao valorizarem seus próprios traços (cabelos, cor de pele...); elas descobrem sempre novas formas de lidar com o próprio corpo, com o cabelo, com aquilo é próprio de seu perfil identitário, fortalecendo assim seus vínculos com indivíduos afrodescendentes. As mulheres negras narram suas experiências de dor das discriminações que viveram desde pequenas, memórias repletas de

(re)sentimentos produzidos pelo racismo. Também a dor e raiva experienciadas em diferentes espaços sociais, como a escola, na qual aprenderam a desenvolver a alteridade e o respeito para com as diferenças. Todo o ressentimento racial, essas mulheres negras transformam-se em molas propulsoras na luta contra o que as afeta, contra as formas de violência e discriminação racial. Concluiu-se que elas bem sabem quem e o que são, e o que não são.

A dissertação de Oldoges (2014) observou que na perspectiva de luta por mudança e transformação se organiza no oeste de Santa Catarina o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), por meio do qual as mulheres refletem sobre seu papel diante da sociedade, a valorização do trabalho feminino no campo e a conquista de direitos negados historicamente. O campo de investigação foi o MMC e suas práticas educativas, e o curso de Pedagogia da Unochapecó, tendo-se por hipótese, que as práticas educativas produzidas pelo MMC podem contribuir para a formação nos cursos de licenciatura em Pedagogia, assim como práticas educativas concebidas pelos cursos de licenciatura em Pedagogia podem igualmente contribuir para os processos educativos desse movimento social. Quanto ao método de pesquisa, a autora valeu-se dos pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico-dialético, com pesquisa de campo qualitativa, na qual utilizou o grupo focal, a história de vida/autobiográfica e os “eventos-campos”. Foi sujeito de pesquisa a coordenadora do curso de Pedagogia da Unochapecó, que vive uma dupla militância político-pedagógica, no MMC e à frente do curso de Pedagogia e nos alunos e alunas deste curso. Valeu-se também da abordagem teórico-metodológica da autobiografia, o acompanhamento e desenvolvimento da disciplina de Educação e Movimentos Sociais e grupo focal com os/as alunos/as do curso de Pedagogia, e análise documental (Plano de ensino da disciplina). Todo esse aporte metodológico, segundo a pesquisadora, foi utilizado para chegar o mais próximo possível da verdade. Segundo a pesquisadora, “O MMC assume como base a educação popular, como meio de construir conhecimento, formar as mulheres politicamente e se reconhecer diante da crítica ao papel da educação na sociedade capitalista” (p. 109). Com essa visão, as mulheres do MMC concebem que não exista somente um só tipo de educação, e que essa seja praticada somente pelo professor. Para elas, a educação move-se segundo cada povo e sua cultura, e, as práticas educativas, da mesma forma ou ainda mais, por que ao tomar o MMC, muitos têm esse movimento como única fonte de ensino – por isso a educação popular. Nesse movimento, as decisões são

tomadas coletivamente e têm como foco as necessidades dos grupos e a transformação do pensamento social. O MMC é o grupo base para outros grupos, como a Grupo de Elaboração e Proposição (GEP). O intercâmbio entre os cursos de Pedagogia e o MMC pode acontecer a partir de algumas ações, como: a criação de condições objetivas que possibilitem aos estudantes universitários e militantes dos movimentos sociais uma aproximação por meio de fóruns, seminários, eventos. Também, intensificar linhas de pesquisa que tem como foco esta perspectiva. Nesse sentido, a pesquisadora afirma que “O MMC assume como pano de fundo de suas formações a educação popular, como meio de construir conhecimento, possibilitar o empoderamento e formar as mulheres politicamente”.

Santos (2014) afirma que ao investigar a trajetória das mulheres no Brasil, significa para ela compreender sua própria existência e seu papel na sociedade. Ao olhar sua pesquisa, viu-se com um caminho trilhado como a maioria das mulheres: filha, normalista, professora, esposa e mãe dos próprios filhos e muitas vezes, de suas irmãs. A pesquisadora descreve o século XX como o “século das mulheres”, em razão das transformações e avanços voltados à cultura feminina, nas conquistas de direitos e de oportunidades, na qualidade de vida das mulheres, e na sua participação coletiva. Na Era Vargas (1930-1945) as mulheres conquistaram muitos direitos, como o de cidadania política, o direito a votar e ser votadas, as oportunidades de trabalho fora do lar, direito à educação igualitária aos homens, o direito de estudar e dar continuidade aos seus estudos. Diante dessas transformações, o principal objetivo dessa pesquisa foi investigar as representações de educação da mulher presentes na sociedade mato-grossense. “Enquanto as mulheres em vários recônditos do Brasil davam voz às suas angústias, necessidades e vontades, as mulheres mato-grossenses também foram conquistando lentamente um espaço maior na sociedade” (p. 41). Com essa frase, a pesquisadora denota o quão importante é resgatar os avanços alcançados pela mulher mato-grossense na Era Vargas. Na coleta de dados, foram utilizadas como fontes as obras memorialísticas, legislações, mensagens de interventores, periódicos, entre outras, que permitiram a análise dessa pesquisa. Na pesquisa empírica, a pesquisadora analisou documentos depositados no Arquivo Público de Mato Grosso, no Arquivo da Casa Barão de Melgaço, no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional/UFMT e no Acervo do Grupo de Pesquisa História da Educação e Memória/UFMT - GEM. Na análise das informações, constatou-se que mesmo diante das conquistas em relação à educação, à política, à

sua participação mais efetiva nos mais diversos espaços sociais, e principalmente suas tarefas no âmbito escolar, a mulher mato-grossense continua sendo responsável pelo trabalho no lar. Existe ainda uma luta de representações em relação ao seu papel e lugar, e sua formação, em razão do tradicionalismo que tanto tempo imperou na sociedade brasileira a respeito da educação da mulher ser voltada para o lar, para o ato de cuidar e educar. Ainda assim, a visão da mulher fragilizada deu lugar à uma educação igualitária entre homens e mulheres, mesmo que pensem um, diferente do outro.

Com a visão de que as mulheres artesãs têm saberes que se expressam em suas produções artesanais, e que esse saber-fazer revela múltiplas aprendizagens, Teixeira (2016) analisou o saber fazer do processo formador de mulheres que trabalham com artesanato em São Borja-RS no processo educativo de professoras-artesãs – mulheres tecedoras de si, como enfatiza a autora. Na coleta de dados foi utilizada a observação participante, a (auto)biografia e as entrevistas com artesãs de três grupos de mulheres-artesãs entre os anos de 2011 e 2012, sendo uma mulher de cada grupo: Grupo Cooperativo Favos do Sul; Grupo Cooperativo Lã Pura; Grupo Arte–em Lã - Caçacã. Foram entrevistadas também: 1 extensionista da EMATER, 1 consultora do SEBRAE de São Borja e 1 extensionista do SENAR. As mulheres que desenvolvem o trabalho artesanal não têm nele o reconhecimento de que representam um saber fazer, tampouco, um trabalho no qual ela desenvolve o saber pensar. As mulheres artesãs e a mulher-professora reconhecem o fazer artesanal como processo formador, e releem seus saberes e fazeres como novas aprendizagens que propõem um caminhar para si. Por meio de suas experiências, as mulheres artesãs dialogam com o saber fazer da mulher-professora, levando-a também a caminhar para si na visão (auto)biográfica. Constatou-se que o saber fazer das mulheres artesãs, diferentes saberes de ser mulher-professora foram identificados e reconhecidos por e entre elas.

Quadros (2018) investigou as intervenções nas áreas social, política e educacional que Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976), enquanto deputada e intelectual, promoveu na sociedade brasileira, no período de 1919 a 1937, no Rio de Janeiro, com vistas ao reconhecimento da mulher como cidadã. Foram fontes de pesquisa: cartas, discursos, jornais, resoluções, projetos e textos produzidos pela autora. As atividades profissionais, como bióloga e museóloga, política e educadora, demonstraram a importância de se considerar Bertha Lutz, filha de pai professor e

mãe enfermeira, uma das expoentes da história da educação no Brasil, no decorrer do século XX. Estudiosa, Bertha fez o estudo primário num Externato, no Largo da Liberdade, em São Paulo; os estudos secundários foram iniciados em São Paulo, mas concluídos em Paris, onde graduou-se em Ciências, com ênfase em botânica, zoologia, embriologia e química biológica. Bertha foi delegada oficial do Brasil em vários eventos internacionais, como o Congresso Pan-americano Feminino em Baltimore (1922); foi também tradutora no Instituto Oswaldo Cruz. Foi no ano de 1919 que Bertha começou a trabalhar no Museu Nacional, lá permanecendo até 1937, ao deixar de ser deputada pela instalação do Estado Novo. Em 1922 ela fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), cujo objetivo era defender os direitos das mulheres. E acreditava que a autonomia da mulher brasileira como cidadã se daria por três eixos: a área do trabalho, a da política e a da educação. Com essa visão, no âmbito social Bertha apresentou subsídios para a inserção da mulher no trabalho, projetando uma instituição voltada ao público feminino com a centralidade no trabalho. Participou de várias frentes e serviços voltados à defesa mulher. Formou-se em Direito no ano de 1933, pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. No âmbito político, atuou na defesa dos direitos femininos, enquanto deputada e à frente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Nesse exercício, informava às mulheres sobre questões ligadas à história da mulher e seu espaço na sociedade. Na área da educação defendeu um programa que visava a uma prática educativa por meio dos museus; defendia a instrução profissional a todos, homens e mulheres, seguindo exclusivamente os critérios de aptidões. Todas as frentes e intervenções nas quais Bertha Lutz se envolveu e projetou o papel, o direito e a emancipação da mulher, mostram sua importância histórica e contribuição ímpar na sociedade brasileira. Ela acreditava que todas as mulheres – cozinheiras, doceiras, costureiras, mulheres pobres, aquelas que eram arrimo de família - todas elas contribuía não só com o sustento da casa, mas, na criação da riqueza social.

Da Silva (2021) inicia seu trabalho descrevendo a invisibilidade social presente em seu rosto e o silêncio dela ocultado na sua voz. Fala de si desde o nascimento, de suas brincadeiras e daquilo que era uma experiênci– real - “brincar de casinha” era uma tarefa real, e não uma brincadeira; brincar de escolinha enchia-lhe o pensamento e alimentava seu sonho de ser professora, ao mesmo tempo em que a fazia refletir e questionar aos seus educadores, como era ser professora e o que fazer para ser professora. Narrando o desenvolver de sua trajetória pessoal e das experiências

enquanto professora, de seus encantos e desencantos, a pesquisadora desenvolveu um trabalho qualitativo, do tipo autobiográfico, com base da pedagogia social e crítica, com o objetivo de responder às inquietudes dos seus percursos de vida, relacionando-os com saberes científicos a partir de sua empiria. A pesquisadora relata a própria não aceitação de si mesma em diversas situações escolares desde a infância. As memórias em relação à sua infância, à sua formação e assunção social como professora/educadora e mulher negra, no diálogo com os estudos de gênero, classe social e relações étnico-raciais que entrelaçam-se com documentos que regem o saber e o ensino dos povos afro-brasileiros e indígenas, tais como: a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Resolução do Conselho Municipal da Educação de Caxias do Sul. A pesquisadora narrou sua infância, dizendo-a ter páginas arrancadas e viveres silenciados nesse período, onde percebeu a negritude (sempre invisível) ao passo que crescia. Rememora um manto de tricô que deixou por fazer desde os dez anos, e que só terminou ao ser chamada para si enquanto participava de um grupo de apoio de autoconhecimento e reflexão, aos dezoito anos – ouviu-se e terminou o manto, que segundo ela, a acompanha até o momento dessa pesquisa. Lembra-se de ter sido chamada de negra e de feia. Outras memórias a levam às paredes da casa da avó, cheias de fuligem, e um quadro que retrata a sua bisavó: uma mulher negra e bugra, de cabelos lisos. Os cabelos lisos tomaram-lhe o pensamento (negro com cabelo liso?). Conforme crescia, descobria suas raízes e muito de suas descobertas as inquietava, como a morte dos nativos, os estupros que sofrera, o apagar de suas vidas e memórias. Descobriu que a sua bisavó, a bugra retratada como brava, foi “arrancada do seu seio familiar, por ter sido violada, estuprada, invadida, silenciada e aculturada. Mas a culpa sobre o temperamento e a má reputação que atravessa gerações são apenas culpa da mulher, e apenas imprimidos sobre ela” (p. 40). Buscando aprofundar sobre suas raízes, a pesquisadora deu um novo rumo, ao plantar esperanças em terras feridas: a não simpatia por sua imagem nas escolas onde trabalhou – sentia-se ser apagada... Passou a alisar os cabelos, delinear em tamanho menor os lábios, tentava diminuir com a maquiagem seus traços negros. Reafirmou-se como professora, poetisa, cantora, aperfeiçoou seu currículo. “Nós, mulheres negras, não nos encontramos, somos invisibilizadas e nos são ofertados bibliografias, documentos, textos que são em sua maioria redigidos por homens héteros e brancos” (p. 73) – com essa frase, a pesquisadora mostra sua indignação

em quase não encontrar professoras negras. Por fim, a autora afirma que se refez, e pensa que a sociedade deva romper com a invisibilidade da exclusão, do sufocamento e da discriminação de homens e mulheres indígenas e negras, dessas pessoas que permanecem na contemporaneidade, sendo vítimas de uma violência escondida numa hierarquia social.

Silva (2020) dissertou sobre o percurso e a atuação das mulheres professoras nos cursos de graduação da área de Exatas e Tecnologias da Universidade Federal do Maranhão com o intuito de entender o processo de formação e a sua trajetória educacional. A metodologia utilizada na pesquisa empírica foi o relato oral das trajetórias de vida com vistas a compreender a divisão sexual do trabalho e as relações de gênero nas carreiras dessas mulheres, sendo sujeitos da pesquisa: mulheres professoras que exerceram a docência no período de 2008 a 2018. No levantamento identificou-se três professoras com esse perfil, no curso de Engenharia Elétrica. Foi aplicada entrevistas com as três professoras para identificar os motivos que as levaram à docência no Ensino Superior, bem como os possíveis elementos facilitadores e os possíveis entraves para o exercício da docência no Ensino Superior. As três professoras possuem até o Doutorado e já ocuparam diversos cargos dentro da universidade. Cada uma delas foi motivada diferentemente a cursar Engenharia: uma, pelo entusiasmo nas aulas de química e física no ensino médio; outra, por auxiliar o irmão na tradução de livro de Engenharia (ele cursava); e outra, por cultura familiar – pai mestre de obras, tio que realizava serviços de eletrônica, oportunidade de cursar eletrotécnica no SENAI. Duas delas escolheram a docência por encantarem-se com a pesquisa científica, e outra, influenciada pela família, que tinha vários professores e uma diretora. Para as três professoras, o elemento facilitador para o ingresso na docência foi o concurso público federal. Uma delas sentiu dificuldade em conciliar a carreira docente e familiar, por ter filhos pequenos; outra tinha dificuldades financeiras, mas, em nenhum momento pensou em desistir. Uma delas sentiu dificuldade quando estava em cargo de chefia, não por ser mulher, mas, por ocupar um cargo de hierarquia maior que o de seus colegas professores. Quanto às brincadeiras sexistas, essas mulheres não se deixavam abater e mostravam-se superior a isso. Constatou-se o pioneirismo destas professoras bem como a exemplar atuação profissional das mesmas, que souberam como ascender na vida pessoal e profissional.

Ávila (2014) investigou as narrativas de vereadoras que atuam na política partidária de cinco municípios localizados na região sul do Rio Grande do Sul, no período de 2009-2012. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, pelo método da narrativa, com a aplicação de entrevistas individuais semiestruturadas com as onze vereadoras participantes. As narrativas receberam o tratamento de análise do discurso. Questionadas sobre a contribuição das mulheres na política, as vereadoras afirmaram que isso deve-se à representação da mulher, construída na sociedade, sem deixar de lado os aspectos da feminilidade e a sensibilidade das mulheres em querer sempre fazer o que é certo. Outro fato, deve-se à representação cultural da mulher, decorrentes dos desafios vencidos na luta e conquista de espaços de trabalho. Também como referência, a consciência de não errar, de não participar de situações de propina ou outro tipo de vantagem em desfavor ao serviço público que presta. As entrevistadas afirmam que o olhar da mulher para a política é mais sensível, e que a presença delas no cargo de vereadoras, aproxima as mulheres da comunidade interessadas em discutir e resolver situações referentes à saúde, à educação e à assistência social. Essas mulheres vereadoras, participam daquilo que lhe é direito: a esfera pública de decisão da política.

Neves (2017) descreve o destino da mulher como uma imposição da sociedade, como aquela que deve cumprir o papel de mãe e de esposa, incluindo-se a obediência ao marido. Um destino desenhado e materializado diferente para os homens. Contradizendo, o capitalismo, em revelia do sistema patriarcal, concedeu à mulher um espaço no mercado de trabalho, aproveitando-se de sua condição histórica para determinar funções e desqualificar seu trabalho com salários desiguais, jornadas exaustivas e instabilidade. Associado a tudo isso, as tarefas domésticas que a aguardavam para uma jornada de trabalho em casa. A mulher sempre lutou e conquistou muitos direitos, porém as desigualdades entre homens e mulheres não deixaram de existir. Considerando o princípio educativo, o objetivo dessa pesquisa foi refletir sobre as relações de gênero construídas por mulheres e homens que participam de grupos de produção associada (Frutos da Terra e Amigas do Cerrado) em comunidades tradicionais de Cáceres – Mato Grosso, com vistas a analisar se as relações de gênero construídas eram menos assimétricas em função das características intrínsecas às comunidades tradicionais e à produção associada. Foi realizada uma pesquisa qualitativa fundamentada na orientação teórica do método materialismo histórico-dialético, com aplicação de entrevistas semiestruturadas para

12 mulheres e 5 homens, a observação simples, oficina sobre o trabalho doméstico e o sexismo, registros no Caderno de Campo e em fotografias e vídeos, utilizando dimensões particulares da História, da Sociologia, da Antropologia e da perspectiva feminista marxista. Os resultados mostram que mulheres e homens mantêm suas relações pautadas na solidariedade, no companheirismo, no diálogo, na liberdade, na igualdade, nas decisões conjuntas como acontece na produção associada e no âmbito das comunidades tradicionais. Mesmo assim, há resquícios de um trabalho inferior da mulher, que por vezes a desmotiva e as leva a permanecer agindo nos cuidados desinteressados para com o outro. As mulheres mantêm o trabalho doméstico como um atributo herdado, e o trabalho remunerado como uma perspectiva econômica necessária, seja um trabalho formal ou informal ou na produção associada. As mulheres do campo são ainda mais socialmente afetadas, dadas à insignificância trazida do meio urbano e no enraizamento dos costumes próprios do campo, quanto à divisão de trabalho. Mas isso não as impede de serem felizes e ter autoestima. EM nenhum momento de entrevistas observou-se amargura em ser mulher, mas, percebemos a necessidade de desconstruir o dizer de que “Amélia que era mulher de verdade”: bela, recatada e do lar.

A pesquisa de Ferreira (2021) teve por objetivo pensar e identificar os espaços de atuação da mulher no contexto escolar da sociedade dos oitocentos, especialmente a atuação de Guilhermina de Azambuja Neves, professora, autora e diretora de colégio de instrução primária no século XIX, na cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, recorreu-se a três tipos de fontes: artigos de jornal, obras didáticas e documentos manuscritos. Especificamente sobre Guilhermina foi realizada uma pesquisa documental, sendo fontes de pesquisa: o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro – com artigos manuscritos, a Biblioteca Nacional – obras que citam seu nome, a Fundação Casa de Rui Barbosa – que conta com a sua participação, e consultas virtuais ao site da Hemeroteca Digital Brasileira – periódicos que citam seu nome. Utilizou-se também algumas reflexões da pesquisa Narrativa (Auto)biográfica. Nem todos os documentos e obras foram encontrados, mostrando um silêncio e apagamento da memória de Guilhermina. Mas, foi possível desenhar no imaginário a construção do percurso histórico de Guilhermina, que foi considerada um espelho de mulher à sua época. Os documentos analisados sugerem a participação de Guilhermina na construção do cenário educacional com obras que estiveram presentes nas escolas brasileiras, nem todas elas encontradas para análise. Essa

mesma mulher, como muitas mulheres dos oitocentos, revolucionou a hierarquização social e ocupou lugares de excelência na sociedade. Esta pesquisa resgatou as memórias de Guilhermina, uma mulher de grande visibilidade pelos feitos e contribuições com a educação brasileira.

Problema

Qual o histórico da contribuição da mulher na educação mato-grossense nos últimos trinta anos?

Perguntas norteadoras

Qual a importância das mulheres no processo histórico da educação e na formação de alunos/as?

Que personalidades femininas se destacaram no processo educacional ao longo da história da educação mato-grossense e como isso aconteceu?

Quais os maiores desafios e maiores conquistas das personalidades femininas para a história da educação mato-grossense?

Objetivo geral

Investigar, por intermédio de documentos e entrevistas, o histórico da participação da mulher na educação de Mato Grosso nos últimos trinta anos.

Objetivos específicos

Analisar, por meio de entrevistas e análise documental, como tem sido a participação da mulher no processo histórico da Educação de Mato Grosso;

Descrever, por meio de entrevistas e análise documental, os papéis de maior destaque da mulher em Mato Grosso;

Identificar, por meio de análise documental, as ações realizadas em Mato Grosso que permitem a participação da mulher como membro atuante da história da Educação do Estado.

Por meio de narrativa, retratar a história de mulheres dos municípios de Rondonópolis e de Cuiabá que tenham contribuído com a educação mato-grossense.

O lugar da pesquisadora

A pesquisadora: Iniciei minha trajetória acadêmica (nível superior) cursando graduação em História, no ano de 1996, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, tendo concluído a mesma no ano de 2000. Nesse período fui acadêmica, professora de História e desde o segundo ano da graduação, bolsista pela CNPq com a pesquisa “Violência e Contravenção”: A Violência contra a Mulher na cidade de Dourados. Esse projeto contribuiu para que eu desse os primeiros passos para a pesquisa científica, tendo me proporcionado uma rica experiência de como se trabalhar com História Oral, já que a pesquisa esteve pautada em entrevistas com mulheres vítimas de violência, promotores, Juízes e delegados.

Comecei a pesquisa a partir do segundo ano da graduação, culminando na Monografia, que desde então se encontra à disposição para pesquisadores/as no Centro de Documentação Regional da cidade de Dourados. Na época em que cursei a graduação em História, era oferecido em Dourados o CEUD - Centro Universitário de Dourados, um campus da UFMS, onde atualmente funciona - UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados. Concluída a graduação, permaneceu em mim um olhar crítico sobre o mundo e suas adversidades.

Minha vida profissional teve início a partir de uma decisão necessária. Na cidade onde nasci, Glória de Dourados – MS, não havia espaço profissional para mim. Diante dessa situação, deixei minha família e parti para desbravar o norte do Mato Grosso, mais precisamente, a cidade de Juara, onde permaneci por onze anos, procurando formar cidadãos/as críticos/as, conscientes de seus deveres e direitos.

Em Juara fui concursada no município por oito anos na Escola Agrícola Artur Pinoti. Também lecionei por três anos no ensino privado (Escola Delta), e numa escola do Estado. Logo que cheguei, fui trabalhar como formadora no C-fapro - Centro de Formação e Atualização de Professores. Dando continuidade aos trabalhos, voltei para a sala de aula e conquistei dois concursos no Estado: um em 2009 e outro em 2011. Com meu segundo concurso no Estado, pedi exoneração do município, ficando com os dois concursos, o que possibilitou minha remoção para Rondonópolis no meio do ano de 2011.

Um sonho realizado por dois motivos: consegui ficar mais perto de minha família, e, a possibilidade de retomar os estudos e ingressar no Mestrado, que sempre fez parte dos meus planos como profissional da Educação. Hoje percebo que

ingressar no Mestrado me agregará valores e me auxiliará a colocar em prática o que foi adiado pela logística desfavorável de Juara.

Entretanto, com toda distância, cursei de forma semipresencial um curso de Pós-Graduação pelo ICE (Instituto Cuiabano de Ensino), sendo hoje, Especialista em Educação Interdisciplinar.

Minha chegada em Rondonópolis foi muito difícil, porque eu não conhecia a cidade. Com duas cadeiras, removida no meio do ano, acabei tendo que lecionar em três escolas. Passados três anos, hoje me encontro lotada em apenas uma Unidade Escolar, a “Escola Amélia de Oliveira Silva”. Estar aqui em Rondonópolis tem me deixado um grande legado profissional, pois recomecei numa cidade que tem me proporcionado experiências e aprendizados, ainda que isso tenha alterado minha conduta profissional, pois, permanece em mim um contínuo desejo de formar cidadãos/as críticos/as preparados/as para viver em sociedade.

Importante destacar que passei a conviver com culturas diferentes, o que me deixou a contento, pois minha formação acadêmica avulta a importância de respeitarmos os diferentes hábitos e costumes. Entretanto minha remoção não foi muito tranquila porque peguei aulas de três pares, e convivi com a rejeição dentro das escolas. São educadores/as que estavam há muitos anos na escola. Graças a Deus, demonstrando meu trabalho conquistei a simpatia de meus/as companheiros/as de trabalho.

E como somos os compositores de nossa História, atualmente esse é o meu objetivo primordial: dar continuidade à minha formação profissional e científica, participando do Mestrado. Assim, deixo registrados meus vinte e seis anos como educadora no Estado do Mato Grosso.

Registro também, que sinto muito por não ter podido contribuir com o ensino do estado que nasci. Mesmo passando num concurso estadual em MS, por razões pessoais permaneci aqui no Mato Grosso. Penso que, no futuro, e com a conclusão do Mestrado, darei minhas contribuições científicas ao estado que me acolheu.

Sinto-me muito satisfeita em morar em Rondonópolis, e de ter conseguido uma vaga no Mestrado em Educação pela URI, isto porque tenho muito a contribuir com a educação do Estado de Mato Grosso. Essa dissertação de mestrado vem aprimorar meus conhecimentos para que eu possa demonstrar aos/às meus/as companheiros/as que a Educação não é estática, mas a mudança só é possível com dedicação e seriedade.

A graduação em História me tornou uma cidadã preparada para discutir assuntos os quais muitos dizem que não são de possível discussão, como política e religião. Discordo desse pensamento e acredito que discussões sobre esses temas contribuem para com a construção e a transformação da sociedade. É assim que procuro direcionar minhas aulas, demonstrando aos/às meus/as alunos/as o potencial que cada um/a possui e que todos/as devem dar continuidade a seus estudos, na forma técnica ou universitária.

Esta é minha trajetória, minha motivação profissional que me fez caminhar de Norte a Sul desse Estado e me faz sentir preparada e com muita vontade de aperfeiçoar meus conhecimentos, e partir deles, contribuir para uma Educação com mais equidade e dignidade. Acredito que o único caminho para a mudança que todos/as esperam, se dá e dará por meio da educação. Sem ela, a ignorância impera e as transformações não ocorrem. O que vejo atualmente são companheiros/as descrentes de seu papel social, e isso ocorre por uma série de motivos, como a jornada excessiva de trabalho e os salários defasados.

Em decorrência disso, vejo no Mestrado uma oportunidade de desafiar minha própria convivência, porque a maioria dos/as professores/as não quer nem ouvir falar em formações, cursos, Sala do/a Educador/a. Estão completamente desmotivados/as. O Mestrado tem sido um caminho que vem me auxiliando a não me tornar desiludida com a Educação.

Acredito que demonstrar como de fato aconteceu e acontece minha experiência pessoal e profissional no exercício do magistério, mostra o gosto que tenho por ele, e o quanto sinto a necessidade de conhecimento. Sinto saudades dos corredores da universidade, local onde fervilham ideias de que podem transformar cidadãos/as em pessoas melhores para viverem nesse mundo permeado de injustiças e descrenças.

É importante uma investigação que mostre a participação efetiva da mulher nas transformações que ocorrem no Estado de Mato Grosso em diversas frentes sociais, de modo mais específico, na educação, por compreendermos que esse é segundo espaço social mais ocupado pela mulher, depois do espaço familiar.

A relevância acadêmica e científica de nossa pesquisa vai além do cumprimento de um requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação, por entendermos que poderemos contribuir para com o reconhecimento do papel da mulher no processo histórico da educação mato-grossense. O que poderá conferir à

nossa investigação, também a relevância social. Até porque, muito se fala da mulher em datas específicas, como o Dia das Mães e o Dia das Mulheres.

Os estudos selecionados para justificar esta pesquisa, os quais trazemos de forma detalhada, na próxima sessão, mostram a importância de conhecer e compreender o processo de enriquecimento da participação da mulher em várias instâncias sociais, educativas e culturais, e a forma de como conseguiram seus feitos. São estudos que tratam das diversas barreiras vencidas por mulheres que se dispuseram a enfrentar todo tipo de preconceito e conseguiram se destacar nas mais diversas profissões e funções, como docentes, escritoras, ícones da cultura local, administradoras/gestoras, na política, na arte e na cultura.

Há estudos realizados no Estado de Mato Grosso que ilustram historicamente a mulher desempenhando papéis em trabalhos e locais onde antes imperavam somente os homens. Parte de um processo no qual a mulher se dispõe a romper barreiras visíveis e invisíveis que sempre lhe foram impostas, mas que, diante de suas necessidades ou outras proposituras, alcançaram seus objetivos. Mostram também a participação da mulher na cultura e como isso é transformador, tanto para a mulher como para tudo o que ela representa.

Rondonópolis conta com um ícone cultural, uma personagem marcante, muito importante para a história do município: a Maria Sete Voltas – uma mulher que no seu tempo era motivo de muitas conversas. Seu jeito irreverente e diferente chamava a atenção – sempre maquiada, roupas coloridas, falante.

Figura 1. Estátua da Maria Sete Voltas



Fonte: Educar para libertar, 2013.

Até seus 35 anos, Maria Sete Voltas morou na cidade vizinha, Guiratinga, vindo para Rondonópolis na década de 60, onde permaneceu até o ano de 1991, quando faleceu. Na entrada da cidade uma e-tátua - obra do escultor Mando-Nunes - traz essa mulher muito à vontade, sentada numa cadeira. Muito à frente de seu tempo, mulher de personalidade forte, Maria Sete Voltas ganhou espaço não só na entrada da cidade, mas num livro que conta a sua história (por Valter Arantes, 2007), e desse, um monólogo, estreado em Rondonópolis e no Rio de Janeiro.

Histórias como essa e outras contadas no evento organizado pela historiadora Elair Brito (subseção 1.4) denotam a relevância de estudos como esse que realizamos, de modo que pudemos evidenciar o quanto é rica a participação das mulheres na história de Mato Grosso.

1. MULHERES EM MATO GROSSO: EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Nesse capítulo apresentamos a história das mulheres no que se refere aos seus desafios, às suas buscas e conquistas. Contextualizamos a história das mulheres no estado de Mato Grosso nos períodos: Colonial, Imperial e Republi.

1.1 Do patriarcado: educação, feminismo, relações de saber-poder, público e privado

Ao discutirem os processos emancipatórios da mulher no campo do feminismo tendo como base os estudos de filósofa Judith Butler, as pesquisadoras Oliveira e Noronha (2016) afirmam que é preciso analisar a categoria “mulher” considerando quatro aspectos: a “mulher” como o sujeito do feminismo; as categorias de sexo e gênero; a sexualidade, heteronormatividade e atos performativos; um conceito identitário. Isso, por que não se pode universalizar e adotar um único conceito de mulher. Devendo lembrar que existem mulheres: “negras, gays, ocidentais, situadas em um determinado local e período histórico, etc.” (Oliveira; Noronha, 2016, p. 745).

De modo geral, a proposta de Butler, conforme explicam Oliveira e Noronha (2016), é mostrar que a teoria feminismo defende as possibilidades da mulher: na sua representatividade, enquanto sujeito político, desprovida de maior notoriedade, visibilidade e poder, acabar com as exclusões e hierarquias historicamente construídas em relação à mulher enquanto sujeito, acabar com o princípio do patriarcado universal. Com isso, afirmar que existem diferentes formas de ser mulher.

Entendemos então, que ao tratar da construção da identidade feminina enquanto sujeito, d57ncont estudá-la nas suas mais diversas identificações, no entanto, considerando-a como sujeito de direitos tal com o homem (DF, 1988): mãe, filha, avó, analfabeta, estudada, trabalhadora, desempregada, negra, parda, indígena, pobre, e outras categorias.

Partindo da construção identitária, discutimos a história da mulher no Brasil, no que diz respeito ao patriarcado, à educação, ao feminismo, às relações de saber-poder, ao público e ao privado. Andrade (2021) afirma que a desigualdade entre homem e mulher no Brasil tem sua raiz no patriarcado, com a colonização do país no século XVI, época em que cabia unicamente ao homem toda a autoridade, o poder

político e econômico, devendo-lhe a mulher e seus descendentes, a obediência e submissão.

No final do século XVII, com a descoberta de minas de ouro em Minas Gerais, o interior tornou-se alvo da colonização. (...) A região mineira atraía pessoas que buscavam enriquecimento, aventuras e escravos. (...) o número de celibatários era alto e as relações concubinárias eram comuns. Das relações ilegítimas, surgiam filhos e as mulheres solteiras que eram mães trabalhavam para chefiar suas famílias. (Andrade, 2021, n.p.)

Interessante que, passados mais de três séculos é comum nos depararmos com famílias mantidas por mães solteiras, que vivem em situação até mesmo de penúria, com cinco filhos, sendo um de cada pai, e muitas vezes, sem a ajuda para o seu sustento e dos filhos.

Com a diminuição da mão de obra escrava e a migração masculina, em meados do século XVIII, as mulheres passaram a desenvolver outras funções, no entanto, sem remuneração, e ainda, acumulando com os seus afazeres de mãe e esposa. Isso mostra que as capacidades de trabalho da mulher tinham um reconhecimento velado, a ponto de permitir que travasse uma carga grande horária de trabalho, se considerarmos o trabalho doméstico associado ao trabalho fora de casa. Mas, o problema sempre residiu na não aceitação da mulher como quem ocupa um lugar sempre dado ao homem, ou ainda, um lugar no qual ela esteja “acima” dele.

São resquícios da estrutura patriarcal, que até os dias atuais se tem combatido. Desse combate surgiu o grupo “Nossa Causa”: uma Organização da Sociedade Civil que visa o fortalecimento de Organizações da Sociedade Civil e a promoção da Justiça Social através de seus projetos de impacto e produção de conhecimentos. Dentre os estudos, esta Organização debateu sobre “Conquistas do feminismo no Brasil: uma linha do tempo” (2020).

Nesse estudo, afirmam-se a necessidade de debater sobre as conquistas das mulheres, de forma a deixar claro tratar-se dos direitos das mulheres, que nem sempre tiveram liberdade para falar abertamente sobre suas vontades, necessidades e escolhas e tudo o que estava “escondido” detrás disso. Muitas foram as conquistas das mulheres, sendo elas mesmas protagonistas nas lutas por equidade e respeito na sociedade ao longo de séculos, “desde as bruxas perseguidas na idade média, até as sufragistas que foram às ruas para conquistar o direito ao voto. É impossível separar os períodos importantes da humanidade das conquistas feministas que acompanharam o passar dos anos” (Nossa Causa, 2020, n.p.).

Com o objetivo de ilustrar as conquistas das mulheres feministas no Brasil, a supramencionada Organização elencou alguns dos marcos mais importantes na garantia dos direitos das mulheres ao longo da história, conforme apresentamos no quadro a seguir

Quadro Erro! Argumento de opção desconhecido. - **Conquistas das mulheres feministas**

Ano	Conquista
1827	As meninas são liberadas para frequentarem a escola.
1832	Publicação da obra “Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens”, de Nísia Floresta.
1879	As mulheres conquistam o direito ao acesso às faculdades.
1910	Criado o Partido Republicano Feminino.
1932	As mulheres conquistam o direito ao voto.
1962	Criado o Estatuto da Mulher Casada. E a chegada da pílula anticoncepcional ao Brasil.
1974	O direito da mulher de portar um cartão de crédito.
1977	Aprovada a Lei do Divórcio.
1979	Direito da mulher à prática do futebol.
1985	Criada em São Paulo a primeira Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher (DEAM).
1988	A Constituição Brasileira passa a reconhecer as mulheres como iguais aos homens
2002	“Falta da virgindade” deixa de ser motivo para anular o casamento
2006	É sancionada a Lei Maria da Penha
2015	É aprovada a Lei do Femicídio
2018	A importunação sexual feminina passou a ser considerada crime
2021	Criada a Lei 14.192/21, para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher

Fonte: Nossa Causa (2020, n.p.)

Frequentar a escola hoje pode não ser muito significativo para algumas mulheres. Mas, isso só é possível mediante uma busca por esse direito, a priori, alcançado em 1827, a partir da Lei Geral, promulgada em 15 de outubro, sendo-lhes possível ingressarem nos colégios e estudarem além da escola primária.

Quando paramos para refletir que hoje em dia as mulheres brasileiras são a maioria no que se refere ao acesso à formação superior – 25% das mulheres no País ingressam nas universidades, enquanto o número de homens é apenas 18%, segundo Relatório Education of Glance 2019, divulgado pela

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico¹ (...) (Nossa Causa, 2020, n.p.).

Quanto à Nísia Floresta, ela foi a primeira mulher brasileira a defender a mulher como sujeito dotado de inteligência e merecedora de respeito tanto quanto o homem, sempre considerado como sujeito superior. “Seu livro é considerado o pioneiro do feminismo brasileiro por reforçar que a mulher é tão capaz quanto qualquer homem de assumir cargos de liderança ou desempenharem quaisquer atividades na sociedade” (Nossa Causa, 2020, n.p.).

Conquistar o direito ao acesso às faculdades de fato é um grande salto para a mulher. No entanto, esse direito até os dias atuais é permeado de lutas, nem sempre tão brandas, para as mulheres, que ainda sofrem algum tipo problema, decorrente dos resquícios do machismo, como a discriminação.

A garantia das mulheres na participação política via partido político foi uma conquista datada do ano de 1910, quando o primeiro partido político feminino foi criado: resultado de muitas pressões de mulheres feministas atuantes no cenário político brasileiro. O Partido Republicano Feminino foi criado “como ferramenta de defesa do direito ao voto e emancipação das mulheres na sociedade” (Nossa Causa, 2020, n.p.).

Somente em ano de 1932 a mulher recebe o direito ao voto, garantido pelo primeiro Código Eleitoral brasileiro. Uma conquista que “(...) só foi possível após a organização de movimentos feministas no início do século XX, que atuaram intensa e exaustivamente no movimento sufragista, influenciados, sobretudo, pela luta das mulheres nos Estados Unidos e na Europa por direitos políticos. (Nossa Causa, 2020, n.p.).

Em 27 de agosto, a Lei nº 4.212/1962 representa na realidade duas conquistas: a mulher casada trabalhar e fazê-lo sem a necessidade de autorização do marido. Duas ações numa só Lei, ainda que fosse permitido a mulher trabalhar, no entanto, somente com o devido consentimento. Outro benefício desta Lei, foi a obtenção do direito da mulher à herança do marido e à chance de pedir a guarda dos filhos em casos de separação.

¹ Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/@@search?SearchableText=Organiza%C3%A7%C3%A3o%20para%20a%20Coopera%C3%A7%C3%A3o%20e%20Desenvolvimento%20Econ%C3%B4mico>.

Também em 1962 chega ao Brasil a pílula anticoncepcional, que, apesar da polêmica causada em relação à saúde da mulher, trouxe-lhe autonomia sobre os direitos reprodutivos e a liberdade sexual feminina.

No ano de 1964, o Brasil sofreu inúmeras mudanças no âmbito social e político com o golpe militar. Esse regime ditatorial durou até o ano de 1989 (GONÇALVES, 2009). As mulheres participaram na resistência à ditadura de várias formas, inclusive com a utilização de armas, fugindo ao papel que era tradicionalmente imputado a elas, ou seja, zelar pelas suas casas, seus maridos e seus filhos (SARTI, 2001). Sem uma proposta feminista deliberada, as militantes negavam o lugar tradicionalmente atribuído à mulher ao assumirem um comportamento sexual que punha em questão a virgindade e a instituição do casamento, [...] pegando em armas e tendo êxito neste comportamento (Andrade, 2021, n.p.).

O que hoje nos parece simples, usar um cartão de crédito, só se tornou possível em 1974, com a Lei de Igualdade de Oportunidade de Crédito. Até então, caso as mulheres solteiras ou divorciadas solicitassem um cartão de crédito ou empréstimo, deveriam levar um homem para assinar o contrato.

Acreditamos que depois do uso da pílula, o que mais transformou a vida das mulheres no sentido de tomar decisões sobre si mesma, seu corpo, seus sentimentos, o modo como deveriam viver, foi a aprovação da Lei nº 6.515/1977 em 26 de dezembro de 1977 – a Lei do Divórcio. Esta Lei trouxe às mulheres a possibilidade de escolherem entre permanecer legalmente presas aos casamentos, mesmo infelizes, vivendo em situações abusivas em seu dia a dia, ou divorciando-se do homem que não mais queria como esposo. “Porém, é importante ressaltar que anos após a validação da lei, as mulheres divorciadas permaneciam vistas com maus olhos pela sociedade. Esta pressão social fez muitas mulheres optarem por casamentos infelizes e abusivos em vez de pedirem o divórcio” (Nossa Causa, 2020, n.p.).

“Pé de mulher não foi feito pra se meter em chuteiras!”. Segundo a Organização Nossa Causa (2020), essa manchete ocupava a primeira página de um jornal em 1941. No País do futebol, obviamente somente a possibilidade de pensar que a mulher pudesse praticar um esporte totalmente voltado ao universo masculino (na época), feriu o ego de muitos homens machistas. Em virtude do Decreto da Era Vargas, “as mulheres não podiam praticar esportes que ferissem sua “natureza feminina”. Por isso, de 1941 até 1979 nenhuma mulher praticou o futebol. Somente em 1983 a regulamentação do futebol feminino veio, porém, até os dias atuais o incentivo às mulheres na prática desse esporte é pouco.

A primeira Delegacia da Mulher em São Paulo marcou a garantia da mulher em ser atendida num ambiente destinado somente a ela. Depois de São Paulo, outros estados abriram essas delegacias especializadas da Polícia Civil, que “realizam, essencialmente, ações de proteção e investigação dos crimes de violência doméstica e violência sexual contra as mulheres” (Nossa Causa, 2020, n.p.).

A Constituição Brasileira de 1988 é um marco para tudo no Brasil, e é justamente esse documento que passa a reconhecer as mulheres como iguais aos homens:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
I - Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição; (Brasil, 2016, p. 13).

De acordo com Andrade (2021), os ideais do feminismo começam a ganhar espaço no Brasil no final da década de 1980, período marcado pelas reivindicações de políticas públicas específicas para as mulheres, além de reflexões mais aprofundadas sobre as questões do gênero.

Foi apenas na Constituição de 1988 que as mulheres passaram a ser vistas pela legislação brasileira como iguais aos homens. Somente após as pressões da pauta feminista, aliada com outros movimentos populares que ganharam as avenidas na luta pela democracia, é que conseguimos vencer uma realidade opressora e fomos incluídas legalmente como cidadãs com os mesmos direitos e deveres dos homens – pelo menos na Constituição (Nossa Causa, 2020, n.p.).

O movimento feminista passa ganhar notoriedade e a ser reconhecido na década de 1990, com a inserção de mulheres feministas em cargos do Estado com o objetivo de fazer política voltada para mulheres. O que, segundo Andrade (2021), culminou na criação de leis em favor das mulheres, no combate e intervenção às diversas formas de violências sofridas pelas mulheres, como a violência doméstica. Além desse significativo avanço,

No meio acadêmico, as feministas buscaram, além de compreender a desigualdade social que oprime as mulheres, conhecer as causas históricas das opressões. As discussões e pesquisas sobre a condição da mulher na sociedade e a construção social das diferenças de gênero ofereceram subsídio para buscar a transformação da cultura e a ruptura com as representações sociais do lugar fixo que homens e mulheres devem ocupar na sociedade. As relações de poder entre homens e mulheres, a falta de

autonomia das mulheres e a violência contra a mulher tornaram-se alvo de questionamentos. (Andrade, 2021, n.p.).

A julgar pela evolução das conquistas das mulheres, a “falta” da virgindade foi, até o ano de 2002, motivo para o marido anular o casamento ou, divorciar-se da mulher.

Em 2006 é sancionada a Lei Maria da Penha. A origem do nome vem da história de Maria da Penha, uma farmacêutica que foi vítima de duas tentativas de homicídio, tendo ela lutado por quase vinte anos para que conseguisse colocar o criminoso, seu ex-marido, atrás das grades.

A Lei Maria da Penha define cinco formas de violência doméstica e familiar e não pressupõe que só há violência quando a agressão deixa marcas físicas evidentes. Reconhecer a violência psicológica nas relações, não subestimar o risco por trás de uma ameaça ou de uma aparente ‘lesão corporal leve’ podem prevenir violências mais graves, incluindo o feminicídio íntimo. (Dossiê Feminicídio, s.d., n.p.)

Uma das mais importantes conquistas do feminismo no Brasil foi a sanção da Lei nº 11.340/2006 para combater a violência contra a mulher. De acordo com o Dossiê Feminicídio (s.d., n.p.) do Instituto Galvão, o feminicídio é assassinato de mulheres em contextos discriminatórios, marcado pela (ainda!) “desigualdade de poder entre os gêneros masculino e feminino e por construções históricas, culturais, econômicas, políticas e sociais discriminatórias”.

A Lei do Feminicídio aprovada no dia 9 de março de 2015 reconhece o feminicídio como um crime de homicídio qualificado:

Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. (Brasil, 2015, n.p.)

Não poderíamos deixar de citar uma frase fortíssima, que retrata a busca da mulher pelo respeito à vida, à sua condição de sujeito que vive, pensa, ama, odeia, trabalha, sofre, cai, levanta, se reconstrói ou morre debaixo de olhos velados da sociedade.

A subjugação máxima da mulher por meio de seu extermínio tem raízes históricas na desigualdade de gênero e sempre foi invisibilizada e, por consequência, tolerada pela sociedade. A mulher sempre foi tratada como uma coisa que o homem podia usar, gozar e dispor. (Dossiê Feminicídio, s.d., n.p.)

Cotidianamente a mulher é vítima de todo tipo de assédio e violência pelas ruas e no uso de transportes, como metrô, ônibus e outros. Desde a Lei nº 13.718/2018, vitória feminista, o assédio tornou-se crime. Outra importante lei foi criada em 2021.

A Lei 14.192/21 estabelece normas para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher ao longo das eleições e durante o exercício de direitos políticos e de funções públicas. É violência política contra as mulheres toda ação, conduta ou omissão com a finalidade de impedir, obstaculizar ou restringir os direitos políticos. (Nossa Causa, 2020, n.p.).

No quadro que segue apresentamos algumas das históricas conquistas de mulheres no Brasil, as quais muitas vezes são ignoradas pela sociedade, pela educação que nem sempre observa a necessidade de se trabalhar temas que marcaram mudanças expressivas na arte, na cultura, na política e na educação de nosso País. Esse é um retrato muitas vezes guardado por algumas mulheres e expostos por outras.

Quadro Erro! Argumento de opção desconhecido. - **Conquistas de mulheres no Brasil**

Ano	Nome	Conquista
1822	Maria Leopoldina Josefa Carolina	Imperatriz do Brasil, exerce a regência, em 1822, na ausência de D. Pedro I, que se encontrava em São Paulo; ela exige que D. Pedro proclame a independência do Brasil. Adverte: “O pomo está maduro, colhe-o já, senão apodrece”.
1885	Chiquinha Gonzaga	Compositora e pianista, estreia como maestrina, ao reger a opereta “A Corte na Roça”. É a primeira mulher a estar à reger uma orquestra. Precursora do chorinho; compôs mais de duas mil canções, entre elas, a primeira marcha carnavalesca do país.
1929	Alzira Soriano	Conquistou 60% dos votos em 1929; no ano seguinte foi empossada prefeita de Lajes, no Rio Grande do Norte. Foi a primeira mulher da América Latina a assumir o governo de uma cidade. E foi a primeira mulher eleita prefeita em um país que ainda não havia permitido o sufrágio feminino.
1934	Maria Lenk	A primeira atleta brasileira a participar de uma Olimpíada; a nadadora de 17 anos, embarca para Los Angeles. É a única mulher da delegação olímpica.
1933	Carlota Pereira de Queirós	Foi a primeira deputada federal brasileira por São Paulo.

1934	Maria Teresa Silveira de Barros Camargo	Foi a segunda mulher a conseguir ser eleita prefeita de uma cidade em toda história do Brasil, ao assumir a Prefeitura de L-meira - São Paulo.
1996	Nélida Pinõn	Foi a primeira mulher a ocupar a presidência da Academia Brasileira de Letras. Sua obra já foi traduzida em inúmeros países, tendo recebido vários prêmios ao longo de mais de 35 anos de atividade literária.
2010	Dilma Rousseff	Foi eleita a primeira presidente mulher do Brasil. Foi reeleita novamente no ano de 2014.

Fonte: Adaptado de Educarte Instituto (s.d.)

Como vimos, cada uma das conquistas das mulheres é fruto de sua não aceitação da situação de qualquer tipo de violência ou de situação de risco, ou ainda, de sobrevivência, ou simplesmente por querer viver com liberdade os mesmos direitos dados aos homens. O que para grande parte da sociedade machista sempre representou um risco de a mulher sobrepor-se ao homem em coisas que eles concebem como cabíveis somente a eles, como nas funções de determinados trabalhos, dentre outras coisas.

Importa que são conquistas valiosas, que trouxeram às mulheres a autonomia sobre suas escolhas políticas, econômicas, de relacionamentos, de ser mãe ou não, de ir e vir sem sentir-se constrangida e quando sentir, denunciar. Essas e tantas outras conquistas vêm transformando a vida de mulheres, de famílias, e da sociedade, num processo de tentar mostrar que homem e mulher devem ter seus direitos igualmente preservados.

1.2 As mulheres de Mato Grosso no período Colonial

Vivia uma vida selvagem a população do Brasil quando descoberto. Os portugueses, descobridores, trouxeram consigo, além da vontade e ganância pela riqueza que aqui encontraram, a violência com que exploraram quem aqui habitava. Com as mulheres não foi diferente, as índias se tornaram escravas sexuais e domésticas, e foram vítimas desses colonizadores, retrato de desrespeito e desprezo pela figura humana feminina, o que já era costume no mundo quando tratamos de mulheres. Os portugueses trouxeram consigo o interesse econômico e os costumes patriarcais já arraigados no continente europeu. (Araújo, 2018, p. 35).

Essa dinâmica acima destacada, marcada pela violência e pelo desdém pela figura feminina, refletia os costumes patriarcais nas terras brasileiras. Ao longo dos

séculos, esse padrão persistiu, mas o debate sobre o papel das mulheres ganhou espaço, inclusive em regiões como Mato Grosso, buscando a igualdade de gênero, e o reconhecimento da contribuição feminina para a sociedade além dos papéis tradicionais, como esposa e mãe.

Muitos desafios já foram vencidos e atualmente é possível nos depararmos com mulheres ocupando cargos e desenvolvendo funções antes destinadas somente aos homens. A presença da mulher no mercado de trabalho e em vários outros espaços tornou-se uma realidade – resultado de muita luta e de debates que ainda permanecem, em escala menor, principalmente em relação a questões de salariais.

O cenário atual é diferente do que a mulher viveu nos períodos colonial e imperial. No entanto, é importante discutirmos a construção dessa mudança, que culminou com maior presença das mulheres no campo profissional, no qual em alguns segmentos elas se destacaram e ainda destacam.

Uma pesquisa apresentada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea em abril de 2019 (IPEA, 2019), considerando idade-período-coorte (1992 a 2030), projeta que a presença da mulher no mercado de trabalho no ano de 2030 será de aproximadamente 64,3%, superando o que tínhamos em 2015, e com tendência a crescer, o que já se havia observado nas décadas anteriores. Esse crescimento refere-se a setores como o de inovação, construção, empreendedorismo e tecnologia, mercado no qual as mulheres vêm fazendo a diferença.

Em março de 2019 o Governo do estado de Mato Grosso publicou um artigo em homenagem ao Dia Internacional das Mulheres, referenciando as mulheres que, ao longo de décadas, ressignificam as artes visuais, a literatura, a música e o cinema – o fazer artístico em nosso estado, sendo elas: Vitória Basaia (artista plástica), Vera Capilé (cantora), Luciene Carvalho (escritora e poeta), e Keiko Okamura (audiovisual).

As mulheres deixaram de ter sua figura ligada somente ao espírito maternal, de boa esposa, segregada aos afazeres domésticos, passando a deter outros títulos, tais como escritora, administradora, gestora, doutora, artista. Mulheres que, inspiradas em outras mulheres que representam exemplo de coragem, de força e perseverança, de autoestima, que otimizaram sua visão sobre si e acreditaram no potencial que tinham para desvelar ao mundo exterior do seu lar, o quão poderiam contribuir para com a sociedade.

Mulheres que serviram e servem de exemplo para outras no que se refere à visão de si mesmas, dos outros, da família, do trabalho, da política, da cultura e de

uma infinidade de assuntos que antes lhes era privado. Mulheres que se destacaram pelo mundo afora, participando das transformações sociais e representando uma espécie de alforria diante de uma sociedade patriarcal e muitas vezes preconceituosa, cuja voz feminina era contida.

Em virtude da diversidade cultural e social brasileira, chama-nos a atenção a evolução da participação da mulher nos períodos colonial (de 1530 a 1822) e imperial (1822 a 1889), marcados pela exploração de matéria prima e pela escravidão, seguido de transformações políticas com a chegada da Família Imperial.

É importante lembrarmos que “Mato Grosso teve seu espaço colonizado na primeira metade do século XVIII, sendo o arraial e depois Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (atual cidade de Cuiabá) o ponto mais avançado até 1734, quando foram descobertas as minas na região do Guaporé (Jesus, 2012, p. 94). A formação do povo mato-grossense, segundo esta mesma estudiosa, estava ligada à escravidão negra e aos indígenas.

Em se tratando do estado de Mato Grosso, é possível afirmar que tivemos mulheres consideradas um pouco à frente de seu tempo. Ao debater sobre o universo feminino mato-grossense no período colonial, mais especificamente das minas cuiabanas, Augusto (2018) encontra em fontes histórico-documentais dois tipos distintos de mulheres: a pobre e a abastada, representadas respectivamente por pés descalços e saias de algodão, braceletes e seda fina.

Nesse quadro, Augusto (2018, p. 211) explicita a imagem de “um mundo rural majoritariamente masculinizado, combinado, pelas exceções, com a figura da mulher, seja ela herdeira de engenho, esposa de lavradores, irmãs, entre outras”. Configura-se a soberania feminina (da mulher abastada) apenas em relação aos escravos minas e crioulos, índios e pardos.

Por volta de 1751 a circunvizinhança de Cuiabá apresentava uma economia dos engenhos e lavras cuiabanas de produção de aguardente e açúcar, com propriedades rurais concentradas nas mãos de mulheres, dentre as quais Augusto (2018) cita Maria Luiza de Jesus, dona de grande propriedade rural, produtora de farinha.

Um documento elaborado em 1753 - Estatuto de Posturas Municipais de Vila Bela, em seu código de ética, mantinha a mulher “porta adentro”, tratando dos assuntos puramente domésticos no seio familiar, devendo ela sair em público nos dias de missa e festivos. A mulher abastada era retratada como aquela de vestimenta,

adorno e trejeitos impecáveis, enquanto à pobre em nada se reservava, em nada era pensada quanto à instrução moral.

Uma mulher que se destacou pelos anos de 1770, segundo Garcia (2018), foi a negra quilombola Tereza de Benguela, casada com José Piolho, chefe do Quilombo do Piolho ou Quilombo do Quariterê, localizado na fronteira entre Mato Grosso e Bolívia. Com a morte do marido pelas mãos de soldados do estado, Tereza passou a liderar o quilombo, fazendo com que a comunidade negra e indígena, formada por aproximadamente 100 pessoas, resistisse à escravidão por duas décadas. Pela liderança exercida, ela era chamada de Rainha Tereza.

Sua comunidade vivia do cultivo de algodão, milho, feijão, mandioca, banana, e da venda destes produtos. Toda a estrutura política, econômica e administrativa do quilombo era comandada por Tereza. A defesa da área era mantida com armas trocadas com os brancos ou roubadas das vilas próximas. A ausência de registros claros, conforme explica Garcia (2018), levam historiadores a conjecturar que Tereza suicidou-se ao ser capturada por bandeirantes a mando da capitania do Mato Grosso, por volta de 1770. Com sua morte, 79 negros e 30 índios que moravam no Quilombo foram mortos pelas forças de Luís Pinto de Sousa Coutinho.

Em 02 de junho de 2014 a então presidente Dilma Rousseff oficializa pela Lei nº 12.987/2014, em homenagem à Tereza, a data de 25 de julho como o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra (Garcia, 2018).

Em Vila Cuiabá, no ano de 1778 existiram 24 pontos comerciais, sendo 08 desses estabelecimentos administrados por mulheres, que sofreram perseguição durante dois anos (1774 e 1775) da Câmara Municipal, recebendo multadas sem motivos aparentes. Importa que as mulheres já conseguiam ocupar um espaço anteriormente preenchido somente por homens. Apontamos aqui a participação das mulheres nas atividades mercantis (Augusto, 2018).

Augusto (2018) narra a história de uma escrava que no ano de 1800 procurou a justiça de Vila Real do Cuiabá relatando os maus-tratos sofridos na casa de “seu senhor”. Em seu corpo, as velhas e novas marcas deixadas pela crueldade masculina não lhes serviram de defesa, senão, para justificar que se tratavam de correções em decorrência de seu comportamento de “mulher de recado”, ainda que tivesse sido ama de leite dos filhos e pajem da esposa de “seu senhor”. Justiça cega, coberta com o véu da falsa justiça que tornava legítima a violência dos senhores para com seus escravizados e escravizadas.

No ano de 1809 muitas mulheres que moravam no perímetro urbano detinham certo poder por atuarem em várias atividades comerciais: “21,83% eram brancas, 54,4% pardas e 13% negras”, descreve Augusto (2018, p. 211). Aqui nota-se que além de abastadas e pobres, as mulheres eram também marcadamente diferenciadas pelo tom de pele.

Nesse meio tempo, a diferença entre os direitos e os deveres de homens e mulheres estampava-se na educação. Aos homens abastados era dada a oportunidade do bacharelado em Portugal, dos cargos régios e das viagens filosóficas, enquanto às mulheres abastadas, lhes era imposto aprender sobre “o coser dos alimentos, o tear, o bordado, a costura do enxoval, o sonho com o casamento ou o enclausuramento nos conventos”, como escreve Augusto (2018, p. 213).

Com a influência do Iluminismo que valorizava a razão em detrimento da fé, em meados do século XVIII, as mulheres passaram a sofrer maiores perseguições. Assim, “mandingueiras e benzedadeiras são presas, multadas e vexadas. As práticas tácitas do cuidado com a saúde amparado em ervas são substituídas (em tese) pelas figuras dos boticários e cirurgiões”, argumenta Augusto (2018, p. 215).

A mulher (pobre) tem seu intelecto e práticas diminuídos, coibidos, dando vazão às marginalizadas e desclassificadas, consideradas fora do padrão colonial, invisível, sem importância. As mulheres de elite, ao contrário, são denominadas “de qualidade”, aptas principalmente para o matrimônio. “E talvez daí deriva o maior número de amasiamentos entre as pobres e de residências de mães solteiras, também maiores entre as não abastadas” (Augusto, 2018, p. 215). No entanto, a mulher abastada, mesmo com posição privilegiada na sociedade colonial, é também diminuída, devendo render-se (como esposa) aos comerciantes, proprietários de engenhos e criadores de gado, recebendo também a alcunha de mulher reclusa e marginalizada.

Augusto (2018) conta a história de Maria Joaquina de Souza, que após enviuar-se, recebeu grande quantidade de dinheiro por herança, devendo, por testamento, doar a décima parte à Igreja Nossa Senhora do Rozário e à Nossa Senhora da Boa Morte. Casada de novo, a viúva não o fez, sendo, por volta de 1817, chamada para explicar diante do Juiz, suas razões. O que não acontece. Maria Joaquina explica que não pode ausentar-se de casa devido à distância de sua moradia até a Villa, e a falta de quem administre seus 10 escravos, atribuindo em carta, que seu esposo responda por ela. Porém, o esposo está em viagem, e diante de sua

posição aos olhos da justiça, nada acontece com a viúva, posto que o homem, na época, era visto pela sociedade como o centro domiciliar.

Augusto (2018) finaliza seu estudo afirmando que nas terras auríferas da região de Vila Cuiabá, o desenvolvimento social e econômico ordenado possibilitava maiores lucros. E, a história da mulher está atrelada à racionalidade moral cristã, cujo discurso destoa do valor dado à mulher abastada e à mulher pobre, vistas como diferentes não só no modo de vestir e se resguardar, mas, na visão que lhes é dada quanto ao código de conduta – no qual a mulher pobre sequer é vista.

Desde o princípio do Século XIX (1801 a 1900), a mulher permanecia resguardada ao espaço privado, com as portas do mercado de trabalho e da vida pública fechadas “para a maior parte das mulheres, pois, privadas de educação, não tinham qualificação suficiente para uma profissão, continuando confinadas ao lar, exercendo seu tradicional papel de mãe e esposa” (Amaral, 2011, p. 02). A mulher era considerada incapaz, posto que não tinha estudo, portanto, não possuindo a qualificação necessária para exercer qualquer função diferente da desempenhada em casa. Em tudo pesava à mulher, as decisões do marido.

Nesse período marcado por inúmeras transformações na história mundial, segundo Inácio (2015), pelos períodos de 1815 -1818, o Brasil foi reconhecido como reino associado de Portugal, marcado pelo processo de imigração que previa o aumento da população, despontava entre as mulheres brasileiras a influência de “libertinas inglesas e francesas, criticando a sociedade que dera aos homens mais direitos do que obrigações e às mulheres mais obrigações do que direitos e buscando romper com uma postura inerte diante da submissão e ausência de direitos iguais” (Inácio, 2015, p. 03). Timidamente iniciava-se a desconstrução do estereótipo da mulher concebida até então.

1.3 As mulheres de Mato Grosso no período Imperial

Estabelecida a colonização e a chegada da família real ao Brasil, em 1808, transformações no cotidiano da colônia ocorreram e, em relação às mulheres também, provocadas pelos costumes europeus das integrantes da realeza e sua comitiva. (...) a mulher que já vinha num processo, ainda lento, de busca por mais liberdade e atividade, não teve grandes evoluções no período imperial. Naquela sociedade patriarcal, como visto, a mulher era sempre tolhida, contida e limitada. As casadas ainda mais. Mulheres de respeito e casadas sempre deviam servir à família e nada mais. Todos os seus desejos eram reprimidos. Homens se satisfaziam com prostitutas que, por sua vez, eram tratadas como lixo. (...) As mulheres, em maioria, tinham como

características predominantes a submissão e a falta de instrução, embora poucas tivessem traços de inteligência, conhecimento de línguas e outros dons. (...) pais e maridos temiam o mau uso da escrita para comunicar-se com as amantes. (Araújo, 2018, p. 45-47).

Essa estrutura social persistiu durante o período imperial, que teve início com a independência do Brasil no ano de 1822 estendendo-se até o ano de 1889. Klanovicz (2011) explica que

(...) a Independência brasileira, como processo, tem inúmeros focos, em diferentes datas e locais. (...) alguns eventos, conjunturas políticas, sociais e econômicas, além de personalidades, tiveram peso e relevância nesse cenário antecedente aos eventos políticos que vão redundar na separação política do Brasil com relação a Portugal, oficialmente deflagrada em 7 de setembro de 1822. (Klanovicz, 2011, p. 11).

Dentre os principais movimentos contrários ao domínio português à época, tivemos a Conjuração Mineira (1789), a Conjuração Baiana (1798) e a Revolução Pernambucana (1817). A insatisfação tinha como razão “a exploração e a opressão de Portugal sobre a América Portuguesa e a impossibilidade de manutenção do sistema colonial e de seu correspondente sistema econômico (o mercantilismo), no Brasil”, expõe Klanovicz (2011, p. 16).

O Brasil estruturou-se economicamente com a mão de obra escrava, fruto do tráfico negreiro de homens, mulheres e crianças trazidos de várias regiões do Continente Africano. Dentre as principais influências do povo africano na cultura e na formação da identidade nacional, Klanovicz (2011) cita a culinária, a arte, os ritmos e as religiões. São elementos que permanecem até a contemporaneidade.

Mesmo com o direito a estudar, estabelecida no início da segunda década do século XIX, na província de Mato Grosso, o processo educacional feminino, iniciou somente em 1790, com a Instituição do Subsídio Literário, as aulas régias ocorriam de forma pontual de acordo com a necessidade de cada localidade e da disponibilidade de pessoas habilitadas para ministrar as aulas (na época principalmente Engenheiros), nestas aulas havia o predomínio de homens.

Pereira (2009) relata a história de Mato Grosso no período imperial, destacando que a notícia da independência do Brasil chegou em terras mato-grossenses em 1823, num período marcado por uma crise política, econômica, financeira e social.

Contrariando o artigo 179 da Constituição imperial de 1824, o Direito Civil valia-se dos termos ‘mulher’, ‘esposa’, ‘filha’, ‘viúva’ “para restringir o direito da mulher em

relação ao homem, proibi-la de alguma conduta, reputá-la inferior e submetê-la ao poder de outrem” (Amaral, 2011, p. 08). O homem permanecia em seu pedestal de detentor da moral e dos bons costumes, cujos desvios – como o adultério, não tinham espécie alguma de condenação. Já à mulher, um resquício de adultério era socialmente condenável, podendo até mesmo levá-la à morte.

Com a Constituição de 1824, as leis ordinárias e decretos que perduraram todo o período imperial referiam-se à mulher em apenas oito normas. Uma delas tratava da pena de morte à mulher (escrava) que ferisse ou praticasse qualquer tipo de ofensa ao seu senhor e seus familiares (Lei nº 4 de 10 de junho de 1835). Somente no ano de 1827 as meninas conseguiram o direito para estudar. E aos poucos, ganharam o direito político, passando a votar.

A primeira mulher a participar da política no Brasil foi a Princesa Isabel, ao tornar-se sucessora de seu pai, ao assinar a abolição da escravidão. Ela fora

(...) orientada pessoalmente pelo seu pai que, preocupava-se em diversificar os estudos de sua filha, com matérias acadêmicas que incluíam as línguas latina, francesa, inglesa, italiana, grega e alemã, a história de Portugal, da França e da Inglaterra, a literatura portuguesa e a francesa, geografia, geologia, astronomia, química, física, geometria, aritmética, história da filosofia e economia política (Inácio, 2015, p. 13).

Uma educação primorosa que ainda encontrou resistências e muitas críticas quanto à sua participação política. Tínhamos uma sociedade patriarcal, com pouca atuação das mulheres e alguns campos da sociedade. A Princesa Isabel mostrava-se equilibrada diante de toda e qualquer crítica advinda de sua situação de mulher, chegando a aprovar as leis abolicionistas, que eram seu maior interesse.

Nesse tempo (1823-1838), novos arraiais na região de Mato Grosso foram descobertos, e formados núcleos mineradores – atuais municípios de Acorizal, Chapada dos Guimarães, Diamantino, Nortelândia, Nossa Senhora do Livramento, Poconé, Rosário Oeste e Vila Bela da Santíssima Trindade. Pelo estado iniciava-se a produção de gêneros básicos para abastecer os distritos mineradores, estabelecendo-se também as propriedades rurais resultando no surgimento de sistema agropastoril.

Destacam-se os casamentos consanguíneos pelo estado de Mato Grosso, cujo objetivo era a manutenção dos bens da família entre os seus. Como justificativa nos autos do que a Igreja vetava, à mulher era atribuída a fragilidade, sua dependência e submissão. A mulher é tratada como inferior (Yamashita, 2009).

Durante a sessão plenária em 07 de março de 2017, a presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Mato –rosso - a Desembargadora Maria Helena Póvoas, homenageou as mulheres que marcaram a história de Mato Grosso, dentre as quais, relembrou aquelas que participaram ativamente da retomada de Corumbá na ocasião da invasão paraguaia. Lideradas pela esposa do tenente-coronel Hermenegildo Portocarrero, Ludovina Alves Portocarrero, as mulheres fabricavam cerca de seis mil cartuchos para os soldados, auxiliando assim na derrota do poderio militar paraguaio, em dezembro de 1864.

De acordo com Parreira (2015), a Uruguaiana Ludovina casou-se com Hermenegildo em 1838, no Rio de Janeiro, com quem teve 15 filhos, um deles nascido em Mato Grosso em 1863. Por volta de 1961 a família mudou-se para Corumbá, para que Hermenegildo assumisse o Comando do Corpo de Artilharia de Mato Grosso e Distrito Militar do Baixo Paraguai.

No dia 27 de dezembro de 1864, aos 39 anos, Ludovina estava no Forte de Coimbra... Nesse dia, pela manhã, Dona Ludovina cuidava de seus filhos pequenos quando nota uma movimentação diferente no Forte. Com a experiência da vida de caserna, acompanhando seu marido nas infundáveis transferências a serviço, busca junto dele informações. Ele também não sabe. Momentos mais tarde os civis da vila adjacente ao Forte de Coimbra começam a chegar à fortaleza. Ludovina auxilia na organização das mulheres e crianças que entram, pois os militares iniciaram os preparativos de alerta e a movimentação dos canhões dentro do forte exigia que algumas áreas não poderiam ser invadidas por crianças ou animais, para sua própria segurança. Às 08:30 chega um emissário paraguaio trazendo uma carta do Coronel Vicente Bárrios, que esclarece tudo: a guerra começou! Dizia o *ultimatum*... uma chuva de balas de canhão caiu sobre o Forte. Em seguida, 700 infantos paraguaios avançaram contra as muralhas de Coimbra, sendo barrados pelas balas dos fuzis e baionetas brasileiras, sob o comando do Tenente João de Oliveira Mello. (Parreira, 2015, n/p).

Diante da situação, percebendo o pouco número de munição, Ludovina convoca as 70 mulheres presentes no Forte para fabricarem cartuchos. E assim, por toda a noite, sua motivação, a garra e o senso de dever contagia todas as mulheres, que juntas, fabricam numa só noite mais de 6.000 cartuchos. Era apenas o segundo dia de batalha. Na tarde do dia seguinte, Ludovina vendo a derrota aproximar-se do Forte,

(...) pede ao músico Verdeixas que pegue a imagem de Nossa Senhora do Carmo, que ela havia singido com a banda (vermelha) de Comandante, e a erga sobre as muralhas. E ele grita: Viva Nossa Senhora do Carmo! E todos os combatentes – brasileiros e paraguaios – respondem: Viva! Interrompe-se o combate! Por um momento, os dois povos voltam a ser irmãos em Cristo

pela intercessão de sua Mãe, a Virgem Maria, ali invocada sob o título de Nossa Senhora do Carmo! (Parreira, 2015, n/p).

Novamente sem munição, já sem alimentos e sem dormir por dois dias, depois de um esforço imensurável, não mais havia como fabricar cartuchos. O tenente-coronel junto aos Oficiais em Conselho de Guerra decide deixar o Forte de Coimbra, e assim o faz por volta de 23:00 horas. Carlota, de apenas 13 anos, filha do casal Portocarrero, leva consigo a imagem de Nossa Senhora do Carmo. A comitiva chega a Corumbá, direcionando posteriormente para Cuiabá, onde a família Portocarrero permanece até 1868, sendo posteriormente o tenente-coronel designado para Assunção. Ludovina volta para o Rio de Janeiro. Em 1889, o tenente-coronel recebe o título de Barão do Forte de Coimbra, e Ludovina o título de Baronesa do Forte de Coimbra.

Ao chegar no ano de 1843 em Vila Bela da Santíssima Trindade com uma Comitiva, Castelnau comparou a cidade com Cuiabá, descrevendo uma situação que muito o surpreendeu durante um jantar, como expõe Campos, Gonçalves e Castrilon (2021):

Num dos lados da mesa estavam agrupadas umas doze mulheres muito bem vestidas, quase todas mulatas e com aparência de grande acanhamento, em face dos estrangeiros. (...) As damas tinham se conservado em silêncio toda a refeição e, esta acabada, desapareceram para não mais voltar. Foi primeira vez, desde que tínhamos saído do Rio de Janeiro que vimos as mulheres tomarem lugar à mesa (Campos; Gonçalves; Castrilon, 2021, p. 208).

O maior espanto deu-se por tratar-se de mulheres negras sentadas à mesa, algo inédito, principalmente em se tratando da corte. Essas mulheres permaneciam em silêncio, e tão logo acabava o jantar saíam da mesa, deixando apenas os homens ali, evidenciando certo desprestígio em relação a elas. Em contrapartida, as mulheres de Vila Bela, mesmo vivendo à sombra dos homens, engajavam-se no cotidiano da comunidade, atuando como mães, esposas e pessoas que produziam a sobrevivência. Esse novo cenário indica o início de uma conquista, mesmo silenciosa.

Um dos maiores feitos ocorreu em 28 de setembro de 1871, com a Lei do Ventre-Livre - Lei nº 3.279, que decretou como liberto os nascidos de mãe escrava; esse feito marcou o início da escravidão no Brasil, acentuado pela Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel no dia 13 de maio de 1888, que decretou a abolição da escravatura no Brasil.

Essas considerações são importantes para reconhecermos que a mulher no Brasil vem de uma busca constante pela liberdade, e que, oficialmente, o que determinam as leis nem sempre chegam ao conhecimento de todos/todas. A abolição da escravatura foi decisão de uma mulher que conhecia muito bem todo o sofrimento do povo africano, e de modo especial os horrores vividos pelas mulheres africanas que serviam “ao homem branco”. Eram mulheres que sofriam todo tipo de abusos.

A escrava grávida não recebia nenhum tipo de cuidado e permaneciam todo o período desempenhando as mesmas funções as quais estavam designadas – nas lavouras e nos serviços domésticos, dentre outros -, em condições precárias. Devido ao máximo esforço obrigatório no trabalho, muitos eram os abortos naturais sofridos pelas escravas. “As mulheres em condição de escravizadas, principalmente durante a gravidez e a maternidade, tinham que lidar com situações em que a violência imperava. A violência contra mulheres escravizadas se manifestava de diversas formas, fossem elas físicas ou psicológicas.”, afirma Barreto (2021, p. 6).

As escravas tornavam-se mães muito novas, desde os 14 anos de idade, e tinham muitos filhos. Junto à família, sofriam todos os tipos de opressão. Mas nenhuma preocupação havia nesse sentido, de modo que, como destaca Barreto (2021, p. 21), “houve uma tendência ao esquecimento da história dessas mulheres escravizadas durante a maternidade, e quando tal esquecimento ocorre isso resulta em um silenciamento, ou seja, silenciam-se também fatos importantes de uma época.”.

Essa contextualização é relevante para entendermos que, no início o período imperial (1822), a então Capitania de Mato Grosso² passa a se chamar Província de Mato Grosso, uma terra onde a extração do ouro era intensa, o que caracterizava um processo de economia e migração crescentes.

Camargo (2015) relata que nas terras mato-grossenses onde se desenvolviam as lavouras e a cultura pastoral, o trabalho era desenvolvido pela mão de obra escrava, cujo modo de vida era o mesmo apresentado por Barreto (2021). Ao

² “A capitania de Mato Grosso, juntamente com a capitania de Goiás, foi criada pelo governo colonial português por Carta Régia em 1748, ambas desmembradas da província de São Paulo. A localização geográfica fez de Mato Grosso uma capitania estratégica na geopolítica colonial portuguesa, por se localizar na fronteira com o território pertencente ao império colonial da Espanha, com quem a questão de limites estava sem solução e era motivo de disputas diplomáticas que não raras vezes avançava para escaramuças militares.” (Garcia, 2001, p. 12).

descrever a historicidade da escravidão e a formação econômica de Sant'Ana de Paranaíba (hoje Paranaíba-MS), a estudiosa conta que

Apesar da distância, a localidade estava inserida na sociedade escravista e na dinâmica imperial, principalmente nas intenções imperiais de conhecer e de “ocupar” o interior do Brasil. (...) chama a atenção à utilização da mão de obra escravizada em trabalhos domésticos rotineiros, na produção agrícola de subsistência e na lida com o gado, possibilitando uma maior aproximação com o seu senhor, já que os senhores não possuíam grande número de escravos em suas fazendas, diferenciando-se daquelas que produziam grande quantidade de cana-de-açúcar e café para exportação e, por isso, possuíam uma grande quantidade de escravos (...) (Camargo, 2015, p. 208).

O sertão mato-grossense era detentor de grandes latifúndios e expansão pastoril, “a custo da destruição de inúmeras populações indígenas diante do avanço dos currais.”, argumenta Camargo (2015, p. 208). A vigilância em relação aos escravos era acentuada, e o trato com as mulheres escravas era o mesmo, como nas demais terras brasileiras.

O ciclo de mineração em Mato Grosso foi intenso, mas de curta duração. A exploração de uma mina tão logo acabava, era abandonada e seus exploradores passavam para outra, devassando assim, o sertão oeste do estado, mudando sempre o foco minerador. A exemplo de Cuiabá (1825) e o Vale do Guaporé (1835), como expõe Garcia (2001). Aos poucos, a economia da mineração decaiu.

No apogeu do império (1850), muitas mudanças de ordem política incidiram no estado, como: a Interpretação do Ato Adicional (1840), a reforma do Código de Processo Criminal (1840), a reforma da Guarda Nacional (1850) e o início da reorganização do exército (1850) (Garcia, 2001). Em 1873 surgiu junto aos Liceus, a primeira cadeira de Pedagogia, porém sem consistência e continuidade, ora eram extintas, posteriormente reabertas. Portanto, destacamos que em 1880, o 5º regulamento da instrução pública em Mato Grosso, apresentou uma proposta inovadora para oficializar e regulamentar os exames preparatórios no Liceu Cuiabano, entretanto o curso normal permanecia integrado às diretrizes dos Cursos de Línguas e Ciências.

Com a crise do império em 1870 e o início do processo de emancipação dos escravos, o movimento progressista começa a ganhar espaço nas terras mato-grossenses. Em contrapartida, a mão de obra escrava diminui, e baixa a produtividade na agricultura do estado, e o comércio passa por um período de adaptação. Garcia

(2001) analisa que Mato Grosso não encontrou um caminho próprio no período imperial,

(...) um caminho que lhe permitisse certa autonomia econômica e social e, por isso mesmo, certa identidade própria no conjunto do Império. Permaneceu dependente do governo geral e por isso mesmo sofrendo das suas vicissitudes políticas e econômicas. Os fatores que lhe davam características particulares, como situar-se na fronteira e ser uma província insular, nas condições que caracterizavam as instituições do Estado imperial e diante da fragilidade econômica da província, transformaram Mato Grosso em prisioneiro dos avanços e recuos, da prosperidade e da crise do Império. (Garcia, 2001, p. 123).

Todo esse histórico é relevante pois, é nesse meio que os viajantes (estrangeiros, imigrantes, políticos, investidores e outros) exploravam as terras mato-grossenses e vivenciaram a história da mulher em todo esse contexto, e a descrevem, explicam Campos, Gonçalves e Castrillon (2021). Estes autores citam Norbert Elias (1990) para afirmar que os viajantes tinham um discurso moralista e religioso, mesmo num País onde os grupos sociais era de exclusão e diferentes formas de viver e de fazer. E citam o francês Hercule Florence, que veio para o Brasil em 1824, numa expedição científica que durou quatro anos (1825 a 1829). Ao passar pela vila de Cuiabá, em 1827, o desenhista narrou os costumes dos habitantes, como segue

As mulheres de classe média e, sobretudo, inferiores, são muito livres nas suas conversas, modos e costumes. Além do contínuo exemplo da licença geral e quase desculpada, recebem pernicioso influxo do contato dos escravos, negros e negras, cujas paixões violentas não veem peias a sua expansão. A fidelidade conjugal é, muitas vezes, falseada. Apesar de temerem mas considerá-los como amos e senhores, sabem perfeitamente enganá-los. (...) elas eram “livres nas conversas” e que havia conhecido uma que, embora fosse falante, era “civilizada”. Ao retratar os costumes dos habitantes, Florence deu visibilidade às mulheres, contudo enfatizou que os valores negativos eram universalizados às mulheres, independentemente da classe ou posição social. (Campos; Gonçalves; Castrillon, 2021, p. 202).

O desenhista descrevia as mulheres como sendo todas “iguais” no quesito de liberdade e comportamento em receber, digamos, elogios. Era comum à época, que os valores europeus fossem seguidos. Percebia-se que a descrição caminhava pelos hábitos “perniciosos”, mais observado entre os negros (escravos).

Outra narrativa do desenhista Florence (1997), citado por Campos, Gonçalves e Castrillon (2021) evidenciava mulheres que se rendiam à interesses financeiros para sobreviverem:

As moças filhas de pobres não pensavam em casamento a não ser quando o homem tivesse um dote, e como não trabalhavam eram arrastadas pela vida licenciosa. Todavia, apesar de pertencerem a todos, nunca mostraram as baixeiras e ganâncias das mulheres públicas europeias. (Campos; Gonçalves; Castrillon, 2021, p. 202).

O viajante destaca a vida silenciosa, que significa uma vida de submissão, de viver sentimentos, sonhos e desejos da forma discreta.

Responsável pela construção da documentação cartográfica, Florence viajava muito por todo o Mato Grosso. Num dos percursos, antes de chegar à Vila Maria do Paraguai (hoje Cáceres), passou pela fazenda Jacobina, que era uma das mais ricas propriedades da província do estado. Campos, Gonçalves e Castrillon (2021) afirmam que o desenhista relata que ao entrar num dos pavimentos da fazenda,

(...) deparou-se com mais de cem pessoas entre escravos e gente alforriada, sendo a maior parte do sexo feminino. Para **espanto** do viajante, o comando dessa propriedade estava sob a responsabilidade de uma mulher, “cujo pescoço estava envolto de muitas voltas de colares de contas grossas de ouro”. Sobre a proprietária da fazenda, o francês não emitiu juízo de valor eurocêntrico, descrevendo-a assim: O que havia de notável era que essa mulher, tão corpulenta e que mostrava ter cinquenta anos, andava e mexia-se com agilidade de uma garrida mocetona. Sua fisionomia, seu olhar e boca exprimiam simultaneamente a energia, a franqueza e a bondade. Todos os escravos e agregados a estimavam tanto quanto a temiam, sendo com efeito a mãe de toda redondeza, principalmente pelos cuidados com que tratava os enfermos e pelos socorros que com pródiga mão distribuía aos necessitados. (Campos; Gonçalves; Castrillon, 2021, p. 202).

Notemos a singularidade dessa mulher estava na responsabilidade sobre o momento testemunhado pelo viajante, e o espanto dele era justamente em deparar-se com a figura de uma mulher à frente de um evento, por mais simples que fosse (almoço). Na continuidade, o desenhista relata uma quantidade aproximada de 200 escravos, entre homens e mulheres e 60 crianças, e na mesma proporção, agregados, crioulos, mulatos e índios. Destaca a presença dos povos Bororos, descrevendo suas particularidades: os adereços, a estatura, os cabelos, o corpo, os modos de viver e de ser e os movimentos. Florence assim descreveu as mulheres indígenas:

Mulher carregando, além de uma criança a cavalo sobre os ombros, um cesto suspenso às costas por uma embira que passa pela testa. Esses fardos a obrigam a curvar a cabeça e o corpo, e não lhes permite levantar uma frente altiva, como os injustos homens de sua horda. Os cabelos cortados do mesmo jeito dos homens são mais curtos e em desordem. Não tem como único ornamento senão os crescentes nas orelhas. (Campos; Gonçalves; Castrillon, 2021, p. 203).

O retrato da mulher indígena mato-grossense é de extrema submissão, de uma vida sob a selvageria herdada do povo Bororo, que chegou ao ponto de matar escravos e destruir as plantações. Um povo que causava medo em muitos fazendeiros da região.

Na figura que segue, a imagem de duas mulheres que representavam as várias etnias do povo Bororo em Mato Grosso, como a Guaicurus. O desenho é do francês Francis Castelnau, que durante uma expedição científica, estudou Botânica, Geologia e Zoologia.

Figura Erro! Argumento de opção desconhecido. - **Mulheres da etnia Guaicuru**



Fonte: Campos, Gonçalves e Castrilon (2021, p. 205).

Nota-se a expressão de uma espécie de apatia e até mesmo tristeza, como se olhar para si fosse até mesmo um fardo, além daqueles que carregavam, em espécie e em submissão.

Descrevendo sua passagem à capital da província de Mato Grosso (Cuiabá), Castelnau falou das ruas e casas, como que assemelhadas às europeias. Comentou sobre a visita ao arsenal de guerra chegando ao bairro do Porto e na igreja, onde deparou-se com mulheres negras. A visão do francês em relação aos costumes para com as mulheres esboçava ser pior que em outros lugares do Brasil por onde havia passado antes. Castelnau, citado por Campos, Gonçalves e Castrilon (2021) fez a seguinte afirmação:

(...) é desagradável ser forçado a declarar que, deste particular, o mau exemplo é dado pelos padres, os quais não se arreceiam para satisfazer as suas brutais paixões, de usar de a influência conferida pela sua posição, como ainda de pôr ao serviço delas as cerimônias mais santas da religião. Há frequentes desavenças, não raro resolvidas a faca. A defesa policial é insuficiente para impedir que ela se entregue freneticamente ao batuque e às mais vergonhosas orgias. (Campo; Gonçalves; Castrilon, 2021, p. 206).

Não é difícil imaginar o papel da mulher negra na capital nos idos de 1842-1845, como descreve Castelnau. O silêncio não é somente dessas mulheres, mas até mesmo daqueles que poderiam mudar a situação em que as mesmas eram condicionadas.

São essas mulheres que fizeram e fazem parte também da história das mulheres no estado de Mato Grosso, que estiveram por séculos sob condições impostas pela sociedade patriarcal e machista, ostentada pelo racismo, pelas marcas de uma vida sofrida e silenciosa, com o corpo e a alma dilacerados pelo sexo imposto pelos seus senhores e maridos.

O silêncio marcou também as damas (Castelnau), cujos privilégios volviem em torno de terem à disposição mulheres negras para realizarem seus trabalhos domésticos, dentre outras coisas. No entanto, Baldo (2021) afirma que as mulheres negras e as indígenas, com seus adornos e força interior resguardados sob o véu machista e intimidador, foram mais severamente resignadas ao trabalho e ao sexo selvagem. As mulheres indígenas, segundo Baldo (2021), sempre foram historicamente apresentadas como vítimas e criaturas inferiores, dominadas e marginalizadas, sem importância. Esse é o retrato, segundo a pesquisadora, trazido nos livros didáticos.

Se observamos, é exatamente assim que mulheres negras e indígenas são “desenhadas” nos livros didáticos. Suas vestes, adornos, dotes e virtudes (culinária, cuidados, trabalho e outros) são raramente narrados. “A mulher negra é representada como resistente a diversas formas de crueldade e exploração, observando-se, assim a disseminação de “imagens racistas/sexistas de corpos hiperssexuados capazes de ‘suportar’ todo tipo de abuso e violência sexuais”,” expõe Baldo (2021, p. 49).

Os textos deixam evidente que as mulheres que participaram da história de Mato Grosso no período imperial têm o mesmo perfil daquelas que construíram a história da nação brasileira no mesmo período. Mulheres que mesmo silenciadas pela cultura da violência, mantiveram-se fortalecidas pela esperança de uma liberdade verdadeira, ainda que tardia – para seus descendentes, evidenciando que a força

interior, contida, exalava um toque de valor que somente elas poderiam sentir e que as mantinham vivas.

As mulheres mato-grossenses ajudaram a construir um estado que, enquanto Província, entre o período de 1850 até o final da Guerra do Paraguai, em 1870, tinha como preocupação a vida política do estado, que dependia do governo central / federal. Mulheres que acompanhavam seus patrões e maridos pelas estradas e povoações, como Cuiabá, Livramento, Poconé, Vila Maria, Vila Bela da Santíssima Trindade. Mulheres que viveram em colônias militares, como Dourados e Miranda, e aquelas que acompanharam a chegada do gado na região de Taquari'e Sant'Anna do Paranyba. Mulheres que trabalharam no cultivo da poaia ao norte de Vila Maria e na região de Diamantino, e também nas poucas atividades comerciais. Mulheres que sobreviveram à decadência do Império, que passaram fome – de alimento e de justiça.

Se os problemas que afetavam diretamente a economia da província como os transportes eram deficientes, pior eram outros setores, que diziam respeito às suas condições de vida, como a saúde e a educação. (...) Mato Grosso aparece de forma nítida, no final do Império, como uma província atrasada, com poucas perspectivas econômicas e com uma população sofrendo de problemas que se revelavam de difícil solução. (Garcia, 2001, p. 112 e 113).

Em todo o período imperial, o destaque é dado aos homens, como o general Hermes da Fonseca, Cunha Matos, Floriano Peixoto, Augusto Leverger, Joaquim Murinho.

Taunay, Deodoro, Floriano, Cunha Matos são alguns desses representantes do poder central que passaram por Mato Grosso antes de 1889. Deodoro é um bom exemplo: enviado em missão militar a Mato Grosso, em 1888, é recebido como herói em sua volta, pouco tempo depois, acirrando ainda mais a chamada "Questão Militar", componente importante do processo que resultará, em seguida, na proclamação da república. Esse quadro apontado, no entanto, também permite realçar a fragilidade da representação política da própria província. Em todo o período imperial, não tivemos um único senador que fosse mato-grossense. E nenhum mato-grossense ocupou cargo de expressão no Império. (Garcia, 2001, p. 118).

O que vimos é que existiu na construção do Estado de Mato Grosso uma gama de homens políticos e militares desbravadores de uma terra permeada de riquezas (ouro, navegação, gado, índios e negros) que lhes encheram os olhos para uma relação de poder, que mostrou a fragilidade dos homens, incluindo os fazendeiros e agricultores da província, transformando a eles, suas mulheres e empregados,

sujeitos prisioneiros “dos avanços e recuos, da prosperidade e da crise do Império” como afirma Garcia (2001, p. 123).

Nesse contexto, encontravam-se as mulheres brancas, as negras e as indígenas, também as mestiças (filhas de brancos e negras, de brancos e índias), com suas particularidades (traços e costumes / culturas diferentes) e similaridades (vítimas dos mais diversos abusos e da insignificância). São esses os relatos das mulheres no estado de Mato Grosso no período imperial, evidenciando uma lacuna ainda ser preenchida. Lacunas na história das mulheres não são novidades, como expõe Baldo (2021, p. 34) “Se já existe um grande abismo na escrita da história sobre as mulheres, imagine o tamanho da lacuna referente às mulheres negras e indígenas pertencentes às classes populares”.

Ao analisar o processo de implantação e expansão das escolas em Mato Grosso, de 1719 a 1946, Alves (2011) expõe que se revela um panorama marcado por experiências isoladas de ensino até a década de 1770, sem registros oficiais. A partir de 1772, com o estabelecimento do Subsídio Literário, surge a obrigatoriedade de criação de escolas de primeiras letras na região. Antes desse período, especulava-se sobre a existência de raros professores itinerantes, geralmente ligados às viagens das autoridades portuguesas, atendendo aos filhos dos poucos quadros burocráticos e militares.

A estrutura educacional era fragmentada, com as aulas régias independentes umas das outras, sem um currículo integrado. Os engenheiros, por necessidade de formação para obras e fortificações militares, também ministravam aulas práticas em locais improvisados, como o próprio canteiro de obras. As tentativas de organização do ensino incluíram a criação de escolas primárias, concursos para admissão de professores e até a proposta de uma escola normal, que não se concretizaram. Liceus provinciais e escolas normais foram criados em diversas regiões do Brasil, mas no contexto de Mato Grosso, muitos desses liceus foram resumidos a agrupamentos de aulas em um mesmo prédio, como aconteceu na tentativa de criação do Liceu em Cuiabá, explica Alves (2011).

Destaca-se a criação do Seminário da Conceição e a oferta de disciplinas externas à vida religiosa. Entretanto, como analisa Alves (2011), a atenção governamental ao ensino foi direcionada mais à criação de regulamentos para a implementação das políticas educacionais. A escassez e precariedade das escolas contrastavam com a obrigatoriedade do ensino exigida por leis. Em meio às mudanças

econômicas e à participação de Mato Grosso na Guerra do Paraguai, episódio que resultou em perdas significativas, como surtos de doenças e o fechamento de instituições de ensino, novas legislações surgiram, incluindo a introdução do ensino noturno e a descentralização do ensino secundário para instituições privadas.

Alves (2011) afirma que apesar dos avanços normativos, como a criação da primeira escola normal em 1875, as oscilações na estruturação e manutenção das escolas evidenciaram um cenário de constantes alterações e dificuldades na consolidação de um sistema educacional estável em Mato Grosso até meados do século XIX. A valorização do ensino primário pelo Estado contrastava com a instabilidade e mudanças frequentes no ensino secundário, demonstrando desafios persistentes na construção de uma estrutura educacional sólida na região.

1.4 As mulheres de Mato Grosso no período Republicano

Uma análise crítica do desenvolvimento do sistema educacional em Mato Grosso até 1889, realizada a partir do texto de Alves (2011), revela um cenário de relativo atraso e desafios persistentes. A região se integrou gradualmente à economia mundial por meio de projetos de exploração de recursos naturais, estabelecimento de empresas nacionais e estrangeiras, e avanços nas estruturas de transporte e comércio.

Nesse contexto, houve um esforço para reestruturar o ensino com foco na formação de professores, exemplificado pela criação do Externato Feminino. Esta iniciativa visava ampliar o conhecimento dos jovens mato-grossenses para o magistério público. No entanto, explica Alves (2011), mesmo com essa ênfase pedagógica, o presidente da época manifestou uma visão machista, sugerindo que a preferência dada às mulheres no magistério teria desfavorecido o ensino público, levando os pais a optarem por escolas particulares para os seus filhos.

Em meio a esse contexto, surge o regulamento de 1896, que instituiu escolas elementares e complementares, ministrando aulas de “costura” para as meninas. O ensino secundário foi incumbido ao Liceu Cuiabano, com a criação do “Curso de Humanidades”, destinado a preparar os alunos para diversas profissões, incluindo o magistério público. Essas mudanças foram conduzidas por professores paulistas contratados para traçar novas diretrizes educacionais, afirma Alves (2011).

A criação dos grupos escolares e da Escola Normal representou uma inovação significativa, particularmente ao permitir o ingresso das mulheres no magistério. No entanto, o ensino profissionalizante visava mais suprir as exigências específicas do Estado e alargar o ensino a baixos custos do que oferece uma formação de qualidade. De acordo com Alves (2011), a Associação Brasileira de Educadores, fundada em 1924, refletia uma tentativa de reunir profissionais da educação de diferentes estados para delinear diretrizes para o ensino no país. Entretanto, em Mato Grosso, as questões educacionais se centraram mais na expansão do ensino primário e na formação de professores do que na melhoria de padrões pedagógicos inovadores.

Ao final do século XIX e ao longo do século XX os movimentos femininos intensificaram, vieram à tona mulheres que antes se forjavam para apresentar suas ideias e suas obras, outras se encorajaram e revelaram seus talentos e potencial. Fala-se dos movimentos na arte, na literatura, na política, nos movimentos de libertação sexual da mulher, etc. Com a República, em sua primeira fase de 1889 a 1930, houve a implementação do trabalho assalariado, o desenvolvimento e o poder da burguesia tomou conta com a exploração dos trabalhadores, mormente da classe operária. (...) As mulheres negras, por sua vez, passaram a contribuir com o trabalho doméstico. (Araújo, 2018, p, 53).

Os movimentos femininos e as transformações nas relações de gênero evidenciadas na República brasileira refletem mudanças significativas na posição e participação das mulheres na sociedade. E, ao refletir sobre a emancipação da mulher branca pela década de 1920 mediante a análise de duas obras de Benjamin Costallat³, Carloni (2021, p. 21) afirma que, esse período foi marcado por “transgressões, ambiguidades e limites nas transformações das relações de gênero “protagonizadas por mulheres”. Mesmo que a autora esteja se referindo às mulheres brancas na cidade do Rio de Janeiro, o retrato não teria sido diferente nos demais estados brasileiros.

A literatura da época apontava a figura da mulher má e imbuía à missão moralista contra a mulher moderna, sem qualquer rodeio, de modo especial, os feministas, que defendiam o exercício da liberdade pelas mulheres, que deveriam ser “belas e perfumadas” (Carloni, 2021, p. 26). Em contrapartida, havia quem defendia as mulheres como pilares da sociedade, com exceção daquelas que vivam os excessos e a falta de moral da burguesia. Referindo-se a Benjamin Costallat, a autora afirma que:

³ O livro *Mademoiselle Cinema*, publicado em 1923, e a sua primeira crônica publicada na coluna “Mistérios do Rio” no *Jornal do Brasil*, em 1924, “No dia do trabalho homenagem às suas maiores e mais silenciosas vítimas”.

O literato também manifestou o seu horror às mulheres que se dedicavam a literatura. Em uma nota sobre a obra poética de Maria Eugênia Celso⁴, considera que a jovem seria uma rara exceção em meio as piegas ideias e o estilo pernóstico que predominaria na detestável e escrita feminina. Em suas palavras, a mulher, devido à “natureza passiva”, deveria apenas inspirar os escritos literários e nunca ser autora deles. A maioria das “mocinhas” seria “metrificadora de sandices”. (Carloni, 2021, p. 27).

Os escritos de Benjamin Costallat retratavam a mulher como quem se deixava levar pelos desejos da carne e os interesses materiais – chamadas de musas mundanas, que em busca dos prazeres da modernidade perdiam sua essência feminina, a natureza do “sexo frágil”, da pureza.

A musa moderna e perversa deixa de cumprir seu fundamental papel de validar a existência do homem. Ela se nega a ser o “Outro”, o espelho que legitima as virtudes do sexo oposto. Sai dos poemas e, ao se propor livre, é vista como uma potencial inimiga. Uma ameaça a aquele que seria exclusivamente e unicamente essencial, o homem. Nestes casos, a fêmea não é mais descrita como o ser etéreo e acolhedor, mediador entre o homem e a natureza. Nas narrativas dos homens enganados e desiludidos, a princesa torna-se uma feiticeira, uma traidora, (...). (Carloni, 2021, p. 28-29).

Os homens acreditavam que, ao se emanciparem, as mulheres estariam invadindo seus espaços, perdendo suas feições femininas, abandonando o que seria sua missão maior, de mãe e esposa, de submissão ao homem em todos os sentidos.

A crônica escrita por Benjamin Costallat ao homenagear as mulheres, trata-se de uma denúncia social, por que as descreve como aquelas que sofriam e até mesmo chegavam a morrer devido ao trabalho nas cidades. Eram meninas e jovens pobres, que recebiam baixos salários e sofriam assédio moral e sexual, além de passarem fome, às vezes sem ter até mesmo onde morar. Eram muitas as opressões e as tentativas de naturalizar a inferioridade das mulheres. (Carloni, 2021).

Já em relação às mulheres negras, Silva (2021, p. 66) as descreve como aquelas tiveram suas vidas marcadas em função dos “estereótipos raciais e de gênero, que violentavam direta ou indiretamente as suas vidas”. O racismo se fazia

⁴ Maria Eugênia Celso Carneiro de Mendonça (1886), nascida em São João Del Rey-MG, filha do Conde e Condessa de Afonso Celso, neta do Visconde de Ouro Preto que presidia o Gabinete Imperial quando da deposição do Imperador D. Pedro II. Sua família radicou-se em Petrópolis e a menina cursou o Colégio Sion. Escreveu: “Em Pleno Sonho” (poemas de amor), “Vicentinho”, “Fantasias e Matutadas”, “Desdobramento”, “Alma Vária”, “Jeunesse”, “O Solar Perdido” e “Poemas Completos” (1955); o romance “Diário de Ana Lúcia”; crônicas no livro “De Relance”; uma peça de teatro “Ruflos de Asas”; biografia: “Síntese Biográfica da Princesa Isabel”.

presente às claras, e em alguns casos velado de acordo com a posição social ocupada pela mulher negra.

A situação não era igual para todas as mulheres negras. A esse respeito Silva (2021) explica que uma professora negra, por exemplo, teria acesso a recursos que uma mulher pobre e sem instrução não teria, como uma casa própria. Mas, a autora não descarta as hipóteses de violência racial, que se revelavam em diversas particularidades e níveis, quanto ao gênero e *status* social, presença e participação em diferentes instituições e espaços públicos.

Silva (2021) afirma que as professoras negras buscavam viver em harmonia no que se refere à moralidade e honestidade, formando família onde exercia com esmero seu papel de esposa e mãe, e o magistério. Isso, ainda que vivessem relações desiguais quanto às questões raciais de gênero. “(...) apresentavam-se esteticamente como as professoras-modelo” (p. 67).

A professora Zulmira Augusta de Miranda foi uma dessas professoras. Nascida no Rio de Janeiro no ano de 1877, centrou-se em sua formação escolar (Escola Normal, de 1897-1900) e na carreira docente. Dadas as suas origens, dela exigiu-se o que bem foi: uma professora “de qualidade”, extremamente simpática e habilidosa em tratar com as pessoas e lidar com as mais diversas situações de discriminação. Suas capacidades e habilidades intelectuais sobressaíam a tudo isso. “Contornar as situações de discriminação racial com certa leveza também a situava no lugar de mulher a ser respeitada porque tal conduta a aproximava dos ideais de sensibilidade, doçura, domesticidade”, afirma Silva (2021, p. 68).

A “professora de cor”, como a descreviam, era muito estimada e venceu muitos preconceitos, além de alcançar, por mérito, muitas vitórias, como a direção da Escola Modelo Benjamin Constant, uma das mais importantes do Distrito Federal, em 1906.

(...) a trajetória da professora Zulmira Augusta de Miranda tenha se resumido aos enquadramentos de gênero e de posição social. Mas, a contrapelo, podemos enxergar que esse foi um importante caminho para o exercício de sua agência intelectual e para o enfrentamento às perspectivas de inferioridade racial lançadas sobre a população negra. (Silva, 2021, p. 71-72).

Silva (2021) afirma que desde o início do período republicano, as mulheres vêm sendo alvo de situações e debates a respeito gênero, raça e *status* social, tendo analisados seu comportamento e estilo de vida, a forma como controlam seus corpos, e como isso se reflete, por exemplo na vida das professoras.

Ao escrever sobre as mulheres do Estado de Mato Grosso no período republicano, Costa (2012) concorda em muitos aspectos referenciados por Silva (2021) e Caloni (2021), ao afirmar que a mulher foi muito avaliada mais por suas características biológicas e de subordinação, e nos aspectos sociais, mais limitada às suas obrigações e esposa e mãe.

No início do período republicano, mudanças importantes aconteceram, como a modernização da capital, Cuiabá, com a reabertura da navegação pelo Rio Paraguai, que acarretou uma série de outras mudanças, como a vinda das “máquinas a vapor, a imprensa, o telégrafo, a locomotiva, o encanamento de água, a luz elétrica, enfim grande parte dos avanços que o mundo europeu já conhecia há mais de um século”, explica Costa (2012, p. 6).

No contexto rural, as condições precárias de trabalho dos professores e a falta de infraestrutura adequada nas escolas resultaram em um ensino deficiente, incapaz de gerar resultados significativos. A remuneração baixa e a ausência de perspectiva de carreira minavam a motivação e as habilidades dos professores, enfraquecendo o sistema educacional. Embora houvesse preocupação com o combate ao analfabetismo, as limitações estruturais e a falta de suporte aos professores comprometiam a eficácia das ações. Em suma, a evolução do ensino em Mato Grosso até a virada do século XX demonstra um quadro marcado por desafios persistentes e uma busca contínua por soluções para consolidar um sistema educacional mais eficaz e abrangente na região, explica Alves (2011).

Nas primeiras décadas do século XX, o cenário do Estado de Mato Grosso ainda era predominantemente rural, que aos poucos foi se transformando, se modernizando, de maneira especial, com a chegada da energia elétrica em 1919, com a evolução cultural e política, com a circulação de revistas literárias originadas em grêmios literários, como o grêmio “Júlia Lopes” e sua revista “A Violeta”. Este grêmio tinha como diferencial ser formado somente por mulheres, dentre

(...) jovens normalistas e mulheres da sociedade mato-grossense letradas sendo a maioria delas de famílias tradicionais que tinham em comum o apreço e o objetivo de “cultivar as letras femininas e patricias” (Nadaf, 1993). Além desse objetivo, as associadas ao “Júlia Lopes” se propuseram a desenvolver uma missão mais complexa: a de real“zar o “engrandecimento da moral da nossa estremeçada terra [...]. (Costa, 2012, p. 7).

Costa (2012) explica que esse engrandecimento se deu mais que em relação a moral, alcançando diversas outras questões femininas e feministas, como as relações sociais, a identidade feminina e o papel da mulher no início do século XX. A revista dedicava-se às mulheres mato-grossenses, de modo especial, às cuiabanas, divulgando acontecimentos locais e reflexões cotidianas sobre essas mulheres, além de eventos culturais, sociais e políticos, e até de assuntos religiosos. A revista, segundo a autora, mantinha diálogo com outras revistas que tinham o mesmo perfil: “pensada por mulheres e para mulheres” (p. 9).

Assim como as demais mulheres brasileiras, as mato-grossenses demonstravam insatisfação quanto à identidade feminina, e reivindicaram o direito à educação, ao trabalho e à participação no mundo público. As duas líderes do Grêmio Júlia Lopes (a escritora carioca Júlia Lopes de Almeida e a advogada Bertha Lutz) defendiam o feminismo liberal, e demonstravam que a própria criação do Grêmio já representava uma vitória dos valores morais e intelectuais das mulheres mato-grossenses.

Após o ano de 1922, por meio da revista, e orientadas pelas duas líderes, as mulheres mato-grossenses buscaram a obtenção de seus direitos civis e políticos, culminando na instalação de filiais da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em várias capitais e cidades brasileiras, tendo como primeiro objetivo, o direito ao voto e sua inserção no espaço político.

As primeiras duas crônicas foram assinadas por “Arinapi” (Maria Dimpina Lobo Duarte) e Maria de Arruda Müller. De modo geral, as crônicas tratavam dos principais acontecimentos da sociedade cuiabana e eventos nacionais e internacionais que envolviam suas líderes em busca da expansão do feminismo – “época chamada “Primeira Onda”, fim do século XIX e o início do século XX, onde as mulheres reivindicavam direitos políticos, sociais e econômicos” (Costa, 2012, p. 13). No trecho que segue, Arinapi deixa claro a interpretação errônea do que as mulheres cuiabanas querem, ao lutar pelo feminismo.

E assim, leitores meus, daqui do recesso calmo do meu lar, onde me prendem os deveres tão agradáveis para mim de esposa e mãe, tive, ordenada pela lei que me fez eleitora, de tratar do voto feminino que tantas vezes combate, não porque me intimidasse a falta de competência para exercê-lo, mas pelas mesmas razões por mim contralegadas e que se resumem em querer para a nossa Pátria um eleitorado livre, são, consciente, para evitar que na escolha dos detentores dos Poderes Públicos sejam prejudicados os interesses nacionais. Que as minhas patrícias se eduquem para serem verdadeiras

cidadãs e patriotas nas urnas e no lar, são meus votos. Arinapi (Idem 202, p. 4, de 25 de dezembro de 1932). (Costa, 2012, p. 14).

Em duas edições (1999 e 2000), “A Violeta” dedicou-se ao voto feminino e aos desdobramentos da Revolução de 1932. Assim como essa revista, as mulheres mato-grossenses passaram a utilizar o rádio, os jornais e outras revistas em favor de suas causas. Passaram a ocupar espaços públicos e assim, mudanças foram acontecendo em relação à política e à economia.

Desde então, muitas foram as mulheres que se destacaram na construção da história de Mato Grosso e nas conquistas das mulheres mato-grossenses ao longo do período republicano. A exemplo, temos a historiadora Elair Brito, que fez parte da Coordenação do Arquivo Público de Mato Grosso, um evento que homenageou as que marcaram a história de Mato Grosso, no Dia das Mulheres (2006). Trata-se de uma exposição que durou uma semana, e trouxe fotos, dissertações, reportagens, livros e outros escritos sobre essas mulheres, retratando questões como a violência contra a mulher e o crescimento feminino. (SECOM-MT, 2006).

Conforme destaca a historiadora, nem todas as mulheres têm sua história contada. E apresenta nesse evento, mulheres como Zulmira Canavarros e Dunga Rodrigues, que juntas desenvolveram o Rasqueado no piano solo. Zulmira fundou o primeiro clube feminino (1928), o Mixto Esporte Clube e a rádio A Voz do Oeste. Outra mulher que se destacou foi Lígia Borges Muller Figueiredo, eleita a primeira prefeita eleita no Brasil em 1946, no município de Rosário Oeste; Ana Maria do Couto May, primeira presidente da Câmara Municipal de Cuiabá, no ano de 1965; Ana Martinha da Silva, a mulher mais velha do Brasil (123 anos de registro e 127 anos de vida), em 22 de dezembro de 2003. (SECOM-MT, 2006).

A desembargadora Maria Helena Póvoas destacou em sessão plenária em 07 de março de 2017, outras mulheres que marcaram a história de Mato Grosso, nas artes, na política, na vida cotidiana, no cenário das letras e outras.

Destacou as fundadoras do Grêmio Literário Júlia Lopes no ano de 1916, em Cuiabá, com as seguintes participantes: a primeira presidente Leonor Borralho; vice-presidente Maria Luíza Pimenta; primeira secretária Maria Ponce de Arruda; segunda secretária Maria da Glória Figueiredo e tesoureira Maria Dimpina de Arruda Lobo; as redatoras Thereza de Arruda Lobo, Regina da Silva Prado, Mariana Póvoas e Bartira de Mendonça. Na política, destacou Sarita Baracat, de Várzea Grande. “Ex-professora, Sarita Baracat foi a primeira vereadora e primeira prefeita do município,

foi também a primeira deputada estadual de Mato Grosso e presidente do PMDB local”, afirmou Póvoas para o TER-MT (2017, n.p.). Citou também as ex-vereadoras (Cuiabá) Maria Nazaré Hans e Estevina Habalém (1951), as primeiras parlamentares da Capital de Mato Grosso.

Na mesma ocasião, o Juiz-membro Ulisses Rabaneda lembrou dos 85 anos da conquista do voto feminino, e

(...) citou as mulheres que passaram pelo Pleno do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso: Adversi Rates, Ana Cristina Silva Mendes, Clarice Claudino da Silva, Deise Aparecida Tessaro, Juanita Clait Duarte, Maria Abadia, Maria Aparecida Ribeiro, Maria Divida Vitória, Marilsen Andrade, Orlanda Ferreira, Rosângela Maria Pedroso, Shelma Lombardi de Kato, Vandimara Galvão, Vanessa Pereira, Iolanda Oliveira Ribeiro, Maria Helena Póvoas, Patrícia Ceni, Nilza Possas de Carvalho, as três últimas integrando a composição at@ do TRE-MT. (TER-MT, 2017, n.p.).

Muitas outras mulheres se destacaram e ainda se destacam na história de Mato Grosso, e que muito contribuíram para emancipação da mulher e a educação do povo desse Estado. Algumas delas, da Educação, as quais atuaram e/ou ainda atuam em busca de construí uma sociedade melhor.

Nesse contexto, Benfica (2019) apresenta os primeiros cursos superiores no estado de Mato Grosso, antes e depois da divisão territorial, bem como o processo de criação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), expondo sobre os primeiros cursos de licenciatura no Estado.

Fora da esfera oficial, observa-se a ação da Missão Salesiana de Mato Grosso, na cidade de Campo Grande, que fundou o Instituto Pedagógico São Vicente, que funcionou de 1948 a 1968. A instituição era um seminário maior, onde foi ministrado, inicialmente, o curso de Filosofia, e há, também, registros de que o instituto ofereceu o curso de Pedagogia. (Benfica, 2019, p. 7).

As instituições de ensino superior começaram a ser delineadas nesse Estado durante a década de 1930, na capital, Cuiabá.

A primeira instituição de ensino superior em Mato Grosso tentou ser instalada em Cuiabá, na década de 1930. Em 18 de setembro de 1936, por meio do decreto-lei nº 87, no segundo governo de Mário Corrêa da Costa, criou-se a Faculdade de Direito de Mato Grosso, subsidiada pelo Estado. (Benfica, 2019, p. 7).

Os esforços em prol da criação de instituições de ensino superior em Mato Grosso foram maiores nas décadas de 1960 e 1970. Consolidada a Faculdade de Direito em Cuiabá, no sul do Estado deu-se um movimento de ampliação das

instituições de ensino superior, sendo esse processo iniciado com a fundação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso (FFOMT) na cidade de Campo Grande, em 1962.

Segundo Benfica (2019), o avanço do ensino superior se deu com a criação do Instituto de Ciências Biológicas de Campo Grande (ICBCG), que agregou os cursos da FFOMT. Tal instituto foi estabelecido pela lei nº 2.629, de 26 de julho de 1966, coincidindo com a fundação do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá. De acordo com o ex-reitor da UFMT, Dorileo (2005 *apud* Benfica, 2019), a formação desses institutos no Estado refletia as transformações educacionais que culminaram na Reforma Universitária, já que a estrutura dessas instituições apontava para projetos em andamento.

Como resultado do planejamento geoestratégico do governo militar, no ano de 1977 ocorreu a divisão territorial em Mato Grosso, repercutindo mudanças significativas no sistema educacional do Estado. A começar pela nomenclatura da atual Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), quase idêntica à Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), anteriormente concentrada no sul do antigo Mato Grosso e foi federalizada após a criação de Mato Grosso do Sul, integrando-se à Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Com a divisão do Estado, o sistema educacional já estava estabelecido, proporcionando a base para a continuidade e expansão das atividades educacionais em ambas as novas unidades federativas. Durante certo período, Mato Grosso ficou sem uma instituição de ensino superior estadual, embora sua formação já estivesse em desenvolvimento logo após a divisão do Estado. Isso se deu com a criação do Instituto de Ensino Superior de Cáceres (IESC), considerado o embrião da UNEMAT.

O avanço do ensino superior em Mato Grosso foi marcado por movimentos distintos em várias regiões do estado, a começar pela expansão do ensino superior nas áreas priorizadas pelo Grupo de Trabalho da Reforma Universitária (GTRU), com uma atenção especial para a área da saúde, excluindo-se o curso de Enfermagem. Esse cenário foi consolidado por meio da criação da UEMT e da UFMT por legislações estaduais e federais, respectivamente.

O governo investiu mais de 30% de sua receita em educação, contemplando as universidades, o ensino fundamental e médio. No entanto, após a criação das universidades, a responsabilidade de mantê-las foi gradativamente transferida dos agentes políticos para os institucionais, principalmente para os professores, que

assumiram um papel importante na dinamização do conhecimento e na manutenção das atividades acadêmicas.

Mesmo a pesquisa sendo uma exigência da Reforma Universitária de 1968 para a certificação das instituições de ensino superior como universidades, na prática, na década de 1970 em Mato Grosso, servia mais como uma preparação preliminar para professores e alunos. Paralelamente, houve a criação do Instituto de Ciências Humanas e Letras de Três Lagoas, posteriormente transformado em Centro Pedagógico de Três Lagoas (CPL). Esses centros se espalharam para outras cidades do estado, como Dourados, Aquidauana e Rondonópolis, concentrando-se especialmente na formação de professores para atender à demanda das escolas locais, contribuindo para a estruturação de cursos com impacto econômico regional.

Também houve iniciativas temporárias para formação emergencial de professores, com oferta de cursos de licenciaturas curtas, ministradas durante as férias escolares. Isso culminou na criação do Centro Pedagógico de Rondonópolis (CPR), estabelecido em prédios improvisados e mantido mesmo após a responsabilidade ter sido assumida pela UFMT diante da divisão do Estado.

O ensino superior em Mato Grosso passou por diferentes fases, marcadas por tentativas isoladas no início do século XIX e na primeira metade do século XX. O processo de expansão do ensino superior em Mato Grosso teve início com a efetivação da Faculdade de Direito de Cuiabá no final da década de 1950, seguida pela criação do Conselho Estadual de Educação e, posteriormente, pelo estabelecimento da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Campo Grande. O embate entre Cuiabá e Campo Grande está na criação de institutos que representaram a primeira expansão do ensino nessas cidades, embora por meio da mesma legislação, originando o Instituto de Ciência e Letras de Cuiabá.

2. CONCEPÇÕES E CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nesse capítulo apresentamos o tipo e método de pesquisa, sujeitos de pesquisa, procedimentos de coleta e análise dos dados. Segundo Minayo (2021, p. 14), a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, incluindo-se “simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do/a pesquisador/a (sua experiência, sua capacidade crítica e sua sensibilidade)”.

2.1 Tipo e método de pesquisa

Por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, pautada no método da História Oral, abordamos o histórico da participação da mulher na educação de Mato Grosso, tendo como campo de pesquisa os municípios de Cuiabá (capital do Estado) e Rondonópolis (terceira maior cidade desta federação). Estabelecemos como marco temporal para as entrevistas, os últimos trinta anos, para que pudéssemos fazer uma análise sequencial da trajetória de vida e ações destas educadoras, a escolha de docentes das duas cidades, que ocorreram com o objetivo de enriquecer nossa pesquisa no campo da historiografia Mato-grossense.

A metodologia de pesquisa, segundo Deslandes (2007, p. 14) é “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Enquanto pesquisa, é “a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação” (p. 16).

De acordo com Minayo (2009, p. 21), “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Complementando, Deslandes (2007) explica que

(...) ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (Deslandes, 2007, p. 21).

A citação acima recebe respaldo de Minayo (2009), ao afirmar que o universo da pesquisa qualitativa é a realidade, o cotidiano e as experiências dos sujeitos, suas

intencionalidades e os significados, as suas relações humanas. Esse é o contexto do método da História Oral. Oliveira, Oliveira e Corrêa (2021, p. 67) comentam que “Dentre tantas modalidades de pesquisa qualitativa, a história oral tem sido amplamente utilizada para que inúmeras pesquisas sejam encaminhadas nas mais diferentes áreas de produção e sistematização do conhecimento”.

O método da História Oral propicia ao/à pesquisador/a dar espaço de fala aos sujeitos que poucas vezes são abordados nas produções científicas. Oliveira, Oliveira e Corrêa (2021) explicitam que

A História Oral é uma maneira de registrar as experiências de vida de pessoas (ou grupos) a fim de preencher lacunas existentes tendo em vista que a formalização e documentação de fatos e acontecimentos são majoritariamente realizados por pessoas que possuem o mesmo ponto de vista ou que representa(va)m exatamente sempre o mesmo grupo de pessoas (Oliveira; Oliveira & Corrêa, 2021, p. 69).

Lozano (2020 *apud* Lúcido e Kalil, 2012) completa explicando que a História Oral se destina à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos.

Com essa proposta desenvolvemos uma pesquisa qualitativa de método pautado na História Oral, por compreendermos que dar visibilidade às mulheres que fizeram e fazem parte da história da educação e da sociedade mato-grossense é uma necessidade. É o reconhecimento de que as lacunas deixadas na história, podem ser resgatadas, reconstruídas e levadas a conhecimento acadêmico e aos diversos meios e acervos que contam a história do povo mato-grossense. Silveira e Santos (2016, p. 83) asseveram que “deve-se levar em conta que a História Oral só pode ser empregada na existência de fontes vivas”.

Para Oliveira, Oliveira e Corrêa (2021), as narrativas dos acontecimentos permitem ao/à pesquisador/a filtrar lembranças e experiências significativas nas falas dos sujeitos pesquisados. Sobre memória, Tedesco (2002) explica que é um ato subjetivo, que torna possível e públicas experiências particulares pela reflexão crítica e coletiva. A memória serve de interlocução entre o/a pesquisador/a e as fontes de pesquisa, e sua finalidade é levar o sujeito de pesquisa a manifestar sua experiência de forma única e original. Na visão de Cassab e Ruscheinsky (2004), é preciso

(...) valorizar a relação entre passado e presente, entre história e temporalidade, destaca a importância da memória para se compreender a

intensa relação entre objeto e tempo nessa busca da verdade para se conhecer e criticar a realidade, descobrindo novas nuances em sua constituição. Ao invocar a memória, é importante o pesquisador ter cuidado ao utilizar o termo "memória coletiva", mesmo com o propósito de registro de lembranças compartilhadas e aproveitadas por dada coletividade (Cassab; Ruscheinsky, 2004, p. 19).

Tedesco (2002) concorda que o recurso da memória pode contribuir para com a compreensão e a transformação do que os sujeitos da pesquisa são capazes de lembrar, quando, ao serem ouvidos, reconstituem sua consciência, suas práticas, seus princípios e valores, sua forma de compreender e estar no mundo. A memória, por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja totalmente esquecido, pois ela acaba por capacitar as pessoas a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana (Le Goff, 2013, p. 387). Para se trabalhar com o Método de História oral, é necessário que a pesquisa seja elaborada tendo como base temas recentes, mais contemporâneos, pois os dois métodos para alcançarem êxito necessitam de pessoas que tenham presenciado o momento histórico para fazerem as narrativas.

Para Lúcida e Kalil (2012), o método da História Oral contribui para com o/a pesquisador/a por não utilizar somente textos escritos para pesquisar o passado, torna o estudo do tempo presente mais dinâmico, torna possível que a fala dos indivíduos estudados fiquem registradas para análise posterior. Os relatos orais possibilitam o reconhecimento das contribuições desses sujeitos na (re)construção da memória a qual ainda não fazem ou faziam parte de forma oficial. "Serve também para confrontar com fontes escritas e imagéticas", afirmam Lúcida e Kalil (2012, p. 1).

Segundo Gil (2002), na entrevista, pelo Método de História Oral, há maior proximidade do/a pesquisador/a com o/a entrevistado/a, possibilitando captar suas expressões corporais, dentre outras expressões. Para Silveira e Santos (2016, p. 90), a "A História Oral instiga pela possibilidade de lidar com fontes vivas, registrando suas memórias que estavam adormecidas, mas que ao serem evocadas acabam emergindo junto a outras memórias". As memórias constituem um importante recurso para recuperarmos, enaltecermos, fizermos conhecer ou reconhecer a contribuição de nossas entrevistadas para a história da educação mato-grossense.

2.2 Sujeitos da pesquisa

Na Pesquisa Oral, conforme explicam Oliveira, Oliveira e Corrêa (2021), a fonte oral de pesquisa não só complementa as perspectivas contidas em fontes documentais, como torna viva a memória do sujeito pesquisado. “É nesse sentido, que a fonte oral não é apenas uma memória particular do sujeito entrevistado, mas sim, é a lembrança de um indivíduo inserido em um contexto social, que vivenciou fatos, acontecimentos que marcaram sua trajetória” (Oliveira; Oliveira & Corrêa, 2021, p. 70). Complementando, Silveira e Santos (2016, p. 83) explicam que “a opção pela História Oral envolve critérios qualitativos. Sendo assim, não precisa haver uma preocupação com a quantidade de entrevistados e sim com a contribuição dessa amostragem para a pesquisa”.

Foram fontes orais de nossa pesquisa cinco mulheres de Rondonópolis: Profa. Dra. Eunice Cândida Pereira Rodrigues; Professora, Vereadora e Deputada Estadual Vilma Moreira – falecida em 31.10.2020 (neste caso específico, iremos trabalhar com a História e a Memória, ou seja identificaremos por meio do Método da História Oral, o legado deixado por esta mulher e, sendo assim, faremos entrevistas com profissionais que fizeram parte da sua trajetória como educadora); Profa. Dra. Antônia Marília Medeiros Nardes; Profa. Dra. Laci Maria Alves; Profa. Edina Mara Delavy. E duas de Cuiabá: a Profa. Doutoranda em Educação, Mabel Strobel Moreira da Silva; Poeta, romancista, pesquisadora e Doutora em Literatura, Marli Terezinha Walker.

Tendo como base todo um levantamento bibliográfico da História local e Regional, reportagens em *sites* de notícias, jornais e revistas locais, e compilamento de dados junto a professores das Redes de Ensino Estaduais, definimos estas educadoras como sujeitos desta pesquisa. Elucidamos que, a bibliografia⁵ que trata da história de Mato Grosso, de Cuiabá e de Rondonópolis não referem nenhuma das mulheres as quais serão sujeitos de nossa pesquisa.

Sendo assim levamos em consideração, na escolha, as professoras que tiveram relevância no processo educacional, tendo como referencial suas ações

⁵ (1) SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso**: Da ancestralidade aos dias atuais. 2. ed. atual. e ampl. Cuiabá – MT: Entrelinhas Editora, 2017. (2) SOBRADIEL, Victor Chicati. **CUIABÁ 300 ANOS**: Cidade de Ouro - levantamento do conhecimento da população cuiabana sobre a história de Cuiabá e mineração. Disponível em: https://evento.ufmt.br/download/sub_ba81381971dbbdb4fce89ca9bccfa7de.pdf. (3) **História e Geografia do Mato Grosso para a Polícia Militar – MT** - Prof. Leandro Signori. (4) RODRIGUES, Cândido; NETO, Vitale Jo Anone. **Nova História do Mato Grosso Contemporâneo**. 1.ed. Cuiabá - MT: EdUFMT, 2018. (5) ARRUDA, Juliana Ramos de. **Os lugares de memória da cidade de Rondonópolis - MT**: ensino de história nos anos iniciais, cultura e patrimônio. Cuiabá: UFMT, 2018. (6) CARMO, Ailon do. **História de Rondonópolis**. Rondonópolis, 2005. (7). BARCELLOS, Roberto. **Memórias vivas de Rondonópolis**. Rondonópolis, 2005.

benéficas no campo social e político-cultural em suas comunidades escolares e seus respectivos municípios, mediante a aplicação de um questionário com quatro perguntas abertas para a escolha das Educadoras, nos municípios de Rondonópolis e Cuiabá para chegarmos às nossas entrevistadas.

Para a escolha dos sujeitos respondentes, consideramos os possíveis ambientes de trabalho das educadoras, como as universidades mais antigas (Universidade Federal de Mato Grosso em Cuiabá e Universidade Federal de Rondonópolis – UFR; Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso – SEDUC de Cuiabá e de Rondonópolis; Câmara de Vereadores de Rondonópolis e de Cuiabá; Câmara Legislativa Estadual em Cuiabá; Comunicação – Imprensa escrita (jornais, rádios e tv, dois e–critores - de cada município). Na primeira questão identificamos os respondentes para os quais distribuimos o Questionário.

Quadro Erro! Argumento de opção desconhecido. - **Questionário para eleição das entrevistadas**

Rondonópolis	Cuiabá
Professores UFR: 5 departamentos: 25 cursos → 25 professores 1 por departamento: 25; devolução: 18	Professores UFMT Cuiabá: 48 cursos → 48 professores 1 por departamento: 48; devolução: 22
Rede estadual (SEDUC): 5	Rede Estadual (SEDUC): 5
Políticos: Presidente da Câmara de Vereadores →21; no total 7 devoluções. Câmara de deputados: total 27 (Rondonópolis e Cuiabá); devolução 10 → 5 cada município	Políticos: Presidente da Câmara de Vereadores →25; no total 9 devoluções. → 5
Comunicação / Cultura (escritores): Jornais e rádios: 5 / 2	Comunicação / Cultura (escritores): Jornais e rádios: 5 / 2
Total: 42	Total: 48

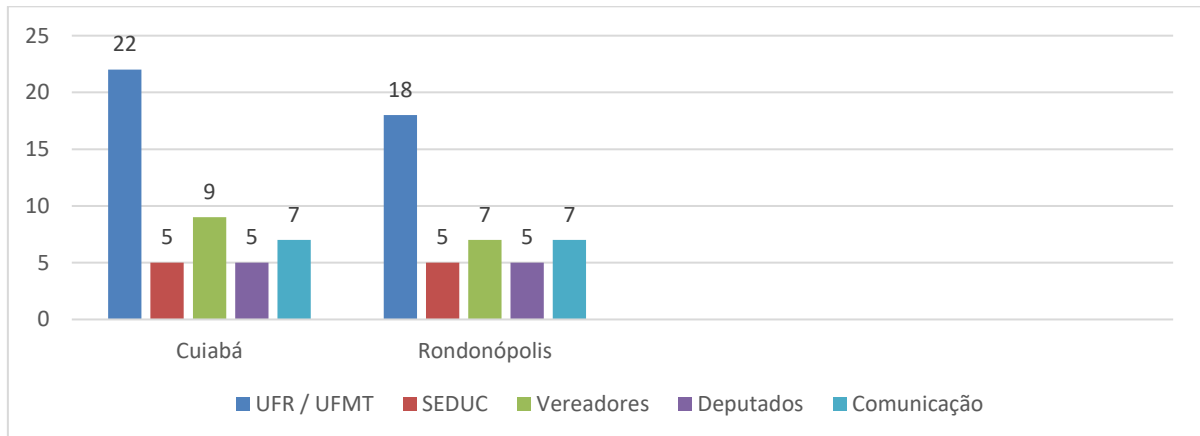
Fonte: Elaboração da autora.

Conforme o Quadro 8, distribuimos no município de Rondonópolis 58 questionários, e em Cuiabá, 80. Comum aos dois municípios, foram distribuídos 27 questionários na Câmara Estadual (Deputados), os quais apenas 10 deles devolveram respondidos.

Um total de 37 respondentes de Rondonópolis, sendo: 18 professores da UFR, 5 profissionais da SEDUC, 7 Vereadores, 7 membros da área de Comunicação e

Cultura. E o total de respondentes de Cuiabá foi 42, sendo: 22 professores da UFMT, 5 profissionais da SEDUC, 9 Vereadores, 7 membros da Comunicação e Cultura. Comum a Rondonópolis e Cuiabá, o total foi 10 Deputados – consideramos 5 para cada município.

Gráfico 7. Identificação dos respondentes

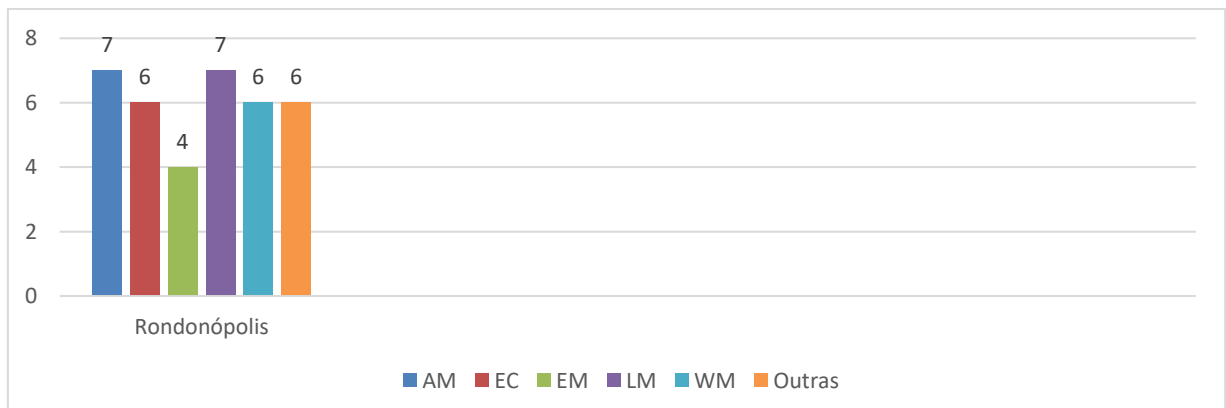


Fonte: Elaboração da autora.

Assim, somam-se em 42 respondentes do município de Rondonópolis, e em 48 de Cuiabá.

“Analisando os últimos 30 anos, em sua opinião, quais Educadoras mulheres, tiveram destaque na Educação no município (Rondonópolis / Cuiabá)?”. Os resultados, nos gráficos 8 e 9, nos quais optamos por apresentar apenas as iniciais dos nomes de cada uma das mulheres citadas nos questionários, e que farão parte de nossa pesquisa. As mulheres (de Rondonópolis) que obtiveram votos iguais e/ou abaixo de 4, desconsideramos para esta pesquisa.

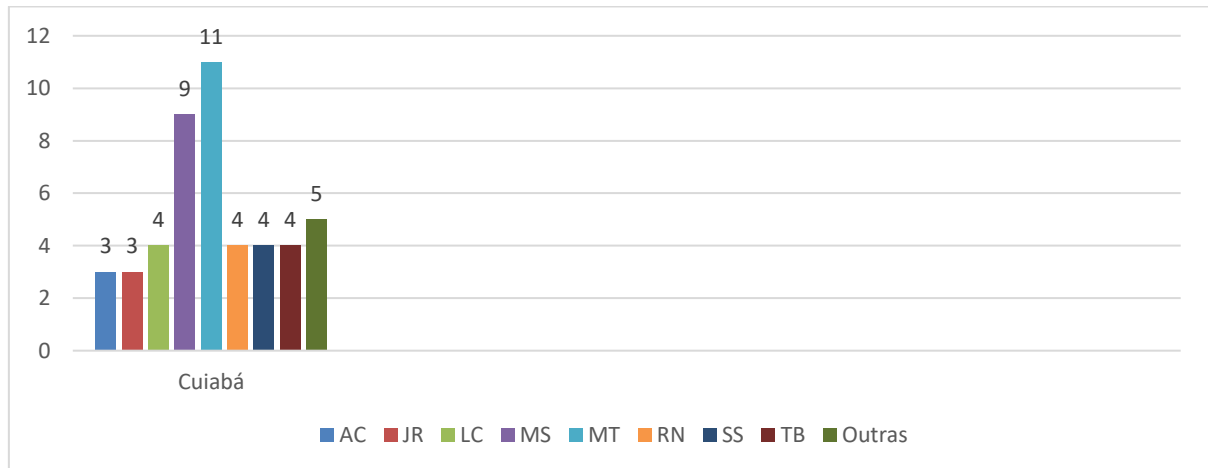
Gráfico 8. Mulheres destaques na Educação em Rondonópolis



Fonte: Elaboração da autora.

Da mesma forma que o gráfico referente às mulheres de Rondonópolis, optamos por apresentar apenas as iniciais dos nomes de cada uma das mulheres de Cuiabá citadas nos questionários, e que farão parte de nossa pesquisa. As mulheres (de Cuiabá) que obtiveram votos abaixo de 9, desconsideramos para esta pesquisa.

Gráfico 9. Mulheres destaques na Educação em Cuiabá



Fonte: Elaboração da autora

Questionados sobre “Quais projetos/ações executadas lhe fizeram chegar a estas Educadoras?”, destacamos as respostas de maior projeção, que mais se assemelham. Obtivemos as seguintes respostas, por município.

Rondonópolis: desenvolvimento de projetos na universidade / escola / sociedade; dedicação à educação além de suas funções; participação em atividades da educação, da cultura e da política local; iniciativas de trabalho estendido aos alunos e suas famílias / solidariedade; projetos na câmara de vereadores e câmara estadual; pelo legado que deixou na educação e na política, como mulher negra; participação em seminários, formações e outros eventos da educação; suas obras / projetos que contribuíram para com a sociedade acadêmica e em geral (Laci Maria de Araújo Alves. História da Educação de Rondonópolis. Ed UFMT, 1995. Projeto: Sonhar e fazer: experiências de mulheres e de homens em movimentos sociais, na luta por moradia em Rondonópolis-MT (1974-1989) finalizado no ano de 2007); (Antônia Marília: Mapeamento das Áreas com aptidão ambiental à instalação de aterro sanitário em Rondonópolis-MT, finalizado em 2014).

Cuiabá: postura exemplar na docência; exerce boa influência nos alunos e profissionais da instituição; destaca-se pela educação e projeção na sociedade

elevando a importância da educação; contribuição com a cultura social e política da sociedade cuiabana e mato-grossense; pleno engajamento nas atividades da instituição; força representativa da mulher na educação e na cultura de nosso estado; suas obras (livros), atuação e reconhecimento como membro da Academia Mato-Grossense de Letras; atuação na esfera da educação, da política e da cultura no Estado.

“Você já leu alguma bibliografia que se refere exclusivamente às Educadoras que mencionou? Se sim, cite.”. Quanto à essa pergunta, apresentamos as respostas mais representativas, por município.

Rondonópolis: Não, mas a conhece/conheceu pessoalmente; conviveu com ela no trabalho; entrevistas em jornais e televisão; participação em alguns de seus projetos; leitura de seus trabalhos e projetos na educação e na igreja; reportagens no jornal A Tribuna, informes nas mídias televisivas e sociais/ internet; participação na câmara de vereadores e legislativa.

Cuiabá: convivência com ela; participação em eventos, seminários e no cotidiano do trabalho; jornal, revistas (AML – Academia Mato-Grossense de Letras) e tv; suas obras literárias; conhecimento a fundo de sua experiência no magistério; reportagens em rádio, tv, jornais; suas belas obras (Águas de encantação, 2009. / Pó de serra, 2006).

Após o levantamento via questionário, corroboramos com busca em *sites* a evidência das mulheres citadas nas respostas, dado que as referências da história de Cuiabá e Rondonópolis não as referenciam. Com base nas respostas do questionário e em *sites* pela internet, concluímos que estas mulheres tiveram um papel importante e contributivo na educação e, conseqüentemente na sociedade mato-grossense, por isso as elegemos e as constituímos sujeitos de pesquisa. Na sequência, um pouco dessas mulheres que comporão nosso objeto de estudo.

A Profa. Dra. Eunice Cândida Pereira Rodrigues⁶ foi aluna da Universidade Federal de Mato Grosso, no curso de Licenciatura Plena em Matemática (1994); especialização em matemática na UFG (1999), mestrado em matemática na UFG (2001) e doutorado em álgebra pela UnB (2011). É professora da UFMT (1988), onde

⁶ Alguns resultados de pesquisa em sites: <https://www.escavador.com/sobre/484211/eunice-candida-pereira-rodrigues>. <https://www.youtube.com/watch?v=Yd-AtkcBY50>. <https://www.al.mt.gov.br/storage/webdisco/cp/20220517131528158100.pdf>. <https://www.giromt.com.br/2020/02/26/reitora-diretores-de-institutos-e-professores-da-ufr-sao-recebidos-na-prefeitura/>.

trabalha com disciplinas na área de geometria e álgebra; faz parte do corpo docente PROFMAT/UFMT/Cuiabá, desde 2013 e a partir do segundo semestre de 2018, Coordenadora do PROFMAT em Rondonópolis. Esta professora tem realizado palestras motivacionais e projetos (jogos matemáticos e outros) nas escolas da rede estadual de ensino de Rondonópolis; já auxiliou alunos da UFR que vieram para estudar e passaram por dificuldades; realiza trabalhos sociais como voluntária em Casa de Recuperação e instituição religiosa com crianças, jovens e adultos. A escolha pela Eunice deve-se à sua ascensão profissional pautada nos diversos cursos de formação e na participação de muitos eventos de pesquisa em todo o país, desde o início do seu exercício docente de modo muito particular no campus da então UFMT, hoje UFR. É uma professora que vem transformando a vida de seus alunos da UFR e de alunos das escolas onde desenvolve projetos e dá palestras, com carisma, sabedoria, simplicidade e humildade. É uma mulher negra, de origem muito simples, que vem batalhando pela educação e pelo trabalho ao longo de sua trajetória de vida, que alcançou um nível de educação o qual muitas mulheres como não conseguiram alcançar, por diferentes razões. Muitas de suas realizações têm sido evidenciadas pela mídia e relatada por pessoas que com ela tiveram algum tipo de experiência no campo acadêmico, profissional e social.

A professora Vilma Moreira⁷, já falecida, mulher negra, humilde, foi presidente de bairro; presidente do SIPROS por 6 mandatos; vereadora em Rondonópolis por dois mandatos (2000 e 2014). Como educadora, Vilma trabalhou na Escola Domingos Aparecido dos Santos, em Rondonópolis; pertenceu ao Grupo JUSC, da Paróquia Bom Pastor. Era cursilhista, vicentina e pertencente à Paróquia São José Esposo, no Conjunto São José. Em sua carreira como educadora e como política deixou um grande legado, reconhecido por muitos que acompanharam seu trabalho: políticos, professores, alunos, famílias carentes. Por meio do deputado Thiago Silva foi criado o “Cursinho Pré-Vestibular Profa. Vilma Moreira” para atender centenas de estudantes de baixa renda, e, em homenagem à professora que fez a diferença na vida de muitas pessoas. A escolha pela pessoa da professora Vilma deve-se a sua constante busca pela melhor oportunidade aos cidadãos rondonopolitanos, aos seus alunos, aos seus

⁷ Alguns resultados de pesquisa em sites: <https://www.rdnnews.com.br/cidades/conteudos/135770>. <https://www.al.mt.gov.br/midia/texto/deputada-vilma-moreira-fala-sobre-necessidades-na-area-de-saude/visualizar>. <https://www.al.mt.gov.br/midia/texto/vilma-diz-ser-possivel-fazer-politica-com-seriedade-no-pais/visualizar>. <https://www.regionalmt.com.br/noticia/588/noticia?id=32237/PANORAMA-POL?TICO>.

companheiros de uma política pautada no respeito e na retidão. Vilma marcou historicamente a política mato-grossense por ter sido a primeira deputada negra do Estado realizando um mandato voltado à política social (2008-2011), o que caracteriza outro motivo de escolha.

Profa. Dra. Antônia Marília Medeiros Nardes⁸, geógrafa de profissão, educadora por opção e amante da vida. Sempre envolvida nos eventos científicos, culturais e temáticos do Campus de Rondonópolis da Universidade Federal de Mato Grosso. Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (1977), Mestrado em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília (1997) e Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos (2005). Atualmente é professora associada⁹ IV da Universidade Federal de Rondonópolis e Professora pesquisadora do Programa de Mestrado em Geografia da UFR (PPGEO/UFR). Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Análise Ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino, educação ambiental, resíduos sólidos, conscientização e ecoturismo. Líder do Grupo de Pesquisa Planejamento, Ambiente e Educação Ambiental (PLANEA). “Como Geógrafa e Educadora consegui meu objetivo maior, de acordo com meus princípios éticos, morais e religiosos, lutar por uma sociedade mais justa, humana e igualitária. Se consegui meu intento não sei, mas continuo semeando esperanças e sonhos”, disse esta professora à uma amiga, também professora, ao receber uma homenagem no Dia do Geógrafo. Desde 2013, atua como diretora do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da UFMT. Por todos esses feitos na UFR, que trouxeram

⁸ Alguns resultados das pesquisas em sites: <https://www.agoramt.com.br/tag/antonia-marilia-medeiros-nardes/>. <https://www.atribunamt.com.br/opinio-do-leitor/2015/05/antonia-marilia-medeiros-nardes-um-exemplo-de-mulher/>. <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/geografia/article/view/14032> (Diferenciação dos espaços públicos de ensino na cidade de Rondonópolis).

⁹ Refere-se ao Plano de Carreira para o Magistério do Ensino Superior. Enquanto professor auxiliar: exercício das atividades de ensino, pesquisa e extensão, em caráter coletivo ou individual. Seleção e orientação de monitores, orientação de monografias de cursos de graduação e participação na gestão acadêmica e administrativa. Professor Assistente: atribuições da classe anterior, mais atividades de ensino em cursos de pós-graduação *lato-sensu*, elaboração de projetos de pesquisa e/ou elaboração e coordenação de projetos de extensão; orientação de alunos de pós-graduação *lato-sensu* e/ou bolsistas de iniciação científica ou aperfeiçoamento e participação em banca de concurso público para a classe de professor auxiliar. Professor Adjunto: atribuições da classe de professor assistente, mais, atividades de ensino em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, coordenação de projetos de pesquisa, orientação de alunos de pós-graduação *stricto sensu*, participação em banca de concurso público para a classe de professor assistente. Professor Associado: atribuições do professor adjunto, mais a consolidação de uma linha de pesquisa e elaboração de proposta teórico-metodológica em sua área de conhecimento, participação em bancas de concurso público para professor adjunto e atividades de pós-graduação. Disponível em: <https://rigorcientifico.com.br/conteudos/progressao-de-carreira-academica-para-professores-no-brasil>.

o enriquecimento no campo de pesquisas e na sociedade rondonopolitana, deu-se a escolha pela professora Antônia Marília.

A historiadora, doutora e professora do campus local da UFMT, Laci Maria Araújo Alves¹⁰ tem se destacado como profissional da educação e nos diversos trabalhos sociais que desenvolve no âmbito da Diocese de Rondonópolis-Guiratinga. Possui graduação em História pela Faculdades Integradas Rui Barbosa (1983), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1994) e doutorado em História pela Universidade de Brasília (2004). Atualmente é professora titular da Universidade Federal de Mato Grosso. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil. Atuando principalmente nos seguintes temas: CEBS, História, comunidade, mulheres. Escolhemos a professora Laci pelas múltiplas participações em eventos sociais de ordem educacional e religiosa, pelos diversos serviços sociais prestados aos cidadãos rondonopolitanos, muitas vezes, sem nenhum tipo de recurso recebido.

A Profa. Edna Mara Delavy¹¹ recebeu no ano de 2017 uma homenagem na Câmara de Vereadores de Rondonópolis, em reconhecimento ao seu trabalho na Escola Estadual Amélia de Oliveira Silva, no Parque Universitário, desde 1997. Reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à comunidade, cuja infraestrutura é precária. Junto aos demais professores, Edna não mede esforços para atender a comunidade do Parque Universitário e região. Tem os trabalhos extracurriculares desenvolvidos pela professora e equipe, como o projeto coordenado por ela, com o nome “Meio Ambiente: preservar é o caminho”, onde a escola foi a vencedora do “5º Prêmio Construindo a Nação¹²”, categoria Ensino Médio, bem como o desenvolvimento e participação de projetos de combate à violência na escola. Edna desenvolve um trabalho social voltado à arrecadação e entrega de cestas básicas para as famílias de seus alunos mais carentes, um cuidado com aqueles que por atitude pessoal dela, conseguem o sustento alimentar. Escolhemos esta professora pelas histórias de vida que vem transformando como educadora e como membro

¹⁰ Alguns resultados de buscas em sites:

https://books.google.com.br/books/about/Hist%C3%B3ria_da_educa%C3%A7%C3%A3o_em_Rondon%C3%B3polis.html?id=coi3AAAACAAJ&redir_esc=y. Diálogo em Comunidade Rumo ao 15º Intereclesial - Laci Maria Araújo Alves: <https://www.youtube.com/watch?v=F6DFHjiMfGY>.

[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-20972018000400951&lng=es&nrm=iso)

[20972018000400951&lng=es&nrm=iso](http://www.diariodecuiaba.com.br/artigo/memoria-do-campus-universitario/33044). Memória do campus universitário:

<https://www.diariodecuiaba.com.br/artigo/memoria-do-campus-universitario/33044>.

¹¹ Resultados de busca em sites: <http://www.regionalmt.com.br/noticia.php?id=15449>.

¹² <https://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=222324¬icia=titulo>.

atuante na região onde sua escola está inserida, realizando trabalhos sociais com um esforço e dedicação ímpar, em busca de levar esperança nas mais diversas formas de apresentação, seja com alimentos, seja com uma palavra ou um abraço. Profissionais da escola onde ela trabalha e também da SEDUC reconhecem seu diferencial na educação e no trabalho social.

Mabel Strobel Moreira da Silva¹³, é graduada em Pedagogia pela UFMT (1991), Mestrado em Educação pela UFMT (1998) e Aperfeiçoamento Superior pela Montclair State University, New Jersey, (2000); e vários outros títulos na área de Educação e Filosofia. Professora da Educação Básica da SEDUC/MT desde 1985; foi diretora em várias gestões; em 2017 atuou como Secretária de Educação de Cuiabá-MT. Participou na elaboração, coordenação e execução de Programas de Políticas Educacionais voltados para: Formação de Professores, Plano de Cargos Carreira e Salário do Magistério, Gestão Democrática da Educação, e outros. Atua desde 2006, como professora pesquisadora na Educação Superior e integra atualmente, o Núcleo Docente Estruturante do Curso de Pedagogia do UNIVAG. Docente em disciplinas do Curso de Pedagogia. Participou em Chapada dos Guimarães/MT entre 2002-2003, do Fórum de DELIS (Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável), implantou o Projeto Coral Infante Juvenil das escolas públicas em 2003. Escolhemos esta professora, pelos serviços prestados à educação mato-grossense ao longo de 30 anos, no exercício das mais diversas funções, contribuindo de forma especial com as transformações ocorridas a partir dos programas os quais participou da elaboração, coordenação e execução.

Marli Terezinha Walker¹⁴ veio para Mato Grosso aos 18 anos de idade. Em nosso Estado produziu importantes obras literárias, que garantiram a ela uma cadeira na Academia Mato-Grossense de Letras. Engajada com a causa feminina, Marli

¹³ Alguns resultados de buscas em sites: <https://www.cuiaba.mt.gov.br/educacao/apos-30-anos-de-dedicacao-a-rede-publica-municipal-de-ensino-ao-se-aposentar-professora-mabel-strobel-fala-sobre-as-conquistas-e-desafios-das-mulheres/26943>.
<https://www.gazetadigital.com.br/editorias/cidades/com-34-anos-de-trabalho-professora-fala-sobre-desafios-das-mulheres/686463>.
<https://legislativo.camaracuiaba.mt.gov.br/legislacao/norma.aspx?id=3347&autor=8120&ano=2019>.
<https://www.rdnnews.com.br/curtinhas/2-derrotas-e-agora-na-educacao/79196>.

<https://folhadoestadoonline.com.br/cuiaba/apos-30-anos-de-dedicacao-a-rede-publica-municipal-de-ensino-ao-se-aposentar-professora-mabel-strobel-fala-sobre-as-conquistas-e-desafios-das-mulheres/>.

¹⁴ Alguns resultados de buscas em sites: <https://www.al.mt.gov.br/midia/texto/programa-palavra-literaria-entrevista-a-escritora-marli-walker/visualizar>.
<https://www.youtube.com/watch?v=JxP5ekLopzE>. <https://unemat.br/noticias/2-8-2021-professora-egressa-da-unemat-e-eleita-imortal-da-academia-mato-grossense-de-letas>.
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/16368>. <https://www.revistapixe.com.br/marli-walker-24>.

participa do Coletivo Literário Maria Taquara – Mulherio das Letras MT e aborda o tema em várias de suas obras. Como dissertação do mestrado em literatura, estudou a poesia de uma mulher camponesa e publicou o livro “Inferno e Paraíso na poética de Adriane Rocha” (2009). Na sua tese de doutorado aprofundou sobre a produção de mulheres na literatura mato-grossense. O estudo levou à publicação da obra “Mulheres Silenciadas e Vozes Esquecidas: três séculos de poesia feminina em Mato Grosso” (2021), que aborda o período iniciado no século XIX. Seus estudos buscam resgatar e fortalecer a história e o importante papel da mulher na sociedade. A presença de Marli Terezinha na literatura mato-grossense e sua luta pelo papel da mulher nesse meio e em outros campos da sociedade, lhe valeram muitos reconhecimentos, dentre os quais, a participação em diversos eventos como coordenadora, palestrante e homenageada. Essas razões nos levaram a escolhê-la como sujeito de pesquisa.

2.3 Procedimentos de coleta e análise de dados

Para explanarmos a realidade a qual propusemos, elaboramos um roteiro de entrevista semiestruturada para a coleta de dados, tendo como sujeitos de pesquisa mulheres que contribuem ou contribuíram com a educação em nosso Estado, sendo cinco de Rondonópolis e duas de Cuiabá. De acordo com Lúcida e Kalil (2012), a História Oral de vida é uma das modalidades de História Oral para a coleta de dados, podendo esta realizar-se em tempos distintos: pela gravação, pela confecção do documento escrito (entrevista escrita) e sua eventual análise.

As questões foram elaboradas por categoria, para alcançarmos os objetivos pretendidos. Cassab e Ruscheinsky (2004, p. 14) explicam que “A narrativa constitui a matéria-prima para a História Oral. O/a narrador/a que conta sua história ou dá seu relato de vida não se constitui, ele próprio, no objeto de estudo, mas sim seus relatos de vida, sua realidade vivida”. Nessa ação, conforme explicam Lúcida e Kalil (2012), o/a pesquisador/a registra a informação, transcreve as fontes e constitui o arquivo objeto da entrevista.

É por meio de entrevista que, segundo Minayo (2009, p. 262) “se processam as narrativas de vida”. Se combinarmos perguntas abertas e fechadas, segundo Minayo (2009), as entrevistadas terão maior possibilidade de discorrer sobre o tema em questão, e assim, tornar ainda mais completa a abordagem, com detalhes que

enriquecerão mais o nosso trabalho. Oliveira, Oliveira e Corrêa (2021) complementam explicando que

As entrevistas estabelecidas entre pesquisador e sujeito entrevistado na técnica da História Oral são amplamente discutidas (...) evidenciando não só as narrativas dos sujeitos entrevistados, mas também a fim de se apresentar o processo da entrevista propriamente dita, desde seu planejamento até seu momento posterior (Oliveira & Oliveira; Corrêa, 2021, p. 72).

Os supramencionados autores argumentam que antes da aplicação da entrevista é preciso o/a entrevistador/a deixar claro se fará ou não interferências, se a entrevista será realizada num só momento e de uma só forma, se será gravada, qual o tempo destinado, onde ocorrerá a entrevista, e outros elementos que possam surgir até que elas se realizem.

Além desses cuidados, Lúcida e Kalil (2012) acrescentam: o/a entrevistado/a define o local e horário da entrevista e esta deverá se realizar de preferência em locais públicos; contar com o auxílio de documentos como fotos e cartas ou algo do tipo; sempre uma pergunta de cada vez e em nenhum momento discordar do/a narrador/a; em nenhuma hipótese induzir o/a narrador/a às respostas, tampouco complementá-las. Outras importantes considerações a respeito da elaboração do roteiro de perguntas:

- Elabore as primeiras perguntas de modo a possibilitar confiança, fluir a conversa e que sejam mais facilmente respondidas.
- Elabore questões que permitam aprofundar o tema escolhido para a entrevista (ou tradição oral ou sobre a vida da pessoa)
- As perguntas sempre serão flexíveis, e no momento da entrevista, você poder refazê-las, se necessário for. Sendo assim, as perguntas elaboradas anteriormente pelo entrevistador são apenas um guia. (Lúcida; Kalil, 2012, p. 2).

“Conforme os princípios da História Oral, o primeiro contato com o entrevistado também deve ser planejado, podendo ser feito por telefone, e-mail ou através de uma visita”, explicam Silveira e Santos (2016, p. 88). Assim, para a execução das entrevistas, a princípio, fizemos um convite formal e presencial às docentes de Rondonópolis. Quanto as de Cuiabá, fizemos o convite via telefone.

Algumas entrevistas ocorreram de forma presencial e outras via *google meet* conforme a disponibilidade e necessidade das entrevistadas. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas. Lúcida e Kalil (2012) expõem a necessidade de deixar acordado entre pesquisador/a e entrevistado/a cada uma das ações que serão

desenvolvidas em relação à entrevista, como gravar, fotografar, e realizar filmagem. Da mesma forma, no que diz respeito ao material de cunho pessoal que o/a entrevistado/a pode contribuir, como fotos, cartas e outros tipos de registros.

Para a realização das entrevistas, utilizamos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (modelo em anexo), a fim de que cada uma das entrevistadas e o entrevistado estivesse ciente da finalidade de nossa pesquisa, dos possíveis benefícios, riscos e procedimentos realizados, e fornecidas todas as informações pertinentes à pesquisa. Como referem Cassab e Ruscheinsky (2004, p. 21) “No trabalho de campo, ao resgatar a história a partir da memória e da identidade social, é importante que o pesquisador tenha, como uma das primeiras lições de ética, respeito pelo valor e importância de cada indivíduo”.

Para complementar as informações coletadas das entrevistas, buscamos em documentos subsídios úteis para nosso objeto em estudo, de fontes primárias (manuscritos, biografias, registros fotográficos – em arquivos públicos e particulares), e outros documentos que acresçam mais valor ao nosso trabalho. Após a coleta dos dados, realizamos sua análise e tratamento, a terceira etapa do processo de trabalho científico em pesquisa qualitativa:

Resumida no título Análise e tratamento do material empírico e documental, diz respeito ao conjunto de procedimentos para valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos, articulá-los com a teoria que fundamentou o projeto ou com outras leituras teóricas e interpretativas cuja necessidade foi dada pelo trabalho de campo. Podemos subdividir esse momento em três tipos de procedimento: (a) ordenação dos dados; (b) classificação dos dados; (c) análise propriamente dita. (Deslandes, 2007, p. 26-27).

Minayo (2009) afirma que a análise qualitativa não é classificatória, mas interpretativa. Realizamos a análise dos conteúdos discursivos, manifestados nas entrevistas da História Oral por parte das entrevistadas, com vistas a alcançarmos os objetivos desse trabalho. O interesse em realizar a análise de conteúdo deve-se à natureza histórica de nossa pesquisa, por analisarmos a comunicação oriunda de documentos e das narrativas de nossas entrevistadas (origem do objeto).

Conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2), reconhecemos que, por desenvolvermos uma pesquisa com seres humanos, existe a possibilidade de riscos diretamente às entrevistadas, como a sua inibição em relação a exposição de algum fato bem como o receio de expor alguma outra fonte (documento). Para reduzir os riscos, alguns cuidados foram tomados, como: aplicar a

entrevista no formato (presencial ou outro) e local escolhido pela entrevistada, realizar quantos encontros a entrevistada achar necessário, utilizar tão somente as informações documentais com o consentimento da entrevistada; proporcionar um ambiente em que cada participante sintam-se acolhida à participar.

Reconhecemos também os benefícios para as entrevistadas ao participarem desta pesquisa, tais como: a promoção de reflexões e possibilidade da ressignificação de sua participação na história da educação mato-grossense; a contribuição para novos referenciais sobre a participação da mulher na sociedade mato-grossense no que diz respeito à educação, à cultura e outros aspectos.

Esclarecemos às entrevistadas e ao entrevistado que os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em seminários, congressos e similares; e sendo a sua participação voluntária, não haverá nenhum tipo de remuneração pelos dados obtidos das entrevistas e de outras fontes. Por não envolver gastos financeiros por parte da participante, não haverá nenhum tipo de ressarcimento. No caso de alguma entrevistada ou o entrevistado sofrer qualquer dano imediato ou tardio, previsto ou não, resultante da sua participação neste estudo, ela/e terá direito à assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, e também o direito de buscar indenização.

Quanto ao armazenamento, os materiais oriundos da pesquisa com as entrevistadas permanecerão arquivados em absoluto sigilo, sem quaisquer tipificação e identificação por um período de cinco anos e, após, inutilizados. Os materiais físicos serão descartados de forma ecologicamente correta, conforme lei vigente no momento e os *on-line* serão excluídos. As entrevistas ocorreram somente após a aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética com Seres Humanos da URI.

3. MULHERES E EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

*Eu sou aquela mulher
a quem o tempo muito ensinou.
Ensinou a amar a vida
e não desistir da luta,
recomeçar na derrota,
renunciar a palavras
e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos
e ser otimista.
Cora Coralina*

Iniciamos essa seção com um conciso, gracioso e forte poema de Cora Coralina, que representa o tear da presença das mulheres que fazem parte do rico tecido da história da educação de Mato Grosso. Propomo-nos, a partir desse disparador, adentrar no panorama da participação da mulher na educação de Mato Grosso ao longo das últimas três décadas, por meio de uma investigação aprofundada, valendo-nos de documentos históricos e entrevistas, a fim de traçar o histórico dessa participação e compreender suas especificações ao longo do tempo. Para atingir esse objetivo central, delineamos objetivos específicos que orientarão nossa análise:

Analisar a participação histórica: Utilizando entrevistas e análise documental, propomo-nos examinar criticamente como a mulher foi inserida e inserida ao longo do processo histórico da Educação em Mato Grosso – seção 3.1.

Descrever papéis de destaque: Através de entrevistas e análise documental, buscamos descrever os papéis de maior destaque desempenhados por mulheres que deixaram sua marca no cenário educacional mato-grossense – seção 3.2.

Identificar ações relevantes: Concentrando-nos na análise documental, nossa intenção foi identificar e compreender as ações específicas de rupturas em Mato Grosso que têm viabilizadas e fortalecidas a participação da mulher como agente ativo na construção da história educacional do Estado – seção 3.3

Resgatar narrativas locais: Por meio de narrativas, demos voz e visibilidade às histórias de mulheres oriundas dos municípios de Rondonópolis e Cuiabá, que, por meio de suas contribuições, moldaram e enriqueceram a trajetória da educação em Mato Grosso – seção 3.4.

Ao analisarmos esses objetivos específicos, mapeamos a trajetória da mulher na educação de Mato Grosso, e fornecemos uma análise contextualizada e abrangente que destaca as vozes, os desafios e as conquistas das mulheres que se desenvolvem para a construção dessa história. Cada uma dessas mulheres é um fio na construção do conhecimento, no abraço à pedagogia da vida, da transformação de si e daqueles a quem auxiliou a mergulhar na educação, tecendo com maestria, a tapeçaria dessa história.

Dedicamos especial atenção às narrativas e contribuições individuais de sete mulheres que marcam com suas singularidades, experiências e história de vida, a educação mato-grossense. Utilizamos a análise do discurso, por ser uma abordagem teórico-metodológica que busca compreender como a linguagem é usada para construir sentidos em diferentes contextos sociais.

3.1 Trilhando caminhos: Análise da participação feminina na Educação de Mato Grosso

Para abordar a participação das mulheres na Educação em Mato Grosso, selecionamos algumas perguntas da entrevista dirigida às seis mulheres que participaram da pesquisa, que lhes dizem respeito às fases da trajetória de vida pessoal e profissional, as quais consideramos: (a) Seu processo de Educação, (b) Sua relação com a Educação, (c) Sua contribuição com a história da Educação de Mato Grosso, (d) O que considera mais importante na vida, enquanto mulher, que contribui com a Educação mato-grossense, (e) Maior realização. Três pessoas, Profa. Ilda Shneider, Profa. Silvia Regina Batista (–o SIPROS - Sindicato dos Professores e Servidores Públicos da Região Sul Mato-Grossense¹⁵) e o chefe de gabinete, Adenilso da Cruz Azevedo, participaram voluntariamente para responder as mesmas perguntas, porém ajustadas, em relação à sétima mulher (Professora Vima), pelo fato de a mesma ter falecido em 31 de outubro de 2020.

¹⁵ Em 26 de setembro de 1988 começava a história do Sindicato dos Professores e Servidores Públicos da Região Sul Mato-Grossense – Sipros. Nosso sindicato surgiu com o propósito de aumentar a representativa dos trabalhadores da educação em Mato Grosso. O Sindicato que em sua grande maioria é formado por profissionais da rede estadual de educação já aposentados, exerce função social e assistencial. Disponível em: <http://sipros.com.br/historia/#:-:text=Em%2026%20de%20setembro%20de,da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20em%20Mato%20Grosso>.

As perguntas forneceram as respostas sobre a experiência educacional das mulheres, sujeito dessa pesquisa, sua relação com a Educação em Mato Grosso, e como perceberam sua própria contribuição para a história educacional do estado. Complementando essas entrevistas com a análise documental, foi possível obter uma compreensão abrangente da participação feminina ao longo do tempo e como suas experiências moldaram o cenário educacional de Mato Grosso.

Ao analisarmos as respostas das entrevistadas, destacamos alguns pontos em comum em relação ao seu processo de Educação. Todas as entrevistadas acompanham uma trajetória educacional que envolve fases distintas, desde a infância até a formação acadêmica. As entrevistas trouxeram elementos que influenciaram suas escolhas educacionais, como a influência familiar, experiências de vida e descobertas pessoais. Passaram por diferentes fases em suas trajetórias, desde as origens em suas regiões de nascimento até suas atuações em Mato Grosso. Enfrentaram desafios pessoais e profissionais ao longo de suas vidas, mas superaram os obstáculos com resiliência e determinação.

Para a análise dos dados, apoiamos-nos em Minayo (2009), cuja proposta é compreender o interior da fala (ponto de partida) e sua condição histórica (ponto de chegada). A autora propõe, enquanto primeiro nível de análise, a interpretação das determinações fundamentais, considerando conjuntura sócio-econômica, política e histórica desse grupo. No segundo nível, a interpretação se realiza no encontro com os fatos que emergem na investigação. Trata-se de avaliar comunicações individuais, condutas e costumes, instituições, cerimônias e rituais. Para operacionalizar essa fase, a autora a divide em: a) Ordenação dos dados; b) Classificação dos dados; c) Análise final. A entrevista à **Antônia Marília Medeiros Nardes** foi realizada nas dependências da Universidade Federal de Rondonópolis- UFR. Ela nasceu em 11 de fevereiro de 1956 em Bossoroca, Rio Grande do Sul. Sua trajetória educacional é marcada por diversas fases desde a infância até sua formação acadêmica em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria em 1977. Ela perdeu seu pai, Antônio Cavaleiro de Medeiros, que faleceu em novembro antes de seu nascimento, influenciando a escolha de seu nome. Seus avós por parte de mãe eram Amélia Cardinal Torres e João Torres, enquanto por parte de pai eram Antônio Medeiros e Araci Medeiros.

Sua infância em Bossoroca foi cercada de carinho e apoio familiar, uma vez que não teve a presença do pai. Ela descreve esse período como um momento de

aconchego, destacando-se como uma pessoa que sempre buscou brilhar e se destacar em tudo o que faz. Desde jovem, Antônia foi ativa em atividades estudantis, participando de grêmios estudantis, representando colegas em diversas instâncias acadêmicas, desde a graduação até o doutorado.

Figura 3. Antônia Marília



Fonte: Arquivo pessoal de Antônia Marília

Aos 12 anos, Antônia estudou em um colégio salesiano, iniciando na primeira série. Apesar de ter iniciado seus estudos em um distrito de Bossoroca, sua mãe mudou-se para São Luiz Gonzaga em busca de melhores oportunidades educacionais. A família sempre valorizou a educação como um patrimônio duradouro, e Antônia teve o privilégio de estudar em uma universidade pública de qualidade.

Ao longo de sua carreira, Antônia teve experiências significativas como professora. Ela começou dando aulas no distrito de 16 de Novembro, que pertencia ao município de São Luís Gonzaga, onde vivenciou de perto a realidade dos alunos que dependiam da agricultura de subsistência. Sua escolha para trabalhar na zona rural reflete seu desejo de compreender os desafios enfrentados por essa comunidade.

Antônia prestou concursos para diferentes áreas de ensino, sendo aprovada e concursada para o ensino primário, ginásio e ensino médio. Sua paixão pela educação

a levou a estudar não apenas sua disciplina específica, mas também a se aprofundar em teorias educacionais, leis e correntes pedagógicas. Além de seu compromisso acadêmico, ela destaca sua dedicação à gestão educacional, e se orgulha de contribuir para a formação acadêmica e para a vida de seus alunos, buscando orientá-los e motivá-los para além das salas de aula.

Aos 67 anos, Antônia continua ativa no Ensino Superior, coordenando atividades sociais e participando de eventos. Ela expressa sua satisfação e felicidade em sua trajetória, enfatizando que seu trabalho vai além do emprego, sendo uma escolha feita por amor ao que faz.

(...) já passaram 21 anos que eu poderia estar aposentada, mas eu estou aqui porque eu quero, porque eu gosto e porque eu sei que eu faço a diferença, eu não estou aqui por causa da minha aposentadoria integral, eu tenho condições de viver bem, então, não preciso mais do que eu tenho, eu quero ser feliz e aqui eu sou feliz, [...]. (Antônia Marília, 2023).

A entrevista revela uma vida dedicada à educação, marcada por desafios superados com determinação e alegria, como é notório na fala de Antônia Marília. A análise da narrativa dessa professora, considerou quatro principais elementos: (a) formação identitária e influências sociais, (b) práticas de poder e dispositivos de subjetivação, (c) resistência e subjetividade, (d) construção da verdade e do discurso educacional.

A narrativa nos revelou como a identidade de Antônia Marília foi construída em torno de sua trajetória educacional; a presença e ausência de figuras familiares influenciaram sua formação, evidenciando que fatores sociais, a ausência do pai e o apoio da família, moldaram suas escolhas e valores (a). Ficou claro o poder que a educação exerceu sobre ela, desde sua infância até sua dedicação ao ensino superior; seu engajamento em atividades estudantis e o compromisso com a educação na zona rural mostram seu envolvimento e como ela foi sujeitada por discursos educacionais e práticas de poder que a levaram a se dedicar profundamente à área (b).

A decisão de permanecer ativa no ensino mesmo após a possibilidade de aposentadoria é um exemplo de resistência de Antônia Marília aos padrões socialmente estabelecidos; ela demonstra uma subjetividade ativa ao rejeitar a intenção por benefícios financeiros, ressaltando seu desejo e paixão pelo trabalho educacional (c). A narrativa revela a construção de uma verdade sobre a educação: a

paixão, o compromisso e a diferença que ela faz na vida dos alunos são mais importantes do que benefícios financeiros ou *status* social (d).

Podemos considerar Antônia Marília um exemplo de como o poder não se prende às propostas de controle, manifestando-se nas suas decisões individuais, nas suas escolhas que desafiam as normas sociais e permitem a afirmação daquilo que lhe é próprio. Esta professora intenta sua capacidade de escolha e busca pela felicidade pessoal como uma forma de contrariar as expectativas sociais, demonstrando como os processos de poder e de resistência se entrelaçam no plano individual.

Entrevistamos a professora **Edina Mara Delavy Rodrigues** nas dependências da Escola Amélia Oliveira Silva. Nascida em Palmital, Paraná, em 28 de outubro de 1973, ela compartilha detalhes sobre sua origem, família e experiências que moldaram suas escolhas educacionais. Viveu em uma fazenda até os 10 ou 11 anos, descrito por ela como um período feliz e cheio de lembranças especiais. Sua mãe, Elzira Aparecida Delavy, era professora na zona rural, onde moravam e os filhos estudavam. Aos 10 ou 11 anos, a família mudou-se para a cidade para que Edina e seu irmão pudessem continuar os estudos.

Figura 4. Edina Mara



Fonte: Arquivo pessoal da Profa. Edina.

Apesar de inicialmente ter relutado em seguir a carreira de professora, Edina mantém forte influência de sua mãe, avós maternos e tias, que eram todas ligadas à educação. Seus avós maternos eram pedagogos e alfabetizadores renomados. Apesar da resistência inicial, Edina descobriu que ser professora era uma vocação, uma paixão que transcendeu as expectativas iniciais. Antes de ingressar na carreira educacional, Edina trabalhou no comércio, em consultorias em duas empresas revendedoras de automóveis, ganhando experiência em outros setores. Entretanto, sua paixão pela História a levou a cursar essa graduação no período noturno, conciliando inicialmente o trabalho noturno com o estudo. Aos poucos, ela descobriu que sua verdadeira paixão estava em lecionar História.

Edina compartilha que sua família é composta por dois filhos, um menino de 25 anos e uma menina de 17 anos. Ela comemorou 30 anos de casamento, registrando os altos e baixos da vida familiar, mas destacando as boas memórias que guardou ao longo desses anos. Ao longo de sua carreira, ela enfrentou desafios significativos ao lidar com alunos especiais em sala de aula. Em uma experiência marcante, ela descobriu, no primeiro dia de aula, que tinha alunos com problemas de audição. Essa revelação levou a buscar formas inovadoras de ensino, incluindo o uso intensivo de recursos visuais, leitura labial e até mesmo aprender língua de sinais para se comunicar efetivamente com esses alunos.

Esta professora compartilha sua mudança para Tangará da Serra – Mato Grosso, onde assumiu um cargo no concurso público estadual. Essa mudança envolve desafios, como convencer o marido a acompanhá-la e encontrar oportunidades de emprego para ele na nova cidade.

Quando passei no concurso, eu já dava aula aqui no Amélia, como contratada há dois anos. E falei para meu marido, “teremos que mudar de cidade, a gente vai ter que ir embora”, e ele falou: “Vai com Deus, Eu não vou!”. Foi assim uns dois meses relutando, até que consegui convencê-lo (...) pesquisei na lista telefônica e ligava nas mecânicas. E dizia que ele era mecânico de caminhão, expliquei a situação, que havia passado no concurso, meu marido não que ir embora, preciso que dê uma oportunidade para ele. (...) Ele teve que escolher entre quatro empresas, e já chegou lá trabalhando. (Edina, 2023).

Essa experiência ampliou seus horizontes profissionais e enriqueceu sua jornada educacional. Após três anos a família retornou a Rondonópolis quando Edina concluiu o estágio probatório. Apesar das dificuldades iniciais para obter uma remoção, ela valoriza a experiência adquirida durante esse período e destaca a

importância desses anos em sua carreira. A trajetória educacional e profissional da professora reflete uma jornada rica em experiências, desafios superados e uma paixão pela educação e pela História.

A narrativa de Edina oferece uma visão de como as estruturas de poder, especialmente ligadas ao contexto familiar e educacional, influenciaram suas escolhas e trajetória. A forte presença da educação na família, marcada por uma origem de educadores, conformou suas predisposições e sua visão sobre a carreira docente. Ela inicialmente relutou em seguir esse caminho, o que demonstra uma resistência inicial ao discurso normativo sobre a profissão. Entretanto, essa resistência cedeu ao longo do tempo, revelando a complexidade da formação subjetiva em meio aos discursos e pressões sociais.

O relato de Edina também ressalta a interseção entre as esferas pessoais e profissionais, onde a experiência familiar, o casamento e a busca por oportunidades de emprego se entrelaçam. O fato em que ela precisou convencer o marido a mudar de cidade para defender sua nova posição profissional evidencia a dinâmica das relações de poder no contexto doméstico. A estratégia utilizada por ela para viabilizar a mudança - mencionando e buscando oportunidades de emprego para ele - ilustra a forma como ela precisou se movimentar diante das estruturas externas para alcançar seus objetivos pessoais e profissionais.

O relato sobre lidar com alunos especiais também reflete uma adaptação da professora aos desafios emergentes, mostrando como ela, como agente de poder-saber, reagiu às novas demandas da educação, exercendo assim, “a forma de reflexão sobre o trabalho realizado e sobre projetos futuros” (Fischer, 2001, p. 199). A abordagem inovadora proposta por Edina para atender às necessidades desses alunos, inclusive aprendendo a língua de sinais, explica uma forma de resistência às normas convencionais do ensino e uma busca por estratégias próprias para lidar com essas demandas.

Dessa forma, a análise da narrativa de Edina destaca como as estruturas de poder, as relações familiares e as estratégias de negociação são entrelaçadas na construção da subjetividade e na tomada de decisões, influenciando suas escolhas profissionais e as ações em diferentes contextos.

A entrevista à professora **Eunice Cândida Pereira Rodrigues** foi realizada via *Google Meet*. Eunice nasceu em 1968, e sua infância foi marcada por mudanças frequentes na cidade, pois seu pai “parecia ser um andarilho”. Viveram em vários

lugares, incluindo Cuiabá, Recife, Bacabal, Belém, até finalmente se estabelecerem em Rondonópolis. Eunice tem dez irmãos, sendo ela a terceira mais velha. Seus pais são Luiz Alexandre Pereira e Maria Cândida Pereira. A família enfrentou desafios financeiros, mas ela destaca a importância da gratidão e do apoio familiar. Iniciou sua educação na Escola Dom Wunibaldo e posteriormente na Escola Martin Luther King, onde obteve uma bolsa para concluir o Ensino Fundamental II. Mesmo com a preocupação de não conseguir uma bolsa para o Ensino Médio, Eunice conseguiu uma meia bolsa e sua mãe contribuiu com outra metade, permitindo que ela continuasse os estudos.

Apesar de inicialmente ter dificuldades com a disciplina, especificamente após tirar uma nota baixa em matemática (2,0), essa experiência foi o motivo para estudar mais a matéria. Tanto, que decidiu fazer vestibular para Matemática e obteve sucesso. Fez licenciatura em Matemática no antigo campus universitário (UFMT) de Rondonópolis.

Figura 5. Eunice Cândida e Adriana



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Eunice prosseguiu com mestrado em Geometria na Universidade Federal de Goiás e Doutorado em Matemática na Universidade de Brasília (UNB). Ela exerce a docência no departamento de matemática há 21 anos. Sua paixão pela educação a levou a realizar o sonho de dar aulas na universidade. Participou do projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), o que proporcionou uma

maior proximidade com escolas públicas, contribuindo com atividades e jogos educativos.

Eunice destaca que os desafios, como uma nota baixa em matemática, foram oportunidades de crescimento e superação, mostrando que as adversidades podem contribuir para o sucesso. Salienta a importância da família como suporte durante dificuldades e como fator relevante para sua trajetória de vida e sucesso educacional. Seu compromisso com a educação vai além da sala de aula, envolve projetos que visam estimular a docência e contribuir para o ensino nas escolas públicas. Sua trajetória revela a importância da resiliência, determinação e apoio familiar na busca pelo conhecimento e realização profissional.

Analisando a narrativa de Eunice, percebe-se a relação intrínseca entre sua trajetória educacional e as estruturas de poder e saber. As mudanças de cidade em sua infância, evidenciadas pelo constante deslocamento familiar, podem ser interpretadas como uma forma de submissão aos dispositivos de poder que regem as movimentações sociais e econômicas, impactando sua formação individual / pessoal.

A importância da família e do apoio emocional durante os momentos de dificuldade financeira ressalta o papel das relações de poder presentes no contexto familiar, que atuaram como um suporte muito importante na construção de sua jornada educacional. A experiência de ter enfrentado dificuldades com uma disciplina escolar, especialmente após uma nota baixa em matemática, e como ela transformou esse desafio em uma oportunidade de crescimento, revela um movimento de resistência aos obstáculos pela normatividade educacional.

O percurso acadêmico de Eunice, desde a licenciatura até o doutorado, reflete uma busca por superação, demonstrando uma luta constante contra os mecanismos de poder que podem limitar o acesso ao conhecimento. Sua participação no PIBID evidencia uma tentativa de romper com as estruturas tradicionais de ensino, inserindo novas abordagens e estratégias educacionais no contexto das escolas públicas.

A valorização das adversidades como oportunidades de crescimento demonstra a resistência de Eunice ao discurso dominante que enxerga as dificuldades como obstáculos intransponíveis. Sua história de vida pessoal destaca a importância da resiliência, da determinação e do apoio familiar como elementos fundamentais na construção de sua identidade e realização profissional na área da Educação Matemática.

Assim, uma análise de seu relato revela como as estruturas de poder e saber se entrelaçam na construção individual, na superação de desafios educacionais e na busca por uma realização pessoal e profissional. Fischer (2001, p. 2001) afirma que, para Foucault, “tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente, (...) enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição (...) amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam”.

De origens nordestinas, **Laci Maria Araújo Alves** narra que seus pais são nordestinos e mudaram-se para Mato Grosso em dezembro de 1973. Suas avós são da região de Acari, no Rio Grande do Norte. Desde criança ela demonstra interesse pela educação. Brincava de ser professora, utilizando um muro pré-moldado da vizinhança como quadro improvisado, escrevendo com carvão. Seu pai, admitindo seu esforço, a presenteou com uma lousa, um quadro e uma caixa de giz, incentivando ainda mais seu gosto por escrever.

Figura 6. Laci Maria



Fonte: Jornal A Tribuna (22.10.2022)

Durante o curso primário, Laci foi premiada por uma redação sobre o tema de um passeio. Essa experiência fortaleceu seu amor pela escrita, tornando-a um *hobby* duradouro.

Eu fiquei muito feliz. Cada vez que ele ia a outra cidade, eu pedia para ele trazer giz. E eu amava escrever. Eu me lembro, que ainda no curso primário, eu fui premiada por escrever uma redação. Na época, era chamada de composição. O tema era um passeio. Lembro que eu escrevi numa folha de

papel almaço pautada, de todos os lados. E surgiu, acho que, já naquela época, o gosto para escrever. (Laci, 2023).

Apesar das dificuldades financeiras na infância, ela descreve sua infância como tranquila e feliz. Atualmente, é casada, tem três filhos e dois netos. Está envolvida com a catequese desde 1975. Em 1992, tornou-se catequista de adultos, uma atividade que se dedica até hoje. Admite que foi mais do que uma professora, buscando contribuir para a formação integral das pessoas.

Laci afirma a importância da união familiar, um vínculo que mantém reunindo-se regularmente com seus sete irmãos. Mesmo após a redução do número de irmãos de oito para sete, continuam a se reunir nos aniversários de cada um, comemorando a família. Mantêm uma tradição de encontros nos aniversários de cada irmão, inicialmente aos 50 anos, depois aos 60, e agora nos 70 anos. Esses encontros são mais do que festas, são momentos de reunião e celebrações familiares.

A trajetória de Laci reflete a importância da família, do apoio aos pais na infância, e a influência do ambiente familiar na formação de seus valores e escolhas ao longo da vida. Sua dedicação à educação e à catequese demonstra um comprometimento com o desenvolvimento intelectual e com a formação espiritual e moral das pessoas ao seu redor.

A narrativa de Laci revela a influência dos elementos de poder-saber desde sua infância até suas atividades atuais. O estímulo precoce ao interesse pela educação, representado pela figura paterna que a presenteou com materiais para escrever, demonstra como tais práticas exercem um papel na formação da sua individualidade, direcionando seu gosto pela escrita desde cedo.

A ênfase na importância da família como um espaço de união e valores compartilhados, também reflete a influência dos discursos sociais e institucionais na formação de sua identidade, valorizando o apoio familiar como elemento essencial para suas escolhas e percurso. Sua dedicação à educação e à catequese evidencia o comprometimento com a formação integral das pessoas, proporcionando uma interação entre os elementos do poder e as práticas educacionais e morais que permeiam sua vida. Conforme explica Fischer (2001, p. 200), “as regras de formação dos conceitos, segundo Foucault, não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso”.

Mabel Strobel Moreira da Silva nasceu em Chapada dos Guimarães -MT em 15 de setembro de 1966. Seu pai, Benedito Aquino Moreira da Silva, era natural de

Chapada dos Guimarães, de origem portuguesa. Sua mãe, Lenir Strobel Moreira da Silva, natural de Cuiabá, descendente de alemães. Mabel traz à tona uma diversidade de suas origens, com avós de descendência portuguesa, alemã e indígena Bororo, destacando histórias de imigração e adaptação de seus antepassados. Nasceu na fazenda Lagoinha, vizinha à comunidade de Cachoeira Rica. Descreve um nascimento assistido por uma parteira local, evidenciando aspectos da vida rural da época. Nascida em uma família de sete irmãos, seu pai era produtor rural e trabalhador, enquanto sua mãe desempenhava um papel fundamental como incentivadora da educação dos filhos, apesar das dificuldades enfrentadas.

Mabel demonstra sua curiosidade e paixão pelo aprendizado desde cedo. Aprendeu a ler sozinha através de rótulos de produtos. Aos seis anos, foi para Cuiabá estudar, já tendo conhecimento de leitura e escrita. Ingressou na escola estadual José Estevão, conhecida como Escola do Baú, no bairro da Lixeira. Sua tia, Enir Moreira da Silva, foi sua primeira professora. Ela menciona que iniciou seus estudos na UFMT no início da década de 1970, quando a universidade ainda estava em desenvolvimento. Mostrou seu comprometimento com a educação, mesmo nos primeiros passos da instituição. Fundou o primeiro Centro Cívico Escolar na Escola Estadual Antônio Epaminondas, evidenciando seu envolvimento com atividades estudantis e comunitárias.

Figura 7. Mabel Strobel



Fonte: RD NEWS (Dez. 2016).

Mabel menciona os períodos em que retornava à Chapada dos Guimarães para estudar, inclusive na Escola Estadual São José, um marco na educação local. Concluiu o curso de Magistério na Escola Estadual Antônio Epaminondas, ampliando suas habilidades pedagógicas. Sua trajetória é marcada com uma infância rica em experiências na fazenda, o papel fundamental da família na promoção da educação, sua curiosidade autodidata e um compromisso contínuo com os estudos, incluindo sua participação ativa na vida escolar e comunitária. Esses elementos foram desenvolvidos para conformar sua jornada educacional diversificada e inspirada.

A influência familiar foi crucial em suas escolhas educacionais. A família enfrentou longas viagens de terra, de cerca de 120 quilômetros, para que Mabel e seus irmãos pudessem estudar em Cuiabá. Essa jornada era árdua, com estradas precárias, atoleiros, pontes de madeira em péssimo estado, e a viagem demorava cerca de doze horas. A mãe de Mabel sofria com a separação, já que os filhos ficaram longe de casa durante os semestres escolares.

Mabel destaca a importância da família na superação de desafios. Aos quinze anos ela sofreu a perda da mãe enquanto concluía o Magistério. Diante da situação difícil, ela decidiu voltar para a fazenda Lagoinha, onde seu pai estava com sete filhos pequenos, sendo a mais nova com apenas quatro anos. Mabel abriu mão do último semestre do curso para ajudar o pai a cuidar dos irmãos, destacando a importância dos conselhos tutelares e das leis de proteção à infância e adolescência na atualidade. A família foi primordial nesse período difícil, evitando adoções ilegais e garantindo que os irmãos permanecessem juntos. Mabel enfatizou sua gratidão pela existência desses mecanismos de proteção à infância.

No que diz respeito às lembranças da infância, Mabel compartilha momentos felizes, como brincadeiras no quintal, passeios a cavalo, banhos em rios e a convivência com animais na fazenda. Ela destaca a importância dos gibis, novelas no rádio e a cultura do respeito e das vitórias às pessoas mais velhas.

Sempre fui envolvida nessa parte do comércio. E cuidava dos irmãos menores porque naquela época a irmã mais velha tinha que cuidar dos menores. Eu me lembro da minha irmã aqui na minha cintura carregava, levava tudo assim, a gente fazia também essa parte do cuidado com os irmãos menores. Mas foi uma infância muito gostosa. (Mabel, 2023).

Quanto à sua relação com a educação, ela teve sua primeira experiência como professora durante a adolescência, substituindo uma professora no Mobral, um

programa de alfabetização para jovens e adultos. Essa experiência marcou profundamente, solidificando sua decisão de seguir na carreira educacional. Mesmo enfrentando desafios, ela persistiu em sua paixão pela educação, cursando Pedagogia na UFMT, concluindo em 1991. Sua trajetória é permeada por influências familiares, desafios superados, momentos felizes da infância e uma dedicação constante à educação, refletindo em suas escolhas e conquistas ao longo dos anos.

Observamos, em meio à análise, elementos que evidenciam o papel dos discursos sociais na constituição da individualidade e das escolhas educacionais de Mabel, cuja trajetória é permeada por experiências familiares, dificuldades e valores transmitidos ao longo do tempo. A influência familiar, a busca pelo conhecimento autodidata desde a infância e o compromisso com a educação são aspectos que refletem a formação pessoal de Mabel. Seu engajamento ativo na comunidade escolar, desde a fundação de um Centro Cívico Escolar até sua participação na vida estudantil e comunitária, demonstra a interação dos discursos educacionais na construção de sua identidade.

A relação com a família é um fator determinante em sua jornada educacional, especialmente diante das dificuldades enfrentadas, como as longas viagens para estudar em Cuiabá e a perda da mãe, o que influenciou sua tomada de decisão em abrir mão de um semestre para cuidar dos irmãos mais novos. A narrativa de Mabel reflete como os discursos familiares, educacionais e sociais são importantes para a constituição da individualidade e influenciam as escolhas ao longo da vida, refletindo o entrelaçamento entre poder, conhecimento e práticas sociais.

Destacamos a influência da educação na vida de Mabel, revelando uma primeira experiência como professora durante a adolescência e como essa experiência marcou sua decisão de seguir na área educacional. A persistência diante dos desafios, a influência familiar e a dedicação contínua à educação mostram-se como fatores importantes em suas escolhas e conquistas ao longo da vida. Essa análise demonstra como as experiências pessoais, influências e direções moldaram suas individualidades e influenciaram as escolhas pessoais e profissionais.

Marli Walker nasceu em Bom Je—us do Oeste - Santa Catarina, onde viveu por 18 anos; há 40 anos reside em Cuiabá. Sua família é numerosa, com oito irmãos. Ela é a terceira mais nova. Seus pais são Afonso Raimundo Walker e Rosina Walker, e seus avós paternos são Aluísio Walker e Glória Walker. Os avós maternos são Edvino Riediger e Elvina Riediger.

Figura 8. Marli Walker

Fonte: Arquivo pessoal de Marli Walker.

A infância de Marli foi típica da década de 70, vivida em uma família numerosa e em uma comunidade interiorana. A família tinha trabalhos domésticos divididos entre os membros, frequentava uma escola pública e uma igreja na mesma vila, e participou de um time de futebol local. Sua família tinha acesso a jornais, revistas e alguns livros, o que influenciou suas primeiras experiências com a leitura. Sua iniciação no universo da leitura ocorreu na escola, quando, na sétima ou oitava série, uma professora chamada Marie dividiu a sala em grupos e cada grupo teve que comprar um livro da coleção Vagalume, sendo “A Ilha Perdida” o primeiro livro narrativo juvenil que ela leu.

Marli possui uma irmã que reside em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, enquanto o restante da família vive em Mato Grosso. Quando pensa em família, ela associa imediatamente os sentimentos de união e respeito. Seu processo de educação iniciou-se com o magistério, mesmo sem desejar inicialmente tornar-se professora. Após o ensino médio, a opção de faculdade não estava disponível para mulheres em sua família, então ela se casou. Durante sua mudança para o norte de Mato Grosso, Marli abriu uma escola e teve uma experiência significativa alfabetizando crianças. Posteriormente, ela fez o curso de Letras e uma especialização em Literatura Infantil, Juvenil e Ensino. Marli expressa que sua relação com a educação é total; é sua vida. Esses pontos resumem alguns aspectos fundamentais da trajetória de Marli, suas experiências educacionais e a influência da família em suas escolhas de vida.

As narrativas sobre Marli revelam sua jornada educacional e suas experiências desde a infância até a vida adulta, nas quais observamos elementos como a influência familiar, a relação com a leitura desde cedo, suas escolhas educacionais e profissionais, incluindo a abertura de uma escola e seu envolvimento com a alfabetização de crianças. Elas mostram como a família, os valores de união e respeito, e algumas restrições sociais influenciaram suas decisões, especialmente no que se refere à educação formal e à escolha de carreira. Essa análise ressalta como as experiências individuais são moldadas por dinâmicas sociais, regras e influências externas, que orientam escolhas e trajetórias ao longo da vida.

Vilma Moreira dos Santos (*in memoriam*) nasceu em 13 de dezembro de 1953, na cidade de Montalvão – São Paulo, filha de pais negros, Rosário Rocha dos Santos e Guilhermina Moreira dos Santos (*in memoriam*), ela cresceu em uma família humilde e recebeu uma educação, marcada pelo respeito aos pais. Ela era a filha mais velha de seis irmãos, com apenas duas irmãs ainda vivas. Ela morou em Aparecida do Oeste – São Paulo, antes de se mudar para Rondonópolis, ainda solteira. Casou-se com Wilson Barbosa Oliveira e teve dois filhos: Wilson Barbosa Oliveira Junior e Luciana dos Santos Oliveira. Vilma sempre foi dedicada à sua família, cuidando dos pais, irmãos e irmãs. Mesmo enfrentando problemas familiares, ela manteve sua responsabilidade.

Mesmo sendo vereadora, Vilma nunca viu benefícios próprios, morava de aluguel e chegou a comprar uma casa, mas perdeu todo o dinheiro investido quando o proprietário não transferiu a casa para ela. Houve separação conjugal durante seu segundo mandato como vereadora; o casamento acabou, possivelmente devido à sua intensa dedicação à profissão, ou que a fez esquecer um pouco da vida familiar. Ela era da área de Ciências e lecionava matemática. Sua formação incluiu Licenciatura Curta em Ciências Exatas, complementação em Matemática e Pós-Graduação em Metodologia do Ensino.

A amiga e companheira de trabalho, Ilda Schneider, conheceu Vilma quando começou a lecionar, por volta de 1978-1979, na escola Joaquim Nunes Rocha, onde era professora de Matemática, e depois na escola Domingos Aparecido dos Santos, onde assumiu em períodos diferentes a direção e a coordenação. Vilma era muito querida entre os professores e alunos. Sempre ajudava os colegas e tratava qualquer problema diretamente na direção, sem discutir com professores. Sua atuação como diretora foi marcada pela mesma postura respeitosa e solução de conflitos de

conflitos. Ilda, hoje aposentada, conviveu com Vilma por mais de 30 anos, testemunhando sua transição para a aposentadoria há cerca de 20 anos.

Mesmo participando de pouco tempo em sala de aula, deixou marcas positivas como excelente professora de matemática. Após sua saída da sala de aula, ela se dedicou ao sindicato, mantendo contato com muitos de seus alunos mais antigos e continuando a contribuir para a educação.

Figura 9. Vilma Moreira



Fonte: Arquivo pessoal de amigos.

Apesar dos obstáculos e problemas conjugais, Vilma sempre foi uma pessoa feliz, amando o que fazia e vivendo para auxiliar o próximo. Entrou na política com poucos recursos financeiros e saiu da política sem acumular riqueza pessoal. Era conhecida por sua atuação política voltada a comunidade carente, mas sempre disposta a ajudar todas pessoas. Nunca negou ajuda, e utilizou recursos próprios para isso.

Vilma tinha um excelente relacionamento na educação, tanto com os pais quanto com outros professores. Foi elogiada por sua atuação como professora de matemática. Seu envolvimento com a comunidade escolar era positivo, sendo conhecido e admirado onde trabalhava. Sua trajetória inclui aspectos familiares, profissionais, desafios pessoais e uma forte dedicação à educação e ao auxílio ao próximo. Era uma pessoa muito religiosa, com muita fé, e isso se reflete em sua conduta pessoal e profissional.

Analisando a trajetória de vida e educacional Vilma Moreira e das mulheres entrevistadas, observamos que, em relação com a Educação, há uma tendência na ideia de que a educação desempenha um papel central na vida das entrevistadas, independentemente das diferentes áreas de atuação inicial. A paixão pelo ensino é uma constante, seja descoberta durante o Ensino Médio, por meio de experiências marcantes, ou como uma mudança de direção na carreira. Cada uma desenvolveu uma paixão pela educação em momentos diferentes de suas vidas, seja através da influência familiar, de experiências acadêmicas ou de práticas de ensino. Algumas trajetórias iniciais fora do magistério, explorando outras áreas antes de se dedicarem à carreira docente.

Os relatos sobre a professora Vilma revelam sua trajetória pessoal, profissional e educacional. Nascida em uma família humilde, ela se dedicou à educação e à comunidade, enfrentando desafios familiares e questões pessoais. Sua atuação como professora de Matemática e seu envolvimento político demonstram uma vida externa ao auxílio a outros, apesar de obstáculos financeiros e questões conjugais. Ela era uma pessoa muito religiosa, marcada pela fé, e isso influenciou sua conduta pessoal e profissional. Sua história de vida pessoal e profissional reflete uma dedicação à educação, com forte interação na comunidade escolar, sendo reconhecida e admirada por colegas e alunos.

Compreendemos, desse modo, como as práticas e ações individuais se inscrevem dentro de um contexto social e histórico, revelando a importância da educação na vida de Vilma e das pessoas a quem ela ajudou, bem como a preocupação com os desafios e falhas do sistema educacional, os quais ela buscou suprimir para aqueles que se propuseram a investir na formação.

No que se refere à visão de sua contribuição com a história da Educação de Mato Grosso, as seis entrevistadas, bem como os três entrevistados Professoras Ilda Shneider, Silvia Regina Batista e seu chefe de gabinete Adenilso da Cruz Azevedo que falaram da professora Vilma, expressaram orgulho ao ver ex-alunos/as contribuindo para a área educacional, destacando isso como uma realização significativa. Observamos desafios e deficiências no sistema educacional de Mato Grosso, evidenciando uma preocupação com a formação acadêmica e a valorização dos/as profissionais da educação.

Ao descreverem o que consideram mais importante em suas vidas enquanto mulheres que contribuem com a Educação mato-grossense, as entrevistadas afirmam

sobre a importância de influenciar positivamente os/as alunos/as, destacando a relevância de “plantar sementes” para o desenvolvimento educacional (Laci). Algumas ressaltam o envolvimento em eventos políticos, a participação ativa na vida universitária e a capacidade de conciliar carreira e atividades diversas. Destacam a importância de ir além do papel tradicional de professor, envolvendo-se em atividades além das aulas, como a catequese, participação em eventos políticos e gestão acadêmica. Ressaltam a necessidade de ocupar espaços de poder, desafiando estereótipos de gênero e raça (Antônia e Vilma), e enfatizando a importância da ética e do respeito nas práticas educacionais e políticas.

Olhando para minha trajetória profissional, percebo que muitas sementes foram lançadas. Realizei muitas pesquisas, muitos cursos de extensão e tive a alegria de publicar vários livros o que acredito tenha sido minha maior contribuição. Eu amo pesquisar e escrever. E foi aos poucos que fui conseguindo publicar os resultados das minhas pesquisas. Quanto à minha prática pedagógica, eu gostava muito de usar o método da hermenêutica. E sempre questionava os estudantes para que eles mesmos pudessem descobrir as respostas para as suas inquietudes e dúvidas. Isso foi muito bom. Não dar respostas prontas, mas possibilitar que os estudantes buscassem seus conhecimentos a partir das suas experiências. Eu me lembro de um questionamento que eu sempre fazia aos estudantes: seus pais trabalham fora? A resposta era assim: “Meu pai trabalha fora. A minha mãe não faz nada.”. Nessa perspectiva eu sempre procurava refletir com eles sobre a importância das mulheres e do trabalho de cada pessoa na tessitura da sociedade. Na minha tese de doutorado tive a liberdade de usar o termo “mulheres e homens” e não “Homens e mulheres”, para enfatizar a importância das mulheres no processo histórico. Um dos desafios em minha carreira profissional foi a luta para conseguir aprimorar meus conhecimentos. Em Rondonópolis não havia cursos de pós-graduação, então eu cursei o Mestrado na cidade de –ampo Grande - MS e o curso de Doutorado em Brasília, em ambos os cursos eu tinha que viajar toda semana, o que não era nada fácil. No curso de Mestrado eu já tinha duas crianças pequenas. No curso de Doutorado eram três filhos ainda pequenos. O que inspirou foi uma sede de aprimorar cada dia mais os meus conhecimentos. Até hoje cada leitura me instiga a uma nova pesquisa. Hoje vivemos um momento diferente; aprendizados diferentes, mas tenho muita esperança nessa juventude que está aí. O futuro depende de nós... Depende do que estamos semeando hoje no coração dos estudantes. É preciso transbordar amor naquilo que a gente faz e na sala de aula, quando isso acontece, a aprendizagem fica leve e os estudantes se interessam. Eu sou apaixonada pela cidade de Rondonópolis. Escrevi muitas matérias sobre a cidade, tive algumas lutas em defesa do patrimônio histórico local, mas a maior luta da qual participei ativamente foi pela criação da Universidade Federal de Rondonópolis. É muito gratificante acompanhar hoje a estruturação da Universidade, porque acompanhei todos os passos desde a criação do Centro Pedagógico, ainda na década de 1970. Isso é muito gratificante. (Laci, 2023).

Em relação à sua maior realização, ficou evidente que está intrinsecamente vinculada ao sucesso dos/as ex-alunos/as, especialmente aqueles/as que obtiveram bons professores/as e mestres/as.

Na narrativa da professora Laci, ela destaca sua prática pedagógica, que envolve o questionamento constante dos estudantes para que busquem respostas por si mesmos, um reflexo da descentralização do conhecimento. Laci afirma o papel das mulheres na sociedade, demonstrando como suas perguntas visavam provocar reflexões sobre o trabalho feminino e sua importância social. Sua tese de doutorado também revela uma preocupação em alterar o hábito tradicional das palavras, reafirmando a posição das mulheres no contexto histórico, uma atitude que reflete uma busca por mudança e por novas perspectivas no campo do conhecimento.

A trajetória educacional de Laci é marcada por desafios, como a busca por aprimorar seus conhecimentos em locais distantes de sua cidade natal, denotando a luta pelo acesso à educação continuada. E sua paixão pelo ensino e pela cidade em que vive vincula-se ao seu envolvimento na luta pela criação da UFR, confirmando um comprometimento com o desenvolvimento educacional local ao longo de décadas. Seu relato reflete sua experiência pessoal e aspectos mais amplos ligados à educação, ao poder do conhecimento e à necessidade de mudanças sociais e históricas, todos alinhados às dinâmicas discursivas e a luta por uma abordagem mais inclusiva e transformadora do saber.

Após a análise das narrativas, vimos que Antônia Marília, Edina, Eunice, Laci, Mabel, Marli e Vilma reúnem experiências notáveis, desde a alfabetização na Amazônia até o incentivo à leitura, criação de obras educacionais, projetos escolares e comunitários. Ressaltamos alguns momentos específicos, como a liderança em escolas, a implementação bem sucedida de programas e a conclusão de estudos avançados. As entrevistadas têm valores e experiências comuns, como o poder transformador da educação, o amor pelo ensino e a superação de desafios. Todas demonstram compromisso com o desenvolvimento integral dos alunos e a busca por melhorias na educação em Mato Grosso. Suas jornadas individuais convergem para uma visão coletiva de contribuição para a educação e a construção de uma história educacional mais significativa na região.

No alcance do objetivo, a análise das entrevistas revela uma visão abrangente da participação da mulher no contexto histórico da Educação de Mato Grosso. Por meio das trajetórias educacionais das entrevistadas e do entrevistado, é possível identificarmos padrões, desafios, e contribuições específicas que lançam luz sobre a evolução dessa participação ao longo do tempo. As lembranças de experiências desde suas origens até papéis consolidados na Educação, forneceram uma narrativa

rica e detalhada, nos permitindo compreender como as jornadas educacionais moldaram suas contribuições para a história educacional de Mato Grosso.

A evolução da relação com a educação é um ponto comum. Desde descobertas de paixões inesperadas até adaptações em resposta aos desafios, bem como o dinamismo e a resiliência necessários para prosperar na educação mato-grossense. A análise aponta uma convergência nas contribuições das entrevistadas para a formação de professores, integração de temas locais no ensino e participação em iniciativas educacionais, sendo que esses elementos indicam a relevância das mulheres na construção da história educacional do estado.

Elas destacam a superação de barreiras, a comparação entre oportunidades em diferentes estados e o engajamento em posições de liderança. Esses aspectos evidenciam a participação individual e o impacto coletivo das mulheres na melhoria contínua do sistema educacional. A análise aponta para resultados significativos, como transformar jovens em leitores, formar professores e ocupar espaços de poder. Ao mesmo tempo, os desafios enfrentados, comparativos entre estados e a superação de restrições de gênero denotam a necessidade de resiliência para enfrentar as complexidades do ambiente educacional em Mato Grosso.

A síntese desses pontos convergentes nas entrevistas afirma a importante participação das mulheres no processo histórico da Educação de Mato Grosso. As experiências compartilhadas expressam o progresso individual e a influência coletiva na construção e aprimoramento do cenário educacional estadual. Suas histórias refletem a importância de uma abordagem comprometida e ética no processo educacional, por não se concentrarem no ensino acadêmico, mas serem comprometidas com o desenvolvimento integral de seus alunos, considerando aspectos emocionais, sociais e éticos em sua prática educacional. Destacamos assim, a influência positiva que tiveram na formação de futuras gerações de educadores.

Simone de Beauvoir (1970), filósofa existencialista e feminista, contribui com nosso entendimento sobre a condição da mulher na sociedade e sua relação com a educação. Para esta feminista, a educação desempenha um papel muito importante na formação da identidade das mulheres, porque elas historicamente foram formadas para ocupar cargos secundários na sociedade, limitando suas ambições e oportunidades.

Podemos aplicar a perspectiva de Beauvoir (1907) para entender como a educação moldou a vida de cada uma das sete mulheres, suas carreiras, suas visões

sobre si mesmas e seu papel na sociedade. Beauvoir destaca a importância da liberdade e autonomia na educação das mulheres, elementos que podem ser explorados ao examinar como as entrevistadas superaram desafios pessoais e profissionais em busca de seus objetivos educacionais.

Algumas respostas expõem nesse contexto as claras marcas do patriarcado, quando, em um dado momento, algumas dessas mulheres se viram obrigadas a abrir a mão dos estudos ou a priorizar o trabalho por um período, abdicando de suas aspirações acadêmicas para se dedicarem integralmente à família. Sob a pressão de normas sociais arraigadas, muitas vezes impostas por uma estrutura patriarcal, essas mulheres foram confrontadas com expectativas contraditórias, entre os anseios de alcançar sua própria realização pessoal e a responsabilidade associada ao papel tradicional de cuidadoras e mantenedoras do lar.

A imposição de papéis tradicionais de gênero pode ter limitado significativamente o acesso à educação continuada e ao desenvolvimento profissional, reforçando, assim, a desigualdade de gênero no âmbito educacional e no mercado de trabalho. Essa realidade evidencia as restrições enfrentadas pelas mulheres em sua busca por uma formação acadêmica contínua, e destaca a necessidade premente de desafiar e transformar as, ainda, estruturas patriarcais presentes na sociedade.

Nísia Floresta (Duarte, 2010), educadora e escritora brasileira do século XIX, também é uma referência quando se trata da contribuição da mulher para a educação. Ela defende o acesso das mulheres à educação formal e à participação ativa na sociedade, porque a educação era fundamental para a emancipação feminina e para a construção de uma sociedade mais justa. As trajetórias das setes mulheres refletem ou desafiam as ideias de Nísia Floresta sobre o papel da mulher na educação. Como elas se desenvolvem para a história educacional de Mato Grosso, especialmente em relação à formação de professores, integração de temas locais no ensino e participação em iniciativas educacionais. Suas ações podem ser interpretadas como uma manifestação prática dos ideais de Nísia Floresta.

3.2 Os papéis das mulheres no cenário educacional mato-grossense

As trajetórias de vida pessoal e profissional das mulheres que marcaram o cenário educacional mato-grossense reúnem pontos notáveis em comum,

evidenciando uma contribuição dedicada para a formação de gerações de alunos e o desenvolvimento da educação no estado. Ressaltamos os elementos compartilhados entre essas mulheres em comum, como uma paixão intrínseca pela educação, que se manifestou de diferentes maneiras ao longo de suas trajetórias. Desde o magistério até a alfabetização nos locais mais diversificados. Cada uma dela passou por desafios específicos em sua jornada, seja na superação de obstáculos na formação acadêmica, na conciliação entre trabalho e estudo, ou na implementação de novas abordagens educacionais. A resiliência diante dos desafios é um elemento destacado em suas histórias.

A implementação de abordagens inovadoras na educação, como a escola ciclada, metodologias diferenciadas no ensino de Matemática e a criação de espaços de poder na academia, revela o compromisso com a melhoria contínua e a inovação educacional compartilhada por essas mulheres. Todas elas envolvidas num movimento ativo na comunidade, seja por meio de atividades sindicais, participação em eventos políticos, ou influenciando positivamente a vida de seus alunos além das salas de aula, como evidencia a narrativa de Adenilso, que foi aluno da professora Vilma e teve a oportunidade de trabalhar com ela, enquanto vereadora e deputada.

Adenilso compartilha sua experiência de convivência com a professora Vilma, que vai desde os tempos de aluno até o trabalho conjunto em situações políticas. A relação entre eles evoluiu de aluno e professora para uma parceria profissional. A convivência começou nos tempos de aluno, quando ela era sua professora de matemática no Ensino Fundamental. Posteriormente, eles se afastaram, mas se reencontraram em eventos políticos. Ele acidentou-se e teve uma perna amputada, o que lhe causou prejuízos profissionais. Vilma, percebendo sua situação, o chamou para trabalhar com ela em 2004.

A partir desse momento, Adenilso participou da vida política com Vilma, colaborando em seus esforços para retomar a carreira política. Isso envolve visitas a comunidades, busca de apoio e uma colaboração. Essa interação continuou mesmo após o término dos mandatos de Vilma. Ela deixou uma marca profunda como professora. Ela vai além do ensino tradicional, abordando questões relevantes para os alunos. Ele relembra uma ocasião em que ela interrompeu uma aula de matemática para oferecer uma lição de anatomia e linguagem, abordando questões de sexualidade de maneira educativa.

Adenilso passou a compreender a influência positiva que Vilma teve em sua vida, e a descreve como uma mulher fantástica, que se preocupava com o desenvolvimento dos alunos. Mesmo que ambos não tivessem contato frequente pelos corredores da escola, ele percebia e respeitava a liderança da professora, que se sobressaiu como uma pessoa ativa, expondo suas opiniões e liderando iniciativas na escola. A narrativa de Adenilso revela uma trajetória ímpar, começando como aluno de Vilma, evoluindo para uma relação de trabalho e amizade. Ela marcou sua vida como educadora, e se tornou uma figura essencial em seu desenvolvimento pessoal e profissional.

A busca por compreender e preservar a história educacional regional, o enfrentamento de desafios específicos do contexto mato-grossense e a participação ativa na implementação de mudanças educacionais revelam uma contribuição coletiva para a história da educação em Mato Grosso. Os valores éticos, como respeito, honestidade e preocupação com os menos favorecidos, são características comuns entre essas mulheres, destacando a importância de manter princípios éticos na atuação política e educacional.

A quebra de estereótipos de gênero e raça na política e na academia é uma narrativa comum entre as mulheres negras. Ficou demonstrado que uma mulher negra pode desempenhar um papel significativo, desafiando adversidades e tornando-se exemplos de dedicação à comunidade e transformação social. Ao falar de Vilma, os amigos expõem a questão da cor de sua pele.

E a Vilma despertava essa inveja de ser essa mulher negra. Sempre bem relacionada, sempre bem arrumada. Depois que se tornou vereadora, é que ela andou ainda mais arrumada e muito chique, na seda. (Ilda, 2023).

Ela pagou o preço por ser mulher e por ser negra. Por ela ser pobre. Isso levava a gente a conversar bastante, e ela procurava se impor, ser forte, ignorar isso. Mas isso existia. (Adenilso, 2023).

A primeira vez que ela se elegeu, quase não teve voto de professores. Quem elegeu a professora Vilma foi a comunidade. Porque pelo fato dela ser mulher, negra e pobre... Houve discriminação por todos os lados. (Sílvia, 2023).

Adenilso lembra os desafios vividos por Vilma na política em virtude de ser uma mulher negra e afirma que ela passou por muitas situações delicadas, mas, que se fazia de forte ignorava as barreiras raciais e de gênero que enfrentava. Um episódio emblemático ocorreu durante uma visita a um prefeito, que já tinha preconceitos em

relação a Vilma por ser mulher e popular¹³⁴ncontraitou encontrá-la, saindo pela porta dos fundos. Essa atitude, considerada impensável, destaca a resistência que a professora e vereadora enfrentou, se apresentando firme em sua postura, mostrando autoridade e insistindo em ser respeitada, mostrando que a luta contra a discriminação racial era uma parte intrínseca de sua atuação política.

As narrativas sobre a professora Vilma expõem a dinâmica do poder e a formação de identidades dentro de um contexto social específico, despontando as lutas enfrentadas por uma mulher negra ao desafiar os estereótipos de gênero, raça e classe na política e na educação.

As observações de amigos e colegas de trabalho de Vilma esclarecem a influência da cor da pele e sua posição socioeconômica em sua trajetória. O relato de Ilda sobre a inveja que despertava por ser uma mulher negra bem relacionada e bem vestida indica a interseção entre raças, *status* social e representação de poder, o que denota uma admiração e o fato de que Vilma se destacava por suas habilidades, por sua presença e imagem, desafiando estereótipos preconcebidos sobre mulheres negras.

Adenilso e Sílvia apontam para as adversidades enfrentadas por Vilma ao ingressar na política. A menção à discriminação vivenciada por ser mulher, negra e pobre revela a forma como as estruturas de poder e as normas sociais influenciaram sua experiência. O relato sobre a eleição, expondo que a comunidade a elegeu enquanto os professores não a apoiaram inicialmente, reforça como a discriminação permeou várias esferas de sua vida profissional. A narrativa de Adenilso reforça os desafios e preconceitos experienciados por Vilma ao ocupar espaços de poder; o episódio com o prefe¹³⁴ncontraando encontrá-la, confirma a resistência e a postura firme que ela teve em busca de respeito e reconhecimento, dominando as estruturas de poder determinantes. As narrativas confirmam as experiências individuais de Vilma, as dinâmicas de poder, identidade e resistência que fizeram parte de sua trajetória, evidenciando a complexidade das relações sociais e políticas, as formas de resistência e assertividade diante das adversidades enfrentadas por mulheres negras em posições de destaque.

As entrevistadas e Adenilso reconhecem a importância da educação na formação de cidadãos conscientes e a necessidade de aprimoramento constante para melhorar a educação em Mato Grosso. Esses pontos comuns entre as trajetórias de Antônia Marília, Marli, Eunice, Laci, Mabel e Wilma e a Edina ressaltam a

singularidade de suas contribuições, e destacam a coletividade de suas experiências, formando uma narrativa rica e inspirada para a educação mato-grossense. Essas mulheres são testemunhas do impacto transformador que a dedicação à educação pode ter na sociedade.

Foucault (Fischer, 2001) considerou o texto uma construção discursiva que destaca as trajetórias educacionais bem como os elementos culturais, sociais e políticos que permearam a vida e a carreira dessas mulheres. A narrativa revela uma rede de poder e conhecimento entrelaçada, moldando suas experiências e atuações na educação em Mato Grosso. A análise aponta para uma narrativa que vai além das trajetórias individuais, abrangendo aspectos de poder, resistência e transformação social no contexto da educação no estado, mostrando como essas mulheres deixaram uma marca significativa no cenário educacional e na sociedade como um todo.

A professora Edina relata que iniciou sua trajetória na Escola Amélia em 1997 e, ao longo de 27 anos, construiu um forte vínculo com a comunidade escolar, sendo reconhecida por onde vai no bairro Vila Olinda I, sendo notória a sua integração com a comunidade local.

Figura 10. Edina em evento de Moção de Aplauso



Fonte: Arquivo pessoal da professora Edna.

Ela expressou sua paixão pelo bairro Vila Olinda I, ressaltando que, apesar de ter sido discriminado e violento há trinta anos, atualmente é um lugar completo, com acesso a diversos serviços, motivos de sua escolha de permanecer na comunidade

ao longo dos anos. Sente muita satisfação ao ser reconhecida pelos pais dos alunos, muitos dos quais são ex-alunos seus. Sente-se feliz quando, nas reuniões, os pais se abraçam e expressam saudades. Essa conexão é uma evidência do impacto positivo que Edina teve e tem na vida de seus alunos. Lembra dos desafios que já passou.

Edna narra com humildade e carinho os desafios e também as conquistas, suas experiências que obtiveram fruto desde o início, o reconhecimento da classe política e da escola.

Eu me sinto realizada, mas cansada, não por isso que deixo cair a qualidade no ensino, ao contrário, tem que contribuir mais ainda e não deixar a peteca cair. Eu fico assim, muito triste com a falta de interesse, isto pra mim é um desafio, levar o aprendizado, tentar fazê-los gostarem de História, despertar interesse (...) por isto temos que utilizar as tecnologias, ferramentas como o celular, o Chromebook, para passar um vídeo, um documentário, (...) também tem a Plataforma Plural, onde podem fazer provas e atividades. Nós temos um projeto aqui na escola, a gente começou assim com uma gincana para arrecadar alimentos, para ajudar os alunos que são de famílias carente, e aí nunca mais agente parou, a gente arrecada roupa, faço parte de um grupo de oração, onde fazem doações, as vezes os próprios alunos trazem, e a gente faz os bazares, vendemos as roupas por um preço barato, e o dinheiro arrecadado é convertido em cestas básicas e todos os meses a gente ajuda, tem uma lista de famílias carentes do bairro, ou até mesmo alunos, este projeto já tem mais de 20 anos, bazar solidário a gente chama! Eu me sinto realizada como minha profissão, tenho verdadeira paixão, não é por conta de salário, e por amor mesmo a profissão. Eu já recebi prêmios, acho que não merecia, mas já recebi moção de aplauso, prêmio Rosa Bororo... são prêmios, dados a pessoas que de alguma forma ajudam sua comunidade. Na câmara recebi três moções, de dois vereadores e um Deputado. (Edina, 2023).

A narrativa da professora Edina deixa clara sua forte conexão com a comunidade escolar ao longo de 27 anos na Escola Amélia refletindo um poder simbólico e afetivo no bairro Vila Olinda I. Seu reconhecimento pelos pais dos alunos corrobora seu impacto duradouro na vida dos estudantes e famílias consolidando sua identidade como uma figura central na comunidade. Sua participação ativa em projetos sociais demonstra um compromisso social além da sala de aula, enquanto as premiações recebidas comprovam seu reconhecimento como agente de transformação na comunidade e seu destaque político local. A narrativa revela a integração da professora na comunidade bem como a formação de sua identidade como uma figura de poder dentro do contexto educacional e social.

A história da Educação de Mato Grosso é enriquecida por sete mulheres admiráveis que, por meio de suas trajetórias de vida pessoal e profissional, desempenharam papéis de destaque no desenvolvimento e aprimoramento do

cenário educacional do estado. Analisando essas trajetórias notáveis, dois autores se destacam pela profundidade de suas reflexões, oferecendo uma compreensão mais aprofundada do impacto dessas mulheres na educação mato-grossense.

As mulheres compartilham um sentimento de alegria, de satisfação e até de contemplação pela educação, refletida em suas experiências no magistério e na alfabetização em locais e situações diversificados. Neste contexto, Almeida (2022) argumenta que a paixão pela educação não é apenas uma escolha profissional, mas uma expressão profunda de identidade, um impulso que transcende desafios e adversidades.

A implementação de abordagens inovadoras, como a escola ciclada (Mabel) e metodologias diferenciadas (Eunice, Edina), revela o compromisso dessas mulheres com a melhoria contínua do sistema educacional. Phillipi (2020) destaca que a inovação na educação não apenas transforma salas de aula, mas também cria um impacto na comunidade, proporcionando uma abordagem mais inclusiva e eficaz.

A busca por compreender e preservar a história educacional regional é uma contribuição significativa. Almeida (2022) argumenta que a preservação da história educacional é essencial para informar futuras práticas e políticas, criando um legado educacional sustentável para as gerações futuras. Os valores éticos compartilhados, como respeito, honestidade e preocupação com os menos favorecidos, são destacados por Phillipi (2020) e Almeida (2022) como a espinha dorsal de uma abordagem educacional transformadora. Além disso, a quebra de estereótipos de gênero e raça é vista como uma narrativa inspiradora, desafiando preconceitos e ampliando oportunidades.

Almeida (2022) ressalta a importância de considerar a educação como uma ferramenta poderosa para a transformação social. As mulheres negras em destaque demonstram que o acesso à educação é uma vantagem para a quebra de barreiras, fortalecendo a comunidade e promovendo a igualdade.

Ao reunirmos as perspectivas de Almeida (2022) e Phillipi (2022) confirmamos que as trajetórias dessas sete mulheres ilustram a dedicação à educação, e ressaltam a importância vital de suas contribuições coletivas para o cenário educacional de Mato Grosso. Elas são educadoras e agentes de transformação social, moldando mentes, quebrando barreiras e abrindo o caminho para um futuro educacional mais inclusivo e promissor.

3.3 A mulher como agente ativo na construção da história educacional do estado de Mato Grosso

As trajetórias de Antônia Marília, Marli, Eunice, Laci, Mabel e Wilma e Edina revelaram ações específicas de rupturas que fortaleceram a participação da mulher como agente ativo na construção da história da Educação de Mato Grosso. Ao analisarmos essas trajetórias, é possível identificar elementos-chave que destacam a contribuição singular de cada mulher.

Antônia Marília, ao escolher Geografia como área de estudo, desafiou estereótipos de gênero relacionados às escolhas acadêmicas. Sua vinda para Mato Grosso evidenciou a disposição de enfrentar desafios educacionais específicos do estado, como a falta de mestres e doutores.

Mabel desempenhou um papel primordial na implementação da escola ciclada em Mato Grosso, que foi uma ruptura significativa na estrutura educacional, proporcionando uma abordagem mais flexível e individualizada, declarando uma inovação na educação como uma ferramenta de transformação social, em meio a desafios, porém, com resultados positivos na melhoria do aprendizado e na redução da evasão escolar.

Contribuição para a formação integral dos alunos (Marli e Laci): Marli, ao abrir uma escolinha em Sinop, Mato Grosso, proporcionou uma experiência de alfabetização marcante e desafiadora, destacando a importância da educação na formação integral das crianças.

Eu abri a escolinha. Oficializei, legalizei. Tinha uma fileirinha de 1ª série 2ª série, 3ª série, 4ª série (...) alfabetizei as crianças. Foi uma experiência incrível, uma das mais marcantes que eu trago na minha vida! Fiquei em pânico! Eu não sabia se ia funcionar. (...) O método, a abelhinha... aquelas ilustrações que a gente confeccionava no curso, coloquei todas na parede. E fomos indo, das letras para sílabas, das sílabas para a formação de palavras. E as crianças leram. Foi muito sensacional. Na época eu não tinha a menor noção do que aquilo se dava, dentro da minha história, da minha trajetória na educação. Hoje, olhando pra trás, é essa mesma aqui, que me mostrou o que é pegar uma criança que não sabe ler nem escrever, e no final ela está lendo, contando histórias. Depois de muitos anos, quando eu me mudei pra Sinop, fui fazer Letras, já como retardatária, e emendei uma especialização em Literatura Infantil Juvenil e Ensino. (Marli, 2023).

Laci, ao se dedicar à catequese desde 1992, transcendeu o papel tradicional de professora, iniciando-se na formação ética e na cidade dos alunos. Sua abordagem humanizada e comprometida evidencia a preocupação com a formação integral. Ela

narra com orgulho, alegria e sentimento de esperança, parte de sua trajetória, os desafios e conquistas.

Trabalho com catequese, desde 1975. Em 1992 passei a ser catequista de adultos e até hoje me dedico à catequese. Procurei ser mais do que uma professora e ajudar numa formação para a vida. Em 2000 iniciei o curso de Doutorado na Universidade de Brasília. Uma grande parte do curso de doutorado eu havia dedicado à pesquisa sobre mulheres em Rondonópolis, no entanto houve mudanças nas linhas de pesquisa e eu tive que mudar para movimentos sociais mediados pela Igreja Católica. Pesquisei sobre a luta por moradia mediada pela Igreja Católica. Acho que eu sou muito privilegiada, porque pude trabalhar como professora em quase todas as séries. Eu só não trabalhei na terceira e na quarta series do Ensino Fundamental. Um dos desafios era que havia muitas turmas e muitos diários, que eram preenchidos de forma manual. Hoje, nesse período pós- pandemia percebo que são muitos os desafios no processo de Ensino-aprendizagem. Os avanços tecnológicos ajudam, mas ao mesmo tempo, as redes sociais tomam muito tempo dos estudantes, o que dificulta o trabalho dos professores. Nós estamos assim num processo de reorganizar, repensar, ressignificar nossas práticas pedagógicas para conseguir despertar interesse nos estudantes. (Laci, 2023).

Vilma, através de sua atuação sindical desde 1987 e de sua incursão na política, demonstrou como as mulheres podem ser agentes de mudança não apenas nas salas de aula, mas também nas esferas sindicais e políticas. Envolvimento Ativo na Comunidade (Marli e Vilma): Marli, ao mudar para Sinop e abrir uma escola na floresta amazônica, evidenciou seu envolvimento ativo na comunidade, adaptando-se a contextos solicitando e contribuindo para a educação em áreas remotas.

Figura 11. Vilma Moreira na Câmara de Deputados



Fonte: Prefeitura Municipal de Rondonópolis

Vilma, além de seu envolvimento em projetos educacionais, destacou-se por seu papel ativo na comunidade, buscando melhorias na educação, também em

questões sociais e comportamentais por meio de seus mandatos como Vereadora em Rondonópolis e Deputada Estadual. Vilma se destacou na atuação sindical e na política. Sua eleição como vereadora em 1999 representa uma quebra de barreiras, mostrando que as mulheres negras podem ocupar espaços de poder e influenciar positivamente a comunidade. A contribuição de Vilma vai além do sindicato, abrangendo a participação ativa em projetos que moldaram a educação no estado.

Abordagens Inovadoras e Compromisso com a Educação (Eunice e Mabel): Eunice, ao desenvolver metodologias inovadoras para tornar o ensino de Matemática mais atraente, contribuiu para a construção de uma educação mais dinâmica e significativa. Mabel mostrou um compromisso inabalável com a melhoria do sistema educacional, destacando a importância de abordagens inovadoras na educação.

Por meio da análise, observamos o desafio aos estereótipos e padrões educacionais específicos nas narrativas de Antônia Marília ao optar pela Geografia e nas experiências de Marli e Laci. Nestas últimas, ao se envolverem com a alfabetização e a catequese, transcendem o papel tradicional das professoras, buscando uma formação ética integral nos alunos. Vilma, pela atuação sindical e política, rompe com fronteiras e estereótipos, tornando-se um exemplo de como as mulheres negras podem influenciar positivamente a comunidade, no contexto educacional, nas esferas sindicais e políticas.

A contribuição significativa de Mabel na implementação da escola ciclada e na abordagem inovadora, e de Eunice no ensino de Matemática destaca-se como rupturas nos padrões educacionais, oferecendo uma educação mais dinâmica e relevante. A inserção ativa de Marli na comunidade, abrindo uma escola na floresta amazônica, e o compromisso de Vilma com projetos educacionais e questões sociais ressaltam a importância do engajamento dessas educadoras nas salas de aula e na comunidade, adaptando-se a contextos diversos e contribuindo para melhorias educacionais e sociais.

Antônia Marília, com sua origem em Bossoroca – RS, traz uma perspectiva geográfica única para Mato Grosso. Baseando-nos nas ideias de Santos (1988), que destaca a importância de compreender o espaço geográfico como uma construção social, esta professora contribuiu para a formação de uma consciência espacial diferenciada no estado. Sua atuação em atividades estudantis e órgãos colegiados, mencionadas na entrevista, evidencia não apenas seu comprometimento com a

educação, mas também sua participação ativa na construção de políticas educacionais.

A trajetória de Laci, centrada na humanização da educação e na pesquisa histórica, ressoa com as ideias de Freire (1996) sobre a importância de uma educação libertadora. Sua decisão de realizar mestrado e doutorado com abordagem na história do corpo e das mulheres em Mato Grosso destaca a relevância de abordar as questões de gênero na construção da história educacional. A visão de Laci sobre a educação vai além da sala de aula, revelando um comprometimento em entender e valorizar as experiências das comunidades locais.

Mabel desencadeou uma ruptura estrutural significativa no sistema educacional mato-grossense. A abordagem inspirada em práticas europeias, reconfigurou o currículo e promoveu uma atenção mais individualizada aos alunos. Diante dessas mudanças, Freire (1996) destacou a importância de superar a visão bancária da educação, transformando-a em um processo dialógico e participativo. A contribuição de Mabel se alinha com essa perspectiva, marcando uma mudança de paradigma na educação em Mato Grosso, sendo esse feito, fundamental e abrangente, tanto a nível municipal quanto estadual.

Ela iniciou sua carreira lecionando na Escola Estadual Cesário Neto, a disciplina de Fundamentos da Educação para estudantes do curso de Magistério. Durante sua atuação, ela fundamentou-se nas teorias e metodologias de grandes pensadores da educação, como Piaget, Wallon, Libânio, Dermeval Saviani e Paulo Freire, que muito contribuíram para sua visão pedagógica.

Mabel atuou na prefeitura e no estado, sendo coordenadora de projetos e supervisora em diversas escolas, o que a colocou em uma posição estratégica para participar ativamente das discussões sobre currículo, metodologia e gestão escolar. O período das décadas de 80 e 90 trouxe discussões importantes sobre a democratização da educação, a gestão democrática escolar e a necessidade de as escolas participarem ativamente na definição de seus currículos, e trouxe a necessidade de reorientação curricular. Ela conta que participou do movimento chamado “Escola Toma Palavra”, no qual as escolas discutiram e elaboraram suas propostas curriculares. Outro ponto que Mabel aclara é a importância da discussão sobre metodologia, a necessidade de superar abordagens expositivas e adotar práticas mais participativas e interdisciplinares.

A década de 90 também foi marcada pela discussão sobre a necessidade de flexibilização do currículo, organizados em ciclos de formação humana de 3 em 3 anos. Na oportunidade, o Projeto Sarã foi implementado para discutir e reorganizar o sistema seriado, reduzindo reprovações e defasagens escolares, sendo a proposta atualizada, com a participação ativa de professores e gestores na elaboração da Escola Cuiabana.

Figura 12. Professora Mabel e a Escola Cuiabana



Fonte: Prefeitura de Cuiabá (2022).

Mabel aponta que, atualmente, a política educacional do estado de Mato Grosso é equivocada, descrita por uma duplicidade entre a Escola Ciclada e um Sistema Estruturado de Ensino. Ela afirma a importância da participação dos professores na definição de currículos, avaliação, e demais aspectos da educação. Sua narrativa mostra um engajamento consistente ao longo dos anos, reafirmando sua defesa pela participação, flexibilidade curricular e uma educação humanizada.

Vilma, por meio de sua atuação sindical e política, rompeu com as barreiras de gênero e raça, desafiando estereótipos na sociedade e na política educacional. Seu papel na política rondonopolitana e mato-grossense demonstram uma liderança proativa que vai além das expectativas tradicionais, principalmente, por ser uma mulher negra. Isso ressoa com a ideia de Butler (1990) – citada por Haddad & Haddad (2017), sobre a performatividade de gênero, destacando como as ações de Wilma desestabilizaram normas preestabelecidas.

Na análise das narrativas, é notória a resistência e a quebra de padrões nas histórias de Mabel e Vilma. Mabel expõe a inadequação da política educacional de

Mato Grosso, dizendo da importância do envolvimento dos professores na definição dos currículos e na flexibilidade educacional. Sua narrativa reflete um compromisso constante com uma educação mais participativa e humanizada ao longo do tempo. Por outro lado, a atuação sindical e política de Vilma, e sua liderança proativa transcendeu as expectativas tradicionais, especialmente por ser uma mulher negra. As ações de Vilma desestabilizaram normas sociais determinantes, demonstrando a capacidade de mudar paradigmas e influenciar a política educacional e social.

Eunice, ao focar em metodologias inovadoras para o ensino da Matemática, alinha-se com as ideias de Boaventura de Sousa Santos (2002) sobre a necessidade de valorizar diferentes saberes. Sua participação ativa no PIBID representa uma ruptura com métodos tradicionais de ensino, o que reflete o compromisso com uma educação de qualidade. Seu empenho para a implementação do PROFMAT em Rondonópolis/UFR (Programa de Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional) foi primordial.

Na oportunidade da entrevista com a professora Edina, verificamos a satisfação dos colegas em relação a ela, enquanto excelente profissional uma pessoa que se relaciona muito bem com os companheiros de trabalho, alunos e com toda comunidade escolar. Finalizada a entrevista, uma professora pediu para falar de Edina e deixar registrado a grande preocupação dela em ajudar o próximo, como faz nestes bazares que organiza na Escola Amélia.

Figura 13. Bazar solidário



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=500165815447736&set=pb.100063629641964.-2207520000>

Assim narra a Professora da Escola Amélia sobre a professora Edina.

Essa ação auxilia muitos alunos carentes da escola e também outras famílias em torno da escola e bairros adjacentes. Trabalhar com a professor Edina gera em mim uma reflexão de como cada um pode da sua maneira ajudar os que são mais vulneráveis no convívio social. É isto que vejo nela um engajamento em juntar estas roupas usadas, selecioná-las com a participação de seus alunos, depois vende-las com um preço simbólico. No montante desta venda, consegue organizar cestas básicas, que auxiliam nossos alunos mais carentes e às vezes outras famílias necessitadas. Então esta ação é digna de aplausos, porque ela poderia chegar, dar a aula dela e ir embora, porém não, além disto desprende de seu tempo, para pedir aos alunos, professores e nos grupos de orações que faz parte, roupas e calçados usados, para que estes bazares ocorram com êxito. Isto faz dela uma profissional e mulher muito especial. A professora Edina é uma pessoa muito humana, mora no bairro, conhece os alunos, os pais dos alunos que já foram seus alunos, a gente percebe que ela possui um grande respeito perante a escola Amélia e à comunidade. No trabalho está sempre pronta auxiliar no que for necessário. E a organização dos bazares, a aquisição de alimentos, a doação aos alunos que necessitam é um gesto muito belíssimo e exemplar, porque estamos vivendo num mundo tão individualista, que quando nos deparamos com uma pessoa como a Edina, podemos afirmar que ainda existem pessoas boas no mundo, porque está dedicação dela é de coração, não recebe nada por isto. É uma pessoa especial.... Diferenciada!!! (Professora da Escola Amélia, 2023).

Na análise desse relato sobre a professora Edina, destacamos o aspecto do cuidado com o próximo e a ação solidária. O discurso ressalta sua competência como educadora e seu engajamento social além do ambiente escolar. Ao organizar bazares e arrecadar doações para os alunos e famílias necessitadas, Edina demonstra um compromisso humano e um vínculo com a comunidade. Esse engajamento supera suas responsabilidades educacionais tradicionais, conjeturando um posicionamento ativo e comprometido em ajudar os mais vulneráveis na sociedade. A valorização desse gesto solidário ressalta suas habilidades profissionais, sua humanidade e a conexão com os outros.

Essas ações específicas de rupturas, realizadas por mulheres notáveis em Mato Grosso desafiaram as normas condicionais, mas também moldaram de maneira fundamental a história educacional do estado. A participação ativa dessas mulheres em diversas esferas, desde a sala de aula até a política e o sindicato, destaca a importância da presença feminina na construção de uma educação mais inclusiva, equitativa e transformadora.

3.4 Vivências e contribuições: mulheres na educação de Cuiabá e Rondonópolis

A contribuição das mulheres para a educação em Mato Grosso é indiscutivelmente notável, ampliando as fronteiras do saber e promovendo uma educação mais libertadora. Como afirmou Freire (2005, p. 79), “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Essas trajetórias pessoais e profissionais expressas nas narrativas e feitos das professoras referenciadas em nossa pesquisa empírica, permeadas pela visão e prática educacional, enriqueceram o panorama histórico-educacional do estado, demonstrando a riqueza e diversidade de experiências que moldaram o cenário educacional do Mato Grosso.

Antônia Marília, Edina, Eunice, Laci, Mabel, Marli e Vilma são mulheres que têm como principal ponto comum, o papel significativo nas transformações da educação, tanto no âmbito do ensino formal como em iniciativas de caráter social e comunitário, tendo dedicado suas vidas ao desenvolvimento da educação e da sociedade mato-grossense. No desenvolvimento dessa subseção apresentamos narrativas e contextos que corroboram essa percepção.

A mudança de Antônia Marília para Mato Grosso em outubro de 1983 evidencia um comprometimento em enfrentar desafios educacionais específicos da região, como a falta de mestres e doutores. Ela lutou e participou ativamente pela fundação da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). Inicialmente, começou um trabalho como professora visitante (substituta) na UFMT, por meio de um teste seletivo, tendo trabalhado por um ano nessa posição antes de prestar concurso e ser aprovada. Durante seu tempo nesta universidade, trabalhou no curso de Pedagogia, ministrando aulas de Metodologia, Estrutura de Funcionamento e outras disciplinas.

A trajetória de Antônia Marília na UFMT/UFR foi marcada pela dedicação e méritos, por sua atuação efetiva. Poderia ter sido reitora da instituição, mas optou por indicar uma pessoa mais jovem para o cargo, atitude que reflete uma abordagem de partilha, amor, afeto e comprometimento com a educação. Ela expressa seu amor pelo Mato Grosso, argumentando que o estado contribuiu para uma vida melhor e proporcionou oportunidades que ela talvez não teria em outros lugares. E admite que seu acesso a eventos, políticos e personalidades, devem-se à sua vivência no centro-oeste e sua atuação na universidade.

Antônia Marília vê os desafios como incentivos. Sua postura é de superar obstáculos com determinação, resiliência e empreendedorismo. Sua inspiração vem do amor pelo que faz e de sua conexão com Deus, e que a ciência não a afasta, mas

a aproxima de sua fé. Seu compromisso religioso se reflete em valores como amor, justiça, perdão, os quais ela procura demonstrar na prática. A professora explica que sua jornada de quase 40 anos no ensino superior tem sido de sucessos em virtude de seu compromisso com o ensino, a dedicação aos alunos e a capacidade de superar desafios sempre com um comportamento proativo.

Quanto às perspectivas de Antônia Marília, ela pontuou que a educação mato-grossense está trilhando caminhos positivos, e anseia por um maior reconhecimento e estímulo aos professores, desafiando a ideia da aposentadoria precoce. Destaca a necessidade de valorizar ainda mais esses profissionais da educação, oferecendo incentivos que os encorajem a permanecer atuantes na sala de aula. Revela o desejo de envolver-se na política, devido ao potencial que as pessoas veem nela. Esta professora expressa a vontade de fazer propostas, escrever leis e discutir temas como planejamento urbano, demonstrando interesse em contribuir para o desenvolvimento local. E caso alguma porta se feche por ser mulher, ela abre, pois, demonstra ter coragem para enfrentar quaisquer que sejam os desafios.

Figura 14. Membro da elaboração do Estatuto da UFR (2020)



Fonte: <https://ufr.edu.br/noticia/comissao-da-inicio-a-elaboracao-do-estatuto-da-ufr/>

Antônia Marília expressou em diversos eventos junto às autoridades, prefeitos e vereadores sobre a valorização de profissionais técnicos e capacitados para o exercício em determinadas funções públicas. Ao produzir seu memorial descritivo, a professora narrou sua história de vida pessoal e profissional, com proposição de torná-lo um livro. Neste documento o qual tivemos acesso a alguns extratos, deparamo-nos

com depoimentos de diversas pessoas, incluindo colegas de trabalho e ex-alunos, sobre sua trajetória.

Nesse contexto, o Prof. Dr. Aires José Pereira, colega de profissão (Geografia/UFR), registrou as virtudes de Antônia Marília enquanto educadora:

A EDUCADORA, Antônia Marília Medeiros Nardes, sempre se pautou pela ética, honestidade, sinceridade, pontualidade, responsabilidade, compromisso, determinação, ponderação, seriedade, entre outros milhares de adjetivos que podem qualificar um trabalho educacional e humano sempre dedicado com amor e carinho aos seus educandos. A professora Antônia Marília sempre foi e é um exemplo a ser seguido pelos seus alunos.

O Prof. Dr. Júlio César Suzuki, que exerce a Livre-Docência pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP, relembra a presença de Antônia Marília enquanto sua supervisora:

Foi no ano de 1991 que iniciei a atividade de monitoria até o final do curso de graduação. Passei a monitor de Introdução à Geografia e/ou Didática IV (específica em Geografia), sob a supervisão da Professora Antônia Marília Medeiros Nardes. Essa, a de monitor, foi uma das experiências mais importantes do meu processo de formação como professor do ensino fundamental e médio, mas, também, do universitário.

A Profa. Ma. Ednéia Avelar Ogawa, Servidora na Escola Estadual Ramiro Bernardo da Silva, deixa claro que a Professora Antônia Marília foi sua fonte de inspiração para crescer enquanto aluna e profissional da Educação:

Com uma determinação exemplar, um vasto campo de conhecimento e críticas construtivas e didáticas, sua postura de respeito ao pensamento do orientando e agregação de conhecimentos, me fizeram crescer como pesquisadora, estudante, profissional e pessoa.

Atuou em diversos cargos na universidade (UFMT/UFR), incluindo diretora de Instituto, chefe de departamento, e, atualmente, como vice-reitora. Sua gestão abrange diversos cursos e programas, o que deixa claro a sua experiência diversificada na área acadêmica. Mesmo ocupando cargos administrativos, ela se considera, antes de tudo, uma professora. Seu compromisso com a educação é evidente, destacando de forma muito especial, o papel importante que desempenhou na implantação da UFR, mostrando otimismo em relação ao futuro da instituição. Antônia Marília expressa uma postura ativa, crítica e propositiva em relação à educação em Mato Grosso.

A análise da narrativa sobre a professora Antônia Marília revela sua trajetória marcada por comprometimento, liderança e engajamento com a educação em Mato Grosso. Sua atuação na UFMT/UFR torna evidente uma postura ética e dedicada, como confirmam os testemunhos de colegas e ex-alunos quanto à sua integridade, compromisso e qualidade no trabalho educacional. Sua decisão de indicar uma pessoa mais jovem para reitoria demonstra uma visão compartilhada e um compromisso com a sucessão, refletindo valores de partilha e dedicação à causa educacional.

A dedicação de Antônia Marília transcende a sala de aula, ocupando cargos administrativos sem perder a identidade como professora. Sua influência se estende por diversas áreas da universidade, refletindo sua experiência diversificada na instituição; a visão crítica e propositiva para a educação, aliada à sua atitude ativa na promoção de mudanças e valorização dos profissionais da educação, ressalta seu compromisso em tornar a educação mato-grossense mais valorizada e reconhecida. A reflexão sobre desafios como estímulos para o crescimento, aliada aos valores religiosos e ao amor pelo que faz, transparece sua abordagem resiliente e empreendedora na superação de obstáculos, enquanto a disposição para enfrentar barreiras, inclusive na esfera política, revela uma postura calorosa e determinada. Ao evidenciar a importância de propostas, leis e contribuições para o desenvolvimento local, ela mostra um desejo de influência positiva na educação, em questões sociais e políticas em sua comunidade.

Em relação à professora Marli, ela se destaca pela diversidade de suas experiências educacionais, até se tornar membro da Academia Mato Grossense de Letras, com uma trajetória que inclui sua atuação na floresta amazônica, no ensino de língua portuguesa para estrangeiros e papel no Instituto Federal de Mato Grosso. Esta professora narra um pouco de sua busca pela formação e participação nas universidades, e experiência diversas na educação.

Eu tentei o mestrado aqui em Cuiabá, no primeiro ano não consegui, por conta da proficiência em língua inglesa. No ano seguinte deu certo. E depois de um tempo, o doutoramento na UnB. Logo no início, terminando as disciplinas, veio o concurso aqui pra IFMT. Nesse meio tempo atuei na UNEMAT, em Sinop, como professora do curso de Letras, e numa escola particular, no ensino médio. Nessa trajetória, uma segunda experiência: alfabetização dos estudantes lá no meio da Floresta Amazônica, um curso de língua portuguesa para estrangeiros, pelo IFMT, onde eu ensinei a língua para haitianos, venezuelanos e senegaleses. (...) Porque alfabetizar é algo muito sério, e eu senti isso lá na gleba. Fui cursar letras, até porque eu gostava muito da literatura e queria melhorar o inglês. Essas foram as

escolhas que me trouxeram pra onde eu estou hoje, e que eu desenvolvo de uma outra forma. Essa minha relação com a docência é colocada noutra patamar. Essa possibilidade com os jovens, de conseguir jovens leitores, é meu *status* dentro da educação. Em 1996 ingressei numa especialização e terminei em 2000 eu terminei. O Mestrado foi em 2006. Parei um tempo para atuar e depois fio para o Doutorado. Atuei no Ensino Médio no estado, na época do estágio. Essa facilidade com o social e com as pessoas deve-se a um detalhe da minha infância e adolescência. Meu pai sempre teve comércio, então, a gente lidava com pessoas diariamente, desde o mais novo até o mais velho. Os fregueses falavam em alemão, em português e italiano. Meu pai falava alguma coisa em italiano. (Marli, 2023).

A trajetória da professora Marli é marcada por uma busca incessante por conhecimento, desde sua incursão na especialização até o mestrado e, posteriormente, doutorado, destacando-se por uma atuação abrangente em diversas instituições de ensino e contextos diferenciados, consolidando uma relação profunda e apaixonada pela docência, impulsionada pela diversidade cultural e pela valorização da educação como um instrumento transformador.

Figura 15. Marli em viagem cultural com estudantes em São Paulo



Fonte: Arquivo pessoal da professora Marli (2023).

A narrativa da professora Marli ilustra uma jornada educacional multifacetada, mostrando seu percurso desde a busca pelo aprimoramento acadêmico em mestrado e doutorado até sua atuação direcionada em diversas instituições de ensino e contextos diferentes. Sua trajetória reflete uma busca constante por conhecimento e experiência, destacando sua relação apaixonada com a docência. Ao descrever sua experiência na floresta amazônica, a professora transparece a seriedade e importância da alfabetização, bem como a responsabilidade envolvida nesse processo educacional. Sua incursão em diferentes cursos e ambientes acadêmicos demonstra

a busca por crescimento pessoal e um compromisso com o ensino como instrumento de transformação.

A relação de Marli com diferentes culturas, refletida em sua habilidade em lidar com diversas pessoas desde sua infância, contribui para sua desenvoltura social e para uma abordagem mais ampla no ensino. Seu percurso revela uma identidade moldada pela diversidade cultural e pela valorização do aprendizado contínuo, confirmando a importância da educação como ferramenta de conexão e transformação em ambientes diversos.

Quanto à professora Eunice relata que sua paixão pela Matemática começou na adolescência, impulsionando-a a superar desafios e dedicar-se ao ensino, demonstrando um compromisso firme em transformar a visão dos alunos em relação a essa disciplina. Esta professora explicou a importância de sua posição no Departamento de Matemática, que proporcionou uma vinculação mais estreita com as escolas públicas de Rondonópolis, uma proximidade categórica para assumir o projeto (PIBID) como coordenadora cooperativa.

Sua luta e conquista foi a oportunidade dela em contribuir com os alunos do ensino público, conduzindo atividades e jogos que enriquecem o ensino de matemática básica e promove mais interação com os alunos. Embora não forneça detalhes específicos, Eunice menciona a necessidade de investir mais na educação e acredita que o salário dos professores deve ser melhorado.

Figura 16. Professora Eunice na Moção de Aplausos pelo PROFMAT



Fonte: PROFMAT/SBM (2022)

Na data de 01 de julho de 2022, o corpo docente da primeira turma (2019) recebeu a moção de aplausos pelo sucesso dos professores e alunos do PROFMAT/UFR, na câmara municipal de Rondonópolis, estando a professora Eunice na composição da mesa para as honrarias. Sobre o PIBID, a professora apresentou seguinte narrativa.

A minha interação ocorreu via PIBID e também via projeto particular. Comecei a dar uma palestra para jovens das escolas públicas. O título da palestra é “Poder de Decisão”. Eu narro um pouco da minha história de uma maneira bem simples, mais ou menos 30-40 minutos de duração. Eu conto a minha história acadêmica, mas friso, realmente, a nota “dois” que eu tirei na escola Luther King. Para estimular, porque tem muitos alunos que acham que a matemática é um bicho de sete cabeças. Eles não vão conseguir fazer o curso que tem matemática... Tem uma leva de alunos que procuram fazer um curso que não tem matemática. Exatamente por achar que não vão conseguir. O que eu faço? Eu conto a história sobre a forma de projeto. Visito algumas escolas. (Eunice, 2023).

A história da professora Eunice evidencia um percurso marcado pela entrega ao ensino, seu comprometimento em iniciativas educativas e suas reflexões acerca da necessidade de explorar constantemente abordagens distintas no processo de ensino, para que os alunos absorvam as fórmulas e teorias, e entendam a aplicabilidade dos conceitos matemáticos em problemas reais, incentivando o raciocínio lógico, a criatividade e a resolução de problemas de forma mais ativa.

Figura 17. PIBID na UFMT



Fonte: PIBID Matemática Rondonópolis / UFMT

A perspectiva atual da professora Eunice é equilibrar o compromisso profissional com o cuidado pessoal e familiar, pois, reconhece a necessidade de atenção à saúde e à família, de tirar momentos para descanso e convívio familiar.

A narrativa da professora Eunice confirma o seu compromisso com o ensino da Matemática e seu esforço em transformar a percepção dos alunos em relação a essa disciplina. Seu envolvimento com o PIBID revela a proximidade com as escolas públicas e o desejo de enriquecer o ensino por meio de atividades interativas e jogos que tornam a matemática mais acessível e envolvente para os estudantes. Ao compartilhar sua história acadêmica, expondo um momento de dificuldade na escola, a professora busca inspirar os alunos a superar desafios, desmistificando a ideia de que a matemática é inacessível ou intimidante. Sua abordagem encoraja os estudantes a abraçarem a disciplina, ressaltando que é possível dominar e se desenvolver na área.

A preocupação de Eunice com a valorização dos professores, expressa na necessidade de melhorar os avanços, reflete uma percepção da importância do reconhecimento profissional na área da educação. E sua visão sobre equilibrar a vida profissional com o cuidado pessoal e familiar também é um aspecto muito importante, pois, ao considerar a importância da saúde e do convívio familiar, ela evidencia a necessidade de um equilíbrio entre o compromisso com o ensino e a atenção às necessidades pessoais e familiares, um reflexo do entendimento da importância do cuidado consigo mesma e com os entes queridos para a efetividade do trabalho docente.

Quanto à Professora Vilma, ela enfrentou adversidades e tornou-se um exemplo de dedicação à comunidade. A ética e a postura diante das dificuldades são destacadas como características essenciais em suas contribuições para a história de Mato Grosso, como pudemos constatar na narrativa de uma de suas amigas.

A casa que Vilma saiu, ela alugou, para colocar mini cursos, para as pessoas terem condições de um trabalho melhor. Ela nunca foi assim de dar o peixe. Mas, de ajudar a crescer. (...) Ela fez parceria com a UNIC. Lá alugava ônibus pra levar as pessoas e a casa para as pessoas ficarem a semana inteira, em Cuiabá, quando era a semana presencial. Para atender uma determinação na nossa Lei de Diretrizes e Base da Educação - LDB, a Vilma como presidente do SIPROS, providenciou condições para que todos os profissionais da educação, até para quem não era efetivo, para adquirir a graduação, Sendo assim, firmou parcerias com a Universidade de Cuiabá - UNIC e Universidade de Várzea Grande - UNIVAG, para efetuar cursos na área de licenciatura plena, mais barato e semipresencial. Então o SIPROS alugou casa próximo à instituição de ensino, mobiliou com condições básicas para abrigar os profissionais durante uma semana inteira, para a realização

das aulas. Locava ônibus para transportá-los de Rondonópolis/Cuiabá e vice versa. A única despesa que o profissional tinha, eram as mensalidades do curso, e as despesas pessoais / alimentação. Tempos depois, levou a UNIVAG para Rondonópolis, para atender quem não pode ir à Cuiabá. Foram grandes investimentos na formação acadêmica do profissional da educação de Mato Grosso. Esse atendimento era em Rondonópolis e região sul do estado. (Sílvia, 2023).

Conforme a narrativa de Sílvia, a atuação de Vilma resultou em parcerias estratégicas com universidades, proporcionando acesso facilitado a cursos de graduação para profissionais da educação, estabelecendo condições favoráveis para aulas presenciais e semipresenciais, inclusive provendo hospedagem e transporte, resultando em significativos investimentos na formação acadêmica dos educadores em Mato Grosso.

E, em se tratando de enfermidade, trazemos além da importante contribuição da professora Vilma com a educação e a política mato-grossense, o que narram aqueles que convieram com ela, a respeito de como ela se encontrava até o falecimento.

Uma grande conquista que ela contou para mim foi a casa dela, porque ela separou do marido, mas ele ficou com a casa, e ela estava morando de aluguel. (...) tinha o salário de professora e ela ganhava da Assembleia Legislativa, (...) e conseguiu comprar a casa dela. (...), mas, a felicidade dela dependia de poder estar no meio das pessoas, pois, pretendia levar sorriso para as pessoas e quando a gente resolvia uma coisa ou atendia alguém era isso que acontecia. Enquanto estava doente, não tenho conhecimento que pediu ajuda pra alguém. (...) dificilmente tinha alguém para ela desabafar, tinha que lidar com problemas da família dela, da família dos assessores e de outras famílias. (Adenilso, 2023).

Vilma morreu daquele jeito também, magra, magra, do mesmo jeito que a irmã morreu. Antes de ela adoecer, ela alugava uma casa próxima dela. Eu não sei do que que ela morreu, mas eu escutei comentário que parece que é o mesmo que a irmã dela morreu. (...) problema espiritual. (Ilda, 2023).

Final de novembro de 2019 ela adoeceu. Começou a ficar fraca e depressiva. Como sua irmã Luiza é enfermeira, tratava ela em casa, até que foi necessário interná-la no Hospital Regional pra tratar de infecção e pneumonia. Ficou janeiro até final de fevereiro/2020 em tratamento médico. Ela alugava uma casa próximo à Santa Casa. No final de fevereiro ela recebeu alta e saiu da casa. Ela não gostava de lá. A mãe morreu lá. A irmã dela morreu nessa casa. Então quando voltou pra essa casa e teve uma infecção respiratória. Ela cedeu o quarto dela pra eu ficar, por que eu estava em tratamento de câncer de mama. (...) houve muito gasto financeiro durante o tratamento dela também. Foi preciso sair do aluguel e voltar pra casa que a mãe dela deixou para as filhas. Após a mudança, meados de setembro, ela voltou a internar e não retornou com vida mais, nos deixando na madrugada do dia 31 de outubro de 2020. E ela tinha um sonho de comprar aquela casa. Morreu muito deprimida e a causa morte foi insuficiência renal. (Sílvia, 2023).

Vilma faleceu sem conseguir realizar seu sonho de ter a casa própria. Teve uma vida repleta de realizações, apesar dos desafios. Ajudou muita gente, e a cada um que ajudava, era um sonho realizado. Sua morte é permeada de tristeza e depressão. Ela deixa um legado de lutas, de desafios e conquistas, um exemplo de mulher que soube, como poucas, “vestir uma roupa de seda” e seguir em frente.

A análise focaliza a professora Vilma por meio das narrativas de três diferentes pessoas que eram próximas à ela, revelando a complexidade de sua existência e atuação. Sua história é descrita sob duas perspectivas principais: suas realizações notáveis no campo educacional e suas batalhas pessoais, incluindo dificuldades financeiras e problemas de saúde.

Na dimensão educacional, Vilma é apresentada como uma figura central na promoção do acesso à educação superior para profissionais da área. Sua atuação estratégica focada em parcerias com universidades oferece oportunidades de graduação por meio de cursos presenciais e semipresenciais, incluindo suporte logístico como transporte e alojamento. Isso representa um esforço significativo para ampliar a formação acadêmica de educadores em Mato Grosso, contribuindo para a valorização da educação e o avanço profissional.

No entanto, as narrativas também revelam o outro lado da vida de Vilma, marcado por desafios pessoais e problemas de saúde. A sua luta para adquirir uma casa própria é um reflexo das dificuldades financeiras enfrentadas, apesar de suas contribuições e conquistas no campo educacional. Sua saúde parece ter sido afetada por esses desafios, com relatos sobre sua depressão e a relação de sua casa com a morte de familiares, o que possivelmente influenciou seu estado emocional.

A trajetória final de Vilma é caracterizada por um quadro complexo de problemas de saúde, incluindo uma batalha contra a depressão e questões renais, o que levou a não concretizar seu desejo de ter uma casa própria. Seu falecimento é descrito como um estágio triste, permeado por uma aura de depressão e melancolia. A análise, nesse sentido, destaca as conquistas públicas e sociais de Vilma, mas, mostra a interseção entre sua vida pessoal, dificuldades financeiras e questões de saúde, evidenciando a complexidade das vidas individuais e as múltiplas camadas que compõem a existência de uma pessoa.

Sobre a participação ativa de Laci na catequese desde 1992 e o compromisso além do papel tradicional de professora revelam uma abordagem comprometida e humanizada em relação à educação. A atuação de Mabel na Educação mostra uma

dedicação à inovação na prática educacional, e seu papel ativo na redemocratização em 1989, evento que destacou a importância de liderança na construção da história educacional. E, em relação às perspectivas de futuro da professora Edina para Educação Mato Grossense, a professora faz a seguinte narrativa:

Nós estamos melhorando. Antigamente deixava a desejar. Agora o governo está investindo, com mais cursos. Mas ainda precisa ver a valorização salarial, pois, neste quesito precisamos ser mais valorizados, estamos com muita coisa pra fazer, muita burocracia. São muitos cursos. Pedem muita coisa pra fazer em cima da hora. Precisamos nos atualizar, nos reciclar. Não sou contra, mas tem muita cobrança em cima da gente, e temos que dar conta, por isto temos que estar com o psicológico bem estruturado, se não, a gente não aguenta, muitos acontecem de ficar até doente. (Edina, 2023).

As narrativas sobre Laci e Edina revelam a intersecção entre o compromisso pessoal e a experiência profissional de ambas na educação, bem como as pressões e desafios inerentes ao sistema educacional. Laci é descrita como alguém que ultrapassa as fronteiras convencionalmente do papel de professor, engajando-se na catequese desde 1992. Sua atuação afirma um comprometimento além do tradicional, evidenciando uma abordagem humanizada na educação. Esse engajamento vai ao encontro da ideia de Foucault sobre como as pessoas extrapolam as normas sociais esperadas, demonstrando que o compromisso de Laci com a educação estende-se à formação moral e espiritual dos alunos.

No caso de Edina, a narrativa aponta para uma visão crítica sobre o atual cenário educacional em Mato Grosso. Ela destaca melhorias recentes no investimento governamental em mais cursos, mas destaca questões cruciais como a valorização salarial dos professores e a intensa carga burocrática. A análise de Foucault pode abordar essa situação como um reflexo das estruturas de poder que regem o sistema educacional, impondo exigências excessivas aos profissionais, afetando o trabalho e o bem-estar psicológico e físico dos professores. A tensão entre a demanda por atualização e a sobrecarga de responsabilidades ilustra a pressão exercida pelas instituições educacionais sobre os professores, algo que Foucault explorou em suas análises sobre o poder disciplinar nas instituições.

Ambas as narrativas refletem o dinamismo complexo do ambiente educacional, demonstrando o compromisso de ambas as professoras bem como os desafios sistêmicos e estruturais enfrentados por elas, dentro de um contexto marcado por expectativas crescentes, demandas burocráticas e a necessidade de constante adaptação e atualização. Em análise conjunta, essas mulheres enriqueceram a

educação em Mato Grosso ao enfrentar desafios, inovar nas práticas educacionais, liderar mudanças estruturais significativas, com suas histórias que convergem para a construção de um cenário educacional mais diversificado, inclusivo e comprometido com o desenvolvimento consciente da sociedade. Ao considerar e valorizar essas contribuições, Mato Grosso evidencia a importância das mulheres na construção da história educacional do estado.

A contribuição das mulheres para a educação conjectura a transformação do ambiente educacional, e o papel importante que elas desempenham na formação de sociedades. Simone de Beauvoir (1970) e Paulo Freire (2005) oferecem perspectivas distintas, mas complementares, sobre como as mulheres enriquecem e são fundamentais para o campo educacional.

Beauvoir (1970) oferece uma visão crítica da condição feminina e da educação em suas obras, especialmente em “O Segundo Sexo”. De acordo com esta autora, como as mulheres historicamente foram relegadas a papéis secundários na sociedade, a educação foi um instrumento fundamental para perpetuar essas desigualdades. Ela argumenta que as mulheres foram socializadas para aceitar sua submissão, e a educação desempenha um papel crucial nesse processo. Importante salientar que ainda hoje,

A história da mulher deve ser desvendada. Durante muito séculos houve poucos registros oficiais sobre a vida e o papel da mulher. E ainda assim, os registros existentes, mormente aqueles de épocas remotas, foram realizados por homens e, sob o seu ponto de vista, muitas vezes distorcido e equivocado, de influência machista, característica de tempos vividos no ápice patriarcal, fato que macula a própria história da humanidade. (Araújo, 2018, p. 27).

Para Beauvoir (1970), a educação das mulheres deve ser revolucionária, rompendo com estereótipos de gênero e permitindo que as mulheres alcancem sua autonomia plena. Sua contribuição para a educação está profundamente ligada à ideia de empoderamento feminino por meio da instrução e da conscientização. A autora destaca a importância de proporcionar às mulheres ferramentas cognitivas e emocionais para questionar e desafiar as estruturas patriarcais, transformando não apenas a condição das mulheres, mas a sociedade como um todo.

Paulo Freire (2005), conhecido por sua pedagogia crítica, especialmente apresentada em “Pedagogia do Oprimido”, afirma o papel fundamental das mulheres na sociedade e destaca a importância de uma educação libertadora para todos. Sua

abordagem pedagógica enfatiza a transformação social por meio da conscientização e da ação. O protagonismo educacional das mulheres as capacita a assumirem papéis cada vez mais ativos na sociedade, impulsionando sua própria autonomia, e evidencia que, as mulheres 'educadas' têm mais oportunidades de trabalho e são agentes-chave na transmissão de conhecimento e valores às futuras gerações.

Vimos no decorrer da pesquisa teórica e empírica, o quanto o avanço da educação tem sido profundamente influenciado pelo trabalho docente das mulheres ao longo da história. A presença feminina como educadoras tem ampliado e enriquecido os métodos de ensino, com perspectivas diversificadas e sensíveis às necessidades da sociedade, das instituições e dos alunos. Seu comprometimento e a dedicação no campo educacional têm sido pilares na formação de cidadãos críticos e na construção de uma sociedade melhor.

Nesse sentido, Freire (2005) destaca que as mulheres, muitas vezes oprimidas e marginalizadas, são agentes ativos na construção de conhecimento e na transformação de suas realidades. Ele propõe uma educação que promova a conscientização crítica, capacitando as mulheres a entender e desafiar as estruturas de opressão. A contribuição de Freire para a educação está vinculada à ideia de libertação, permitindo que mulheres se tornem sujeitos ativos em seu próprio processo educacional e na sociedade em geral.

Em conjunto, as perspectivas de Simone de Beauvoir e Paulo Freire destacam a necessidade de uma educação que vá além da transmissão de conhecimento, buscando a transformação social e o dar voz, poder, fortalecimento e autonomia das mulheres. Suas obras ressaltam que a educação é um instrumento fundamental para romper com as desigualdades de gênero e construir sociedades que valorizem a participação das mulheres nos mais diferentes campos de trabalho, de modo especial, na educação, o que implica reconhecer sua contribuição histórica, seu papel fundamental na transmissão de conhecimento, muitas vezes de forma invisível ou subestimada.

4. CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa vimos histórias das mulheres de várias partes do País, tendo como foco primordial as do estado de Mato Grosso, no seu protagonismo no campo educacional. Este percurso nos levou a explorar diversas dimensões, desde as estruturas patriarcais até as diferentes fases históricas, moldando e sendo moldadas pela trajetória dessas mulheres no estado.

Iniciamos nosso percurso revisitando as raízes do patriarcado e suas implicações na educação, analisando as dinâmicas de poder, os movimentos feministas e as relações entre público e privado. Essa contextualização se revelou crucial para compreender a complexidade da participação feminina no cenário educacional de Mato Grosso.

Ao desbravar as páginas da história Colonial, Imperial e Republicana de Mato Grosso, observamos as transformações nas vidas das mulheres, delineando seus papéis na sociedade e, mais especificamente, na educação. Através de suas lutas, conquistas e desafios, essas mulheres forjaram um legado que ecoa nos dias atuais.

No capítulo dedicado às concepções e caminhos metodológicos, delineamos o tipo e método de pesquisa adotados, destacando a abordagem qualitativa e o método da História Oral e Memória como instrumentos essenciais para a compreensão da participação da mulher na educação de Mato Grosso. Os sujeitos da pesquisa, mulheres que evoluíram significativamente para o campo educacional, foram cuidadosamente selecionadas, proporcionando uma perspectiva autêntica e rica de suas experiências.

Aprofundando-nos na seção “Mulheres e Educação em Mato Grosso: Uma Perspectiva Histórica”, delineamos a evolução do papel feminino na educação, apresentando momentos importantes e personalidades marcantes. A análise crítica desses eventos e biografias revelou os desafios enfrentados por essas mulheres, mas também suas conquistas extraordinárias.

O entrelaçamento desses elementos nos aprofunda uma compreensão mais profunda do legado feminino na educação de Mato Grosso. Buscamos sintetizar esta jornada a partir dos principais resultados e contribuições fornecidas por esta pesquisa. Ao fazê-lo, enriquecemos a academia e fortalecemos o reconhecimento do papel fundamental das mulheres na construção da história educacional do estado.

Em resposta à pergunta de pesquisa, deixamos o histórico da contribuição da mulher na educação mato-grossense nos últimos trinta anos, personificado em sete mulheres, as quais apresentamos as especificações que mais marcaram na profissão de Eunice, Mabel, Antônia, Marli, Edina, Vilma e Laci.

Essas mulheres buscaram trazer para a sala de aula uma abordagem mais prática e envolvente, por acreditarem que a educação vai além dos livros e que o diálogo é fundamental para o aprendizado. Participa(ram) ativamente das mudanças curriculares, buscando sempre a inovação e a adequação do ensino à realidade dos estudantes. Uma tem sua trajetória marcada pela defesa da Escola e acredita na flexibilidade curricular, na participação dos professores na construção dos currículos. Tem como elementos-chave em sua atuação, a metodologia integrada, as discussões sobre interdisciplinaridade e a democratização da educação.

São mulheres que se envolveram profundamente na discussão sobre inclusão e diversidade na educação, buscando estratégias para tornar as salas de aula mais acessíveis e acolhedoras para todos os alunos. Algumas tiveram participação ativa na elaboração de políticas educacionais inclusivas que foi um marco em sua carreira.

Mulheres que contribuíram na gestão escolar, buscando sempre a proximidade entre escola, família e comunidade, que acreditam na importância do trabalho coletivo para o sucesso educacional. Mulher que atuou como supervisora, acompanhando de perto as práticas nas escolas e participando ativamente das discussões sobre currículo e metodologia.

Mulheres que focaram na própria formação, na formação de professores e de seus alunos. Um, enquanto coordenadoras de projetos de pesquisa ou de capacitação ou de projetos escolares, que buscaram proporcionar aos educadores e aos alunos as ferramentas e saberes necessários para enfrentar os desafios contemporâneos da educação.

Mulheres que atuaram na política, ou ativamente em discussão sobre a reorientação curricular, estimulando a autonomia das escolas na definição de seus currículos. Atuaram como mediadora de conflitos na escola, buscando criar um ambiente propício para o aprendizado, por acreditar na importância do diálogo, na promoção de um ambiente escolar mais harmônico e propício à construção do conhecimento. Mulheres que contribuíram na área de educação infantil, trabalhando para criar um ambiente estimulante e acolhedor para as crianças. Enquanto outras buscaram métodos inovadores e interessantes para o ensino.

Filhas que se tornaram mães, que a exemplo dos pais e motivadas pelas mais diversas circunstâncias, abriram-se ao mundo da educação, e, aprofundando nas especializações, mestrados, doutorados, cursos e concursos, na política e nos mais variados eventos, voltaram o olhar para o próximo, oferecendo de si, as letras, o conhecimento, a disposição em ensinar e servir.

A trajetória educacional dessas mulheres, da sua infância até sua carreira atual, deixa a marca da paixão pelo ensino e reforça a importância da mulher na Educação do estado. Ao explorar as experiências educacionais, a relação com a educação, a visão de contribuição para a história da educação no estado, o papel como mulher na educação mato-grossense e as realizações ao longo do tempo, é possível identificar padrões, desafios e conquistas específicos, mas que em momento algum foram motivos de abandono à educação.

Elas souberam e sabem como liderar, valorizaram os momentos de resiliência e permaneceram em busca do desenvolvimento e da melhoria contínua do sistema educacional mato-grossense, sempre com uma perspectiva positiva diante de cada desafio.

Concluimos a pesquisa afirmando que essas mulheres desafiaram padrões, inovaram em práticas educacionais e se desenvolveram significativamente para a construção de um cenário educacional mais inclusivo, participativo e adaptável às necessidades da sociedade mato-grossense. Seu legado é um testemunho do protagonismo feminino na construção da história educacional do estado.

Considerando o escopo da pesquisa realizada sobre a história das mulheres e seu protagonismo na educação em Mato Grosso, estabelecemos uma possível ligação com o tema da Redação do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio 2023: “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil¹⁶”. E também com o tema de Redação do Vestibular da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: “Apagamento das mulheres na história é tema da prova de Redação¹⁷”.

Nossa pesquisa oferece um olhar profundo sobre a atuação das mulheres na esfera educacional, expondo suas contribuições muitas vezes invisíveis. Ao abordar

¹⁶ Visto em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/enem/tema-da-redacao-desafios-para-o-enfrentamento-da-invisibilidade-do-trabalho-de-cuidado-realizado-pela-mulher-no-brasil>.

¹⁷ Visto em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/apagamento-das-mulheres-na-historia-e-tema-da-prova-de-redacao-do-vestibular-da-ufrgs>.

a história da educação em Mato Grosso, a pesquisa revela os desafios enfrentados pelas mulheres na construção desse legado, ao mesmo tempo em que destaca o papel importante que desempenharam na formação da sociedade.

A ligação entre os temas está na compreensão de que o trabalho da mulher, especialmente no contexto educacional, muitas vezes não recebe o devido reconhecimento. Tanto a dissertação quanto o título da redação do ENEM e do vestibular da UFRG abordam a invisibilidade de exercícios femininos em esferas importantes da sociedade. Enquanto a dissertação se concentra na educação, a redação do ENEM amplia a discussão para o trabalho de cuidado em geral, destacando os desafios que as mulheres enfrentam para desempenhar papéis essenciais, muitas vezes invisíveis, na sociedade brasileira. Ambos os contextos convergem para a importância de consideração e enfrentar as barreiras que limitam o reconhecimento do trabalho feminino e a valorização de suas contribuições.

A partir dessa reflexão, sugerimos explorar uma temática que amplia ainda mais o entendimento do papel das mulheres na construção social e cultural do estado. Uma linha possível de pesquisa para o futuro poderia ser: “Mulheres de Mato Grosso: Sua representatividade nos livros didáticos”.

Enquanto pesquisadora, dissertar sobre a contribuição das mulheres na educação mato-grossense apresentou um impacto enriquecedor em minha vida pessoal e profissional. A imersão nesse estudo histórico revelou a beleza do legado feminino na construção educacional do estado e me proporcionou uma compreensão mais ampla das lutas enfrentadas e das conquistas alcançadas por mulheres pioneiras. Ao construir conhecimento, desenvolvi uma profunda admiração pelas mulheres que desafiaram normas, inovaram métodos de ensino e se destacaram como agentes fundamentais na transformação do cenário educacional local. Essa pesquisa moldou minha percepção sobre o papel das mulheres na sociedade, inspirando-me a valorizar mais suas contribuições muitas vezes invisíveis, além de fortalecer meu compromisso em promover e reconhecer o protagonismo feminino em todas as esferas da vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: paixão pelo possível**. Editora Unesp, 2022. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Mulher_e_educa%C3%A7%C3%A3o/8iOJEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1.
- ALVES, Laci Maria Araújo. Breve ensaio sobre o processo de expansão escolar em Mato Grosso (1719-1946). **Coletâneas do nosso tempo**, v. 1, n. 1, 2011. p. 7-25.
- AMARAL, Isabela Guimarães Rabelo do. Inferiorizando mulheres no período imperial brasileiro: A influência do Direito. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, jul. 2011.
- ANDRADE, Letícia Ésther de. A consolidação do patriarcado no Brasil: a origem das desigualdades entre homens e mulheres. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano. 06, ed. 11, v. 07, nov. 2021, pp. 25-39. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/consolidacao-do-patriarcado>.
- AUGUSTO, Bruno Cezar Bio. As mulheres na sociedade colonial: Pobres e abastadas em Mato Grosso (1727 –1822). **Revista TEL**, Irati, v. 9, n. 2, jul. /dez. 2018, p. 209-227.
- ARRUDA, Luzia Rodrigues. **Mulheres negras garimpeiras na região de Peixoto de Azevedo – MT: Década de 1970 e 1980**. 27/05/2015 114 f. Mestrado em Educação. Universidade Federal De Mato Grosso, Cuiabá: IE / UFMT, 2015.
- BALDO, Bruna Myrtes. **Mulheres de Mato Grosso: A utilização de biografias femininas no ensino de História**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional). Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2021.
- BARRETO, Patrícia de Sena. **Mulheres escravizadas: gravidez, maternidade e as questões do trabalho no Brasil - século XIX (1830-1888)**. Monografia (Bacharelado em História). Mariana – MG: Universidade Federal de Ouro Preto, 2021.
- BEAUVOIR, Simone (1970 [1949]). **O Segundo Sexo**. 1. Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 4a edição; especialmente capítulos 1 (“Os dados da biologia”), 2 (“O ponto de vista psicanalítico”), 3 (“O ponto de vista do materialismo histórico”), p. 24-80. (Edição original: *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3959829/mod_resource/content/1/Beauvoir.O_segundo_sexo-DIFEL.pdf.
- BENFICA, T. A. H. História do ensino superior em Mato Grosso: das iniciativas frustradas à criação de um sistema universitário. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 19, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e.052>.
- BRASIL. **Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977**. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá

outras providências. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6515.htm.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

BRASIL. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm.

CAMARGO, Isabel Camilo de. A historiografia da escravidão em Mato Grosso e o escravo na lida com o gado: enfoque para a localidade de Sant'ana de Paranaíba (1857-1874). **Fronteiras: Revista de História**, v. 17, n. 29. Dourados – MS, 2015. p. 202-218.

CAMPOS, Maria das Graças; GONÇALVES, Marlene; CASTRILLON, Maria de Lurdes F. As mulheres nos relatos dos viajantes estrangeiros no século XIX na Província de Mato Grosso. **Revista da Faculdade de Educação** (Univ. do Estado de Mato Grosso), v. 35, n. 1, ano 20, jan./jun, 2021. p. 195-212.

CANDAU, A. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em Direitos Humanos. *Educação, & Sociedade*, Campinas v. 33, n. 118, p. 235-250, jan./mar. 2012.

CARLONI, Karla; MAGALHÃES, Lívia. (Org.). **Mulheres no Brasil republicano**. Curitiba: CRV, 2021.

CARLONI, Karla. Rosalina e Helena: o corpo da mulher branca emancipada no Rio de Janeiro da década de 1920 pelas lentes da literatura de Benjamin Costallat. *In*: CARLONI, Karla; MAGALHÃES, Lívia. (Org.). **Mulheres no Brasil republicano**. Curitiba: CRV, 2021, p. 21-42.

CASSAB, Latif Antônia; RUSCHEINSKY, Aloísio. Indivíduo e ambiente: A metodologia de pesquisa da história oral. **Biblos**, n. 16. Rio Grande, 2004. p. 7-24, 2004.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Dourados - MS: Ed. UFGD, 2014.

COSTA, Laís, Dias Souza da. A crônica feminina mato-grossense na revista *A Violeta*. Anais do III Seminário Internacional História e Historiografia. **X Seminário de Pesquisa do Departamento de História** – UFC, Fortaleza, 01 a 03 de outubro de 2012.

CRUZ, Bruna Rodrigues Viotto da. **Mulheres e docência: professoras na educação profissional na área de Gestão e Negócios**. 15/04/2020. Mestrado em Educação. Centro Universitário Salesiano de São Paulo. São Paulo, 2020.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 26. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2007.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Editora Massangana, 2010. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-127357/nisia-floresta>.

EDUCARTE INSTITUTO. **Conquistas Históricas das Mulheres**. s.d. Disponível em: <https://www.institutoeducarte.org.br/post/grandes-conquistas-femininas>.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, novembro/ 2001, p. 197-223.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. (1967). **Educação como prática da liberdade**. Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Maria Fernanda. Escravizada que virou rainha e liderou um quilombo de negros e indígenas. **Observatório do Terceiro Setor**. Publicado em: 29 set. 2018. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/a-escravizada-que-virou-rainha-e-liderou-um-quilombo-de-negros-e-indios/>. Acesso em: 11 out. 2022.

GARCIA, Domingos Sávio da Cunha. **Mato Grosso (1850-1889): uma província na fronteira do império**. Dissertação (Mestrado em História Econômica). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2001.

HADDAD, Maria Irene Delbone; HADDAD, Rogério Delbone. Judith Butler: performatividade, constituição de gênero e teoria feminista. **V Seminário Internacional Educando Sexualidades – 10 anos**. 2017. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA3_ID559_17072017160232.pdf.

INÁCIO, Myrrena. Do silêncio a uma voz: a princesa Isabel e a participação das mulheres no Império (1822-1889). **Revista Ballot**, v. 1, n. 2, set./dez. 2015, Rio de Janeiro. p. 216-335.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. Dossiê Femicídio. Se data (s.d.). Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/femicidio/capitulos/o-que-e-femicidio/>.

IPEA. Decomposição e projeção da taxa de participação do Brasil utilizando o modelo idade-período-coorte (1992 A 2030). **Mercado de Trabalho: Conjuntura e análise**. Ano 25, abr. 2019, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9923/1/bmt_66_NT_decomposicao_e_projecao.pdf.

JESUS, Nauk Maria de. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 5, n. 2, jul./dez., 2012. p. 93-113.

KLANOVICZ, Jó. **História do Brasil Imperial**. Centro Universitário Leonardo da Vinci: Indaial, Grupo UNIASSELVI, 2011.

LOURO, Guairá Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis - RJ: Vozes, 1997.

LÚCIDE, Dayse; KALIL, Tamar. Oficina: Como realizar entrevista / história oral? Evento: Semana Envolver – Cidade Jequitinhonha/MF. UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI – UFVJM – PROEXC, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/arthu/Downloads/procampo-oficina-historia-oral.pdf>.

MEYER, Dagmar E. Estermann; RIBEIRO, Cláudia; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Gênero, sexualidade e educação. 'Olhares' sobre algumas das perspectivas teóricometodológicas que instituem um novo G.E. **27ª Reunião Anual da ANPEd**, 21 a 24 nov. 2004, Caxambu – MG. Disponível em: http://27reuniao.anped.org.br/diversos/te_dagmar_meyer.pdf.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social, teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por escrito**, v. 5, n. 2, jul.-dez. 2014. Porto Alegre, p. 154-164.

MUNHOZ, Fabiana Garcia. **Invenção do magistério público feminino paulista: Mestra Benedita da Trindade do Lado de Cristo na trama de experiências docentes (1820-1860)**. 2018. 305 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

NOSSA CAUSA. Conquistas do feminismo no Brasil: uma linha do tempo. Publicado em: 09 mar. 2020. Disponível em: <https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/>.

OLIVEIRA, Anny Carolina de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; CORRÊA, Avani Maria de Campos. A história oral: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1. Rio de Janeiro, 2021, p. 63-77.

OLIVEIRA, Adriana Vidal de; NORONHA, Joanna Vieria. Afinal, o que é “mulher”? E quem foi que disse”. **Direito & Práxis** (revista). v. 07, n. 15, 2016, p 741-776.

PARREIRA, Luiz Eduardo Silva. Forte de Coimbra: Ludovina Alves Portocarrero, heroína do Brasil! **Magister Militum** - Revista eletrônica de História Militar e Polemologia, 04 nov. 2015.

PEREIRA, Luciano da Silva. **Trajatória de vida, estratégias de resistência e protagonismo de professoras quilombolas da Comunidade de Chumbo/Poconé/MT**. 30/03/2017 209 f. Mestrado em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá: 2017. / IE / UFMT.

PHILLIPI, Carolina Cechella. Mulheres inovadoras no ensino. **Revista História da Educação** (Online), 2020, v. 24: e95480 DOI: <http://doi.org/10.1590/2236-3459/95480>.

PONCIANO, Jessica Kurak. **A mulher escrita: Notas sobre a (in)visibilidade feminina no material didático no ensino médio de língua portuguesa e literatura do Estado de São Paulo**. 26/11/2015 174 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Presidente Prudente), Presidente Prudente, 2015.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1988.

SECOM-MT. Arquivo Público mostra mulheres que se destacaram na história de MT. Publicado em 06 mar. 2006. Secretaria de Estado de Fazenda, 2006. Disponível em: <https://www5.sefaz.mt.gov.br/-/arquivo-publico-mostra-mulheres-que-se-destacaram-na-historia-de-mt>.

SILVA, Luara dos Santos. O nosso feminismo e a arte de ensinar crianças: professoras primárias entre práticas de controle e agências no Brasil Republicano (1900-1920). In: CARLONI, Karla; MAGALHÃES, Lívia. (Org.). **Mulheres no Brasil republicano**. Curitiba: CRV, 2021, p. 57-74.

SILVA, Fernanda Borges da. **Desafios da mulher em cargos de liderança**. Monografia. Administração de Empresas da Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, 2017.

SILVEIRA, Josiane Alves da; SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos. História oral e memória: Construindo novas fontes de pesquisa sobre a Faculdade Católica de Filosofia de Rio Grande (1960-1969). **Momento**, v. 25, n. 2, jul./dez. 2016, p. 79-97.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Rumo a um novo senso comum jurídico: direito, globalização e emancipação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TEDESCO, João Carlos. (Org.) **Usos de Memórias**. Universidade de Passo Fundo: UFP Editora, 2002.

TRE/MT. As mulheres mato-grossenses escreveram belas páginas na história deste Estado", disse a presidente do TRE-MT. **Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso** – TER/MT. Publicado em: 08 mar. 2017. Disponível em: <https://www.tre-mt.jus.br/comunicacao/noticias/2017/Marco/as-mulheres-mato-grossenses-escreveram-belas-paginas-na-historia-deste-estado-disse-a-presidente-do-tre-mt>.

YAMASHITA, Quelce dos Santos. Documentação Paroquial e as práticas matrimoniais entre consangüíneos em Cuiabá no século XIX. ANPUH – **XXV Simpósio Nacional de História**. Fortaleza, 2009. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772005_9faefadee406276fb0ba4510c189cb6f.pdf>.

Apêndice 1 – Termo de Autorização para a realização da pesquisa

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu,....., portadora do CPF Nº , autorizo Adriana da Silva (telefone (66) 99665-7722, e-mail: prof.adriana78@gmail.com), orientanda da Professora Doutora Eliane Cadoná, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de Mestrado, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, Campus de Frederico Westphalen a realizar a pesquisa de campo, na modalidade Pesquisa de História Oral com mulheres que são destaques na história da educação nos Municípios de Rondonópolis-MT e Cuiabá-MT. A pesquisa em questão, objetiva, e investigar, por intermédio de documentos e entrevistas, o histórico da participação da mulher na educação de Mato Grosso nos últimos trinta anos, apresentada pelo título *HISTÓRIA DO MATO GROSSO E O LEGADO FEMININO: Mulheres e seu protagonismo no campo da Educação*.

Afirmo que fui informada de que:

- A coleta de dados será realizada após a aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da URI;
- Serão obedecidas as disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos;
- em se tratando de uma pesquisa de história oral e memória, serão citadas as fontes de pesquisa (sujeitos), não se aplicando a garantia de privacidade das pessoas citadas nos documentos e/ou contatadas diretamente; será garantida a não utilização das informações coletadas que possam trazer qualquer prejuízo para essas pessoas, respeitando assim, as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, conforme termos estabelecidos na Resolução nº 466/2012 e Resolução nº 510/2016.

Rondonópolis / Cuiabá, ___ de _____ de 2023.

Nome e assinatura da Participante

Apêndice 2 – Termo de Autorização para a realização da pesquisa – referente à Profa. Vilma (*in memorian*)

Termo de Autorização para a realização da pesquisa – referente à Profa. Vilma (*in memorian*)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Luciana dos Santos Oliveira, portadora do CPF Nº 030.351.201-61, autorizo Adriana da Silva (telefone (66) 99665-7722, e-mail: prof.adriana78@gmail.com), orientanda da Professora Doutora Eliane Cadoná, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de Mestrado, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, Campus de Frederico Westphalen a realizar a pesquisa de campo na cidade de Rondonópolis, na modalidade Pesquisa de História Oral, ou seja com entrevistas semiestruturadas com um professor ou professora, ou um vereador ou vereadora, ou um deputado ou deputada estadual que tenham em algum momento trabalhado com minha Mãe, a professora Vilma Moreira dos Santos, tendo em vista que minha genitora faleceu no dia 31 de Outubro de 2020, Eu, legítimo esta pesquisa, que apresentará minha Mãe/Educadora como um protagonista no campo educacional deste município.

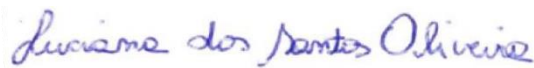
A pesquisa em questão, objetiva, e investigar, por intermédio de documentos e entrevistas, o histórico da participação da mulher na educação de Mato Grosso nos últimos trinta anos, apresentada pelo título *HISTÓRIA DO MATO GROSSO E O LEGADO FEMININO: Mulheres e seu protagonismo no campo da Educação*. Tendo como foco de pesquisa professoras das cidades de Rondonópolis – MT e Cuiabá - MT

Afirmo que fui informado/a de que:

- A coleta de dados será realizada após a aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da URI;
- Serão obedecidas as disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos;
- em se tratando de uma pesquisa de história oral e memória, serão citadas as fontes de pesquisa (sujeitos), não se aplicando a garantia de privacidade das

peças citadas nos documentos e/ou contatadas diretamente; será garantida a não utilização das informações coletadas que possam trazer qualquer prejuízo para essas pessoas, respeitando assim, as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, conforme termos estabelecidos na Resolução nº 466/2012 e Resolução nº 510/2016.

Fortaleza, 29 de abril de 2023.





Documento assinado digitalmente

LUCIANA DOS SANTOS OLIVEIRA

Data: 11/05/2022 15:59:03-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido às Participantes da Pesquisa

Convidamos você a participar de uma pesquisa intitulada: *HISTÓRIA DO MATO GROSSO E O LEGADO FEMININO: Mulheres e seu protagonismo no campo da Educação*, cujo objetivo geral é *investigar, por intermédio de documentos e entrevistas, o histórico da participação da mulher na educação de Mato Grosso nos últimos trinta anos*. Os objetivos específicos estão delimitados em: *a) Analisar, por meio de entrevistas e análise documental, como tem sido a participação da mulher no processo histórico da Educação de Mato Grosso; b) Descrever, por meio de entrevistas e análise documental, os papéis de maior destaque da mulher em Mato Grosso; c) Identificar, por meio de análise documental, as ações realizadas em Mato Grosso que permitem a participação da mulher como membro atuante da história da Educação do Estado; d) Por meio de narrativa, resgatar a história de mulheres dos municípios de Rondonópolis e de Cuiabá que tenham contribuído com a educação mato-grossense*. A pesquisa será realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, Campus de Frederico Westphalen. Tem como orientadora a Professora Doutora Eliane Cadoná, e como pesquisadora a mestranda Adriana da Silva. O convite para sua participação ocorreu a partir da percepção do papel importante e contributivo que expressam na educação e conseqüentemente na sociedade mato-grossense. Consideram-se critérios de participação: *a) atuar ou ter atuado na educação mato-grossense; b) concordar em participar voluntariamente da pesquisa respondendo à entrevista proposta; c) ter tempo para responder à entrevista; d) disponibilizar fontes documentais (fotos e documentos/arquivos pessoais) para complementar os dados coletados pela entrevista*. Caso aceite, sua participação se dará por meio de entrevista, que versará sobre a temática em questão, precedido do TCLE assinado, que versarão sobre a temática em questão, precedido do TCLE assinado, com dia e horário de aplicação previamente acordados com a entrevistada. Ressalta-se que as *entrevistas poderão ocorrer de forma presencial e/ou via google meet conforme a disponibilidade e necessidade da entrevistada*; serão gravadas para posterior transcrição. Somente a pesquisadora e a orientadora terão conhecimento dos dados, sendo publicados somente aqueles que a entrevistada autorizar. Estes materiais permanecerão arquivados em absoluto sigilo, sem quaisquer tipificação e identificação por um período de cinco anos e, após, inutilizados. Os físicos, oriundos da pesquisa, serão descartados de forma ecologicamente correta, conforme lei vigente no momento e os *on-line* serão excluídos. A sua participação é voluntária, podendo a qualquer momento da pesquisa, desistir e retirar seu consentimento, sem nenhum prejuízo para sua relação com a pesquisadora. Destaca-se que nenhuma pesquisa com seres humanos é isenta de riscos ou desconfortos. Assim, é possível que aconteçam alguns desconfortos ou riscos, como: alguma entrevistada se sinta inibida ou receosa para exporem suas vivências e expor outras fontes (documentais). Diante disso, alguns

cuidados serão tomados para a redução destes, como: aplicação da entrevista num local escolhido pela entrevistada e no formato que a mesma decidir (presencial ou outra); realização de quantos encontros a entrevistada achar necessário; utilizar somente as informações contidas em documentos pessoais conforme consentimento da entrevistada; proporcionar um ambiente com cuidado humano em que cada participante se sinta acolhida à participação. Os benefícios relacionados com a sua participação serão: promover reflexões e possibilitar a ressignificação de sua participação na história da educação mato-grossense; contribuir para novos referenciais em relação à participação da mulher na sociedade mato-grossense no que diz respeito à educação, à cultura e outros aspectos. Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em seminários, congressos e similares. A sua participação bem como a de todas as partes envolvidas será voluntária, não havendo remuneração para tal. Esta pesquisa não envolve gastos financeiros por parte da participante, por isso não haverá nenhum tipo de ressarcimento. Não está previsto indenização por sua participação, mas, caso você sofra qualquer dano - imediato ou tardio, previsto ou não - resultante da sua participação neste estudo, você tem direito à assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, e também o direito de buscar indenização. Ao assinar este termo de consentimento, você não abrirá mão de nenhum direito legal, incluindo o direito de pedir indenização por danos e assistência completa por lesões resultantes de sua participação neste estudo. Após ser esclarecida sobre as informações da pesquisa, se você aceita participar deste estudo, assine o Consentimento de participação. Este consentimento apresenta-se em duas vias, uma delas ficará sob sua posse e a outra sob a posse da pesquisadora. Está composto por uma página, frente e verso, portanto, solicitamos sua assinatura em ambos os versos. A qualquer momento, você poderá entrar em contato com a pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e sobre sua participação. Pesquisadora Responsável: Adriana da Silva, no endereço: Rua Nogueira, n. 802 Bairro Jardim Belo Horizonte, Rondonópolis, Mato Grosso, ou pelo telefone (66) 99665-7722, e-mail: prof.adriana78@gmail.com, ou ainda, com Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos (CEP), Rua Assis Brasil – Bairro Itapagé, Frederico Westphalen/RS CEP: 98-400-00, Tel.: (55) 3744. 9200 – Ramal 306, Coordenadora: Profa. Dra. Marinês Aires, Vice Coordenadora: Profa. Dra. Luci Mary Duso Pacheco, e-mail: cep@uri.edu.br. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome da Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Participante da Pesquisa

Assinatura da Orientadora

Rondonópolis-MT / Cuiabá-MT

Apêndice 4 – Roteiro de entrevista referente à Profa. Vilma Moreira (*in memorian*)

Este Roteiro contém 3 blocos de perguntas abertas destinadas à coleta de informações referentes à Pesquisa intitulada “HISTÓRIA DO MATO GROSSO E O LEGADO FEMININO: Mulheres e seu protagonismo no campo da Educação”, podendo este ser alterado no decorrer da entrevista, no surgimento de alguma questão que não tenha sido prevista pela pesquisadora ou ainda, algo que a participante gostaria de ressaltar.

1. Dados pessoais:

- a) Nome:
- b) Endereço:
- c) Tempo de convivência / conhecimento com a profa. Vilma:
- d) Vínculo de trabalho com a profa. Vilma:
- e) Como conheceu a profa. Vilma e sua proximidade com ela?

2. Relate o que sabe sobre a origem da profa. Vilma:

- a) História de vida familiar (pais, casamento, filhos):
- b) Recordações (dela) da vida em família:

3. Fases da trajetória de vida pessoal e profissional da profa. Vilma:

- a) Formação:
- b) Relação com a Educação:
- c) Formas de interação com os colegas de trabalho:
- d) Formas de interação com a sociedade:
- e) Contribuição com a história da Educação de Rondonópolis e do Estado de Mato Grosso:
- f) Contribuição com a história política de Rondonópolis e do Estado de Mato Grosso:
- g) Sentimentos em relação à trajetória pessoal e profissional - caso ela tenha, algum dia, relatado algo nesse sentido:
- h) O que mais importava para ela enquanto mulher, educadora e política:
- i) Maiores conquistas:
- j) Maiores desafios:
- k) Maiores inspirações:

l) Maior realização:

m) Algum tipo de frustração pessoal e/ou profissional que tenha conhecimento:

n) Em sua opinião, qual o maior reconhecimento dado à profa. Vilma em toda a trajetória na educação e na política de Rondonópolis e/ou de Mato Grosso?

o) Comentário sobre algo que não tenha sido perguntado e que gostaria de complementar:

Apêndice 5 – Roteiro de entrevista

Este Roteiro contém 3 blocos de perguntas abertas destinadas à coleta de informações referentes à Pesquisa intitulada “HISTÓRIA DO MATO GROSSO E O LEGADO FEMININO: Mulheres e seu protagonismo no campo da Educação”, podendo este ser alterado no decorrer da entrevista, no surgimento de alguma questão que não tenha sido prevista pela pesquisadora ou ainda, algo que a participante gostaria de ressaltar.

1. Dados pessoais:

- a) Nome:
- b) Local e data de nascimento:
- c) Endereço:

2. Origem:

- a) País:
- b) Avós:
- c) Infância:
- d) Família (até o tempo atual):
- e) Seu sentimento em relação à sua história de vida familiar:
- f) Suas melhores e piores recordações:

3. Fases da trajetória de vida pessoal e profissional:

- a) Seu processo de Educação:
- b) Sua relação com a Educação:
- c) Formas de interação com a sociedade:
- d) Opinião da atual situação da Educação do Estado de Mato Grosso:
- e) Visão de sua contribuição com a história da Educação de Mato Grosso:
- f) Seus sentimentos em relação à sua trajetória pessoal e profissional até o momento:
- g) Descreva o que considera mais importante na sua vida enquanto mulher que contribui com a Educação mato-grossense:
- h) Suas maiores conquistas:
- i) Seus maiores desafios:
- j) Suas maiores inspirações:

k) Suas perspectivas de futuro em relação à Educação mato-grossense:

l) Sua maior realização:

m) Comentário sobre algo que não tenha sido perguntado e que gostaria de complementar:

Apêndice 6 – Questionário com perguntas abertas para a escolha das Educadoras

Esse Questionário compõe-se de quatro perguntas abertas, que contribuirão com a eleição de Educadoras que serão sujeitos de uma pesquisa empírica, parte da Dissertação de Mestrado em Educação da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, cujo título é **HISTÓRIA DO MATO GROSSO E O LEGADO FEMININO: Mulheres e seu protagonismo no campo da Educação**. Sua participação nesse processo é de grande valia, por não encontrarmos produções bibliográficas que tratam especificamente de nosso tema, e mais especificamente voltado às educadoras de Rondonópolis e Cuiabá.

1. Identificação profissional:

UFR ou UFMT / SEDUC / Vereadores / Câmara Legislativa / Comunicação.

2. Analisando os últimos 30 anos, em sua opinião, quais Educadoras mulheres, tiveram destaque na Educação no município (Rondonópolis / Cuiabá)?

3. Quais projetos/ações executadas lhe fizeram chegar a estas Educadoras?

4. Você já leu alguma bibliografia que se refere exclusivamente às Educadoras que mencionou? Se sim, cite.

Rondonópolis/Cuiabá, maio de 2022.

ADRIANA DA SILVA

Mestranda

PROFA. DRA. ELIANE CADONÁ

Orientadora